

HOMEOPATIA

BASES E PRINCÍPIOS

*Vicente Wagner Dias Casali
Daniel Melo de Castro
Fernanda Maria C. de Andrade
Suzana Patrícia Lisboa*

Vicosa - MG
2006

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
DEPARTAMENTO DE FITOTECNIA**

PROGRAMA DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

“DIVULGAÇÃO DAS PLANTAS MEDICINAIS, DA
HOMEOPATIA E DA PRODUÇÃO DE ALIMENTOS
ORGÂNICOS”.

HOMEOPATIA: BASES E PRINCÍPIOS

VICENTE WAGNER DIAS CASALI
DANIEL MELO DE CASTRO
FERNANDA MARIA COUTINHO DE ANDRADE
SUZANA PATRÍCIA LISBOA

Este livro é parte do Curso de Homeopatia (Extensão Universitária) realizado em comunidades rurais, promovido pelo Departamento de Fitotecnia/CCA, registrado e aprovado pela Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal de Viçosa.

VIÇOSA-MG
2006

HOMEOPATIA: BASES E PRINCÍPIOS

Copyright by Departamento de Fitotecnia/UFV.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte pode ser reproduzida sem a autorização escrita e prévia do detentor do Copyright.

Arte da Capa: Suzana Patricia Lisboa

Fernanda Maria Coutinho de Andrade

Projeto Gráfico: Suzana Patricia Lisboa

Fotolito e Impressão: Suprema Gráfica e Editora

Distribuição dos Exemplares: V. W. D. Casali / Fitotecnia-UFV

Viçosa-MG – 36570-000

Fone: (31) 3899-2613

Fax: (31) 3899-2614

Ficha catalográfica preparada pela Seção de Catalogação e Classificação da Biblioteca Central da UFV

H765 Homeopatia: bases e princípios/ Vicente Wagner Dias
2005 Casali...[et al.]. – Viçosa: UFV; DFT, 2006.
149.: il.; 22cm.

Este livro é parte do Curso de Homeopatia (Extensão Universitária) realizado em comunidades rurais, promovido pelo Departamento de Fitotecnia /CCA, registrado e aprovado pela Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal de Viçosa.

Referência bibliográfica: p. 139-149

I. Homeopatia. I. Casali, Vicente Wagner Dias. II. Castro, Daniel Melo de. III. Andrade, Fernanda Maria Coutinho de. IV. Lisboa, Suzana Patrícia. V. Universidade Federal de Viçosa. Departamento de Fitotecnia.

CDD 22. ed. 615.532

BIOGRAFIA DOS AUTORES

VICENTE WAGNER DIAS CASALI

Engenheiro Agrônomo, 1966, UFRRJ; M.S. Fitotecnia, 1970, UFV; Ph. D. Genética e Melhoramento, 1973, Purdue University – EUA; Professor da UFV desde 1968. Leciona as disciplinas: Homeopatia (graduação) e Homeopatia na Agricultura (Pós-Graduação).

DANIEL MELO DE CASTRO

Engenheiro Agrônomo, 1995, UFV; M.S. Fitotecnia, 1997, UFV; D.S. Fitotecnia, 2002, UFV; Co-fundador do “Grupo Entre Folhas – Plantas Mediciniais”, DFT-UFV, em 1989. Co-fundador do “GEHOM – Grupo de Estudos em Homeopatia”, DBI-UFLA, em 2004. Professor da UFLA desde 1998. Leciona as disciplinas Homeopatia em Sistemas Biológicos (graduação) e Anatomia Vegetal (graduação e pós-graduação).

FERNANDA MARIA COUTINHO DE ANDRADE

Engenheira Agrônoma, 1995, UFV; M.S. Fitotecnia, 2000, UFV; D.S. Fitotecnia, 2004, UFV; Homeopata. Membro do “Grupo Entre Folhas – Plantas Mediciniais” – DFT/UFV desde 1994.

SUZANA PATRICIA LISBOA

Engenheira Agrônoma, 2003, UFV; Mestranda em Fitotecnia UFV; Homeopata. Membro do “Grupo Entre Folhas – Plantas Mediciniais” – DFT/UFV desde 1997.

AGRADECIMENTOS

À Deus, Suprema Inteligência,
Presença Infinita no Tempo e no Espaço, pela Criação.
À Hahnemann, pela Ciência da Homeopatia.
Aos alunos e alunas do curso de homeopatia, pela confiança.
À família agrícola, pela sabedoria.
À Universidade Federal de Viçosa pelo apoio
Ao Centro de Ciências Agrárias pelo estímulo
Ao Departamento de Fitotecnia pela cumplicidade
À Pró-Reitoria de Extensão e Cultura pelo incentivo.
Aos familiares, pelo amor.
Às amigas e amigos pela proximidade.

APRESENTAÇÃO

As ultradiluições possibilitam a terapêutica via princípios da homeopatia. Na bibliografia internacional ultradiluições se tornou sinônimo de preparados homeopáticos. O ano de 1796 marcou o acesso da humanidade aos efeitos causados pelas informações contidas na matéria. A informação que antecede a materialidade, por leis naturais, por meio da água, da lactose, da sacarose etc, se torna disponível via diluições e agitações (preparados homeopáticos/ultradiluições).

O ser humano, na sua incessante comunicação com o ambiente, tem nos preparados homeopáticos novo meio tecnológico de realizar interações. O ser humano com sua mente em evolução tem se chocado com essa tecnologia porque foi ensinado a pensar estando prisioneiro da matéria, sendo hóspede do consumo e condicionado pela crença na morte de sua essência.

Na medida que o ser humano pensar com seu cérebro direito, o cérebro feminino, vai se libertar da rigidez da matéria. Assim fica mais fácil adentrar o mundo informacional da imaterialidade. É o suficiente se permitir pensar, é necessário apenas deixar a velha roupa colorida. Sem o preconceito que acorrenta, sem o discurso que ilude, mas com a analogia e a sabedoria. Tudo via ciência, via concretude, via experimentações, via milhões de casos relatados, via milhões de homeopatas e centenas de medicamentos homeopáticos validados.

Estude, aprenda, ensine, pratique. E você se sentirá fluindo pelos caminhos da essencialidade e pelas vias da simplicidade, de tudo que compõe o organismo vivo Terra.

Leia a matéria desse texto e perceba a importância deste conhecimento na sobrevivência da raça humana e no equilíbrio desta civilização consumista. Não foi por displicência que nos idiomas surgiram as sinonimias "matéria com assunto" e "assunto com informação" conectando "matéria com informação", matéria com o que lhe dá origem, a informação. Porque o "conceito gera a forma" (Prof. Walmir R. G. Silva, Físico Quântico, Homeopata).

Alguns conhecimentos de Samuel Hahnemann que sistematizou a homeopatia, assim como, o saber de vários (as) homeopatas (terapeutas e estudiosos) que avançaram esta ciência, estão objetivamente amostrados nesta publicação. Foram cobertos apenas alguns tópicos e os temas possibilitam ao iniciante se inteirar do potencial das ultradiluições e de sua força harmonizante.

Este livro contém compilações, interpretações, revisões e discussões tendo objetivos extensionistas. Foi escrito visando ofertar ao (a) iniciante e aos (as) interessados (as) alguns conteúdos publicados e recentes pesquisas. Contém história/princípios/e bases dos fenômenos das ultradiluições, como instrumento moderno na terapêutica pela homeopatia. Os conteúdos são acessíveis aos interessados na homeopatia dos humanos, dos animais, das plantas, dos solos, das águas e talvez de outras partes do organismo vivo Terra!

O conteúdo desta publicação é parte da ementa dos cursos de homeopatia. Outros textos em fase de preparo completarão o programa de ensino dos cursos. Os temas aqui abordados provavelmente terão acréscimos nas próximas publicações pertinentes ao Curso de Extensão sobre Homeopatia da Universidade Federal de Viçosa.

Nas aulas os temas deste texto são abordados na profundidade coerente com cada turma de alunos. A elaboração dos preparados homeopáticos é abordada nos cursos com detalhamento muito maior que o conteúdo do capítulo 1, do mesmo modo, a história da Homeopatia. Por outro lado o capítulo 6 sobre modos de ação, em algumas turmas é ensinado na forma de ilustrações, exemplos e metáforas.

A repetição de abordagem nos vários capítulos tem a finalidade de auxiliar na aprendizagem considerando que vários participantes do curso de Homeopatia tem pouca familiaridade com os assuntos. Além disso vários participantes geralmente encontram-se em fase de transição da agricultura convencional (com agrotóxico) à agricultura orgânica com homeopatia e o princípio da similitude causa perplexidade e dificuldades na assimilação, daí a razão de repetir conceitos e explicações.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1	17
Elaboração dos preparados homeopáticos.....	19
Homeopatia: terapêutica com base científica.....	23
Inserção da homeopatia na agronomia.....	28
Homeopatia e ciência.....	29
A ciência das ultradiluições: homeopatia.....	35
CAPÍTULO 2	43
História da Ciência da Homeopatia.....	45
História da Homeopatia no Brasil.....	50
CAPÍTULO 3	55
A Força Vital.....	57
A Lei Fundamental de Cura.....	60
Os Princípios da Homeopatia.....	70
Princípio da Similitude.....	70
Princípio da Experimentação.....	73
Princípio da dose mínima.....	75
Princípio da substância única.....	81
CAPÍTULO 4	85
REVISÃO DE CONCEITOS PERTINENTES À CIÊNCIA DA HOMEOPATIA.....	87
Vitalismo.....	87
Energia.....	89
Ritmo.....	92
Estruturas e memória da água.....	95
CAPÍTULO 5	103
O TRABALHO DE LILLY KOLISKO/EUGEN KOLISKO E O MODELO DE CARLOS BONATO.....	103

CAPÍTULO 6.....	115
MODO DE AÇÃO DA HOMEOPATIA.....	117
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	139

INTRODUÇÃO

Na farmacologia convencional o princípio mais importante que fundamenta a pesquisa e a terapêutica é o princípio da resposta a doses, ou seja, a resposta à quantidade de fármaco. A pesquisa convencional em farmacologia é feita no sistema determinístico, ou seja, com previsão: de relações lineares, de comportamento regular, de situações não-caóticas. A afirmativa básica do princípio da resposta às doses é “quanto maior a dose, mais forte e intenso é o efeito”.

Na farmacotécnica homeopática as preparações tem doses cada vez mais diluídas seqüencialmente e são vigorosamente agitadas (sucussão). A preparação 1CH (primeira diluição, escala centesimal, 1 parte da tintura mãe por 99 partes do solvente água-álcool e sucussão) dá origem à 2CH (que utiliza 1 parte da 1CH por 99 partes do solvente e sucussão) e assim por diante.

No intervalo das preparações homeopáticas de 1 CH a 12 CH, em que o número de moléculas da solução homeopática diminui, tendendo probabilisticamente a zero moléculas, o princípio básico da farmacologia convencional torna-se paradoxal ao fenômeno da homeopatia. Isto porque a partir de 12 CH na farmacologia homeopática, a afirmativa básica da farmacologia convencional passa a ter correspondência com o número de dinamizações (diluições + sucussões), ou seja, “quanto maior a dinamização mais forte é o efeito.”

Na farmacologia convencional se a dose é muito baixa não causará efeito terapêutico. E se a dose é muito alta causará efeito prejudicial. Várias substâncias em doses altas causam efeitos tóxicos, e nas doses terapêuticas causam

efeitos colaterais. Nem toda substância é iatrogênica, porém a resposta iatrogênica (iatrogênese são efeitos colaterais de fármacos e que provocam adoecimento), de cada fármaco, depende do estado de purificação do fármaco ativo. Quanto mais puro estiver o fármaco ativo, maior é o seu efeito colateral. Na farmacologia homeopática não há estudos sobre o estado de purificação que confirmem qualquer correspondência com a farmacologia convencional. Tanto o sal puro e simples como algum extrato vegetal, fitoquimicamente complexo, podem gerar muitos efeitos/sintomas na experimentação.

SUKUL (2004) sintetizou sua análise nas informações que se seguem. A farmacologia convencional está limitada à interação química entre as moléculas de fármacos e as biomoléculas. Qualquer interação que não seja química e além das moléculas não cabe dentro da farmacologia convencional. As soluções altamente diluídas (além da constante de Avogadro) não contém moléculas do soluto por isso na farmacologia convencional não é esperado que causem qualquer ação nos sistemas biológicos.

Além do fenômeno das interações químicas entre moléculas não tem sido possível ao cientista convencional e às pessoas convencionais aceitarem outros fenômenos. Neste ponto dividem-se os humanos convencionais que ficam somente com o que sabem, dos humanos que ficam com a ciência e querem saber mais. Há aqueles que querem entender o que está conhecido, há aqueles que querem avançar no conhecimento. Fazer ciência é estudar os fenômenos que vão surgindo. Aceitar que só existe o que está explicado é limitar a mente. Os efeitos das ultradiluições são a experiência globalizada mais concreta de quem pratica a homeopatia em milhões de pacientes que se medicam com

preparados homeopáticos. Ainda assim os médicos convencionais alegam efeito placebo. Além das comprovações clínicas está disponível atualmente grande número de evidências experimentais que confirmam a ação das substâncias sem as respectivas moléculas, ou seja, a ação biofísica.

O fármaco (ou ingrediente ou planta ou microrganismo ou animal) deixa sua informação ou algum conteúdo imaterial na preparação homeopática e acima de 12CH apenas permanece a informação. Qual é a base física desse fenômeno? Não se sabe exatamente! Qual a base física da diferença entre preparados homeopáticos? Não há respostas completas ainda!

A homeopatia está ofertando à racionalidade científica: fatos, resultados concretos, metodologias próprias, princípios e filosofia, desde 1796. Portanto as evidências da ciência da homeopatia estão mais concretas que as verdades substituíveis da ciência materialista (cada dia lança novo produto no mercado e condena procedimentos então recomendados).

A homeopatia peca por ser pouco lucrativa, por oferecer solução popular, pela facilidade de fabricação, porque não é tóxica, porque é eficiente, cura na profundidade do organismo, não é invasiva, não causa efeito colateral, sendo essencialmente sustentável por causa do baixo custo. Com tais atributos não pode ser aceita no clube do lucro, no cartório das patentes, na turma do capital internacional, na equipe das empresas.

Qualquer produto com viabilidade de fabricação artesanal não interessa às empresas gigantescas. O custo de suas operações não compete com a mão de obra familiar. Às grandes empresas não interessa comercializar produtos

de baixo valor de mercado pois o lucro é menor e o investimento-retorno fica na contra mão da bolsa de valores. Conclusão, medicamento homeopático de baixo valor de mercado (pouco lucrativo) não é bem vindo ao sistema, pois a margem de lucro é pouco atrativa. E resolver definitivamente ou de modo duradouro os problemas de saúde tira os consumidores do mercado.

A homeopatia comete outro pecado no decálogo da globalização: é equilibradora, respeita a natureza, não extingue espécies, e acima de tudo é tecnologia social prontamente disponível. É a própria contramão da história do capital predatório imediatista. A mídia tem dado o grito derradeiro e fantástico do paradigma ortodoxo: "homeopatia não tem explicação científica por isso não pode ser usada". Há muitas pessoas apoiando esse grito robotizado.

Enquanto os preparados homeopáticos permanecem "proibidos de terem atividade biológica pela mente dos cientistas convencionais", milhões de usuários (juntamente com 10 mil médicos e milhares de homeopatas no Brasil) transgridem a ciência ortodoxa. Na Índia 500 mil médicos homeopatas estariam equivocados? Na Inglaterra, na França e na Alemanha aproximadamente 30% da população estaria sendo iludida pela homeopatia com a permissão dos governantes dos países de primeiro mundo?

A doença nova, que ainda não está presente na humanidade, tem mais riscos que a doença antiga porque o organismo tem a característica do aprendizado (a imunogênese é a prova concreta/material da aprendizagem). Se a enfermidade é nova o organismo não exercitou o processo de aprender a reagir.

A doença artificial manifestada pelo organismo durante a fase de experimentação de preparados homeopáticos, é

mais “adoecedora” que as doenças naturais porque a doença artificial é sempre nova.

No decorrer da clínica tem sido confirmado que a doença artificial gerada pelo medicamento homeopático é mais “adoecedora”. Não porque o organismo doente é considerado organismo fraco. A observação de que a doença artificial é mais forte sempre, decorre de ser nova. E sempre será mais nova à medida que o organismo se transforma. Pela Lei de Royal os medicamentos de dinamizações baixas causam efeitos mais rápidos e menos duradouros, por isso devem ser tomados em doses repetidas. É por isso também que provocam aprendizado limitado e são considerados supressores de sinais/sintomas. As dinamizações altas/altíssimas tem maior poder de ensinamento.

A clínica é soberana em relação as elaborações teóricas de qualquer terapêutica (medicina tradicional, medicina convencional, medicina veterinária). E a clínica na sua soberania tem revelado essa experiência de que a doença artificial é mais “adoecedora”. Por isso a doença artificial provocada pelo medicamento homeopático cura mais! Esta observação está de acordo com o Organon pois o fato de adoecer mais, significa que é mais forte, portanto sendo mais forte promoverá a cura duradoura.

CAPÍTULO 1

HOMEOPATIA: CIÊNCIA

Elaboração dos preparados homeopáticos
Homeopatia: terapêutica com base científica
Inserção da homeopatia na agricultura
Homeopatia e ciência
A ciência das ultradiluições: homeopatia

HOMEOPATIA: CIÊNCIA

Elaboração dos preparados homeopáticos

A preparação homeopática é capaz de provocar sintomas físicos e mentais no organismo sadio, assim como, é capaz de provocar o desaparecimento desses mesmos sintomas no organismo doente. A preparação homeopática é feita via diluições/sucussões sucessivas. O medicamento é prescrito segundo o princípio da semelhança, de acordo com os efeitos da substância causados no organismo vivo saudável (experimentação) e os sintomas do organismo doente. O preparado homeopático torna-se medicamento homeopático após ser submetido a experimentação de acordo com o protocolo. Os medicamentos utilizados em homeopatia são muito variados. A matéria-prima é, muitas vezes, comum a outras terapias, como a fitoterapia, de acordo com a revisão de DUARTE (2003).

Na elaboração dos preparados homeopáticos, utilizam-se substâncias de origem animal, mineral, vegetal e até produtos da indústria (inclusive a farmacêutica) além de microrganismos. Na medicação leva-se em consideração características individuais do organismo doente que se revelam no quadro diagnosticado. As preparações são feitas a partir da tintura-mãe, envolvem a diluição gradual no solvente água + álcool ou trituração em lactose e a sucussão, conforme indicado por Hahnemann (TIEFENTHALER, 1996).

A preparação homeopática obedece normas precisas e definidas pela Farmacopéia Homeopática (texto com procedimentos e protocolos de preparação) elaborada a partir das orientações básicas enunciadas por Hahnemann em 1810, na primeira edição do Organon. No Brasil, a

Farmacopéia Homeopática Brasileira foi oficializada pelo Governo Federal no Decreto nº 78.841, de 25 de novembro de 1976, sendo revista e complementada, em 1977, pelo Ministério da Saúde (LACERDA, 1994). Em 2002 foi publicada a segunda edição com atualizações. Modificações tem sido feitas pela ANVISA (Agência Nacional de Vigilância Sanitária).

Na sucussão, é feito o movimento ascendente e descendente, permitindo ao líquido mover-se em espiral, assim como de modo caótico. Além disso a movimentação ocasionada pela sucussão, gera contato intenso entre as moléculas da solução, sendo este talvez um dos motivos que ocasionam alterações nas soluções homeopáticas, que não são observadas em soluções diluídas, nas quais não se realiza as sucussões (REY, 2003).

A liberação do potencial medicamentoso interno depende não só da substância, mas também da escala de diluição utilizada, que pode ser decimal (1:10 simbolizada pelas letras D, DH ou X), centesimal (1:100 simbolizada pelas letras C ou CH), milesimal (1:1000), ou qualquer outra, sendo a centesimal e decimal as mais utilizadas (CAMPOS, 1994). A escala centesimal (C), que constitui a escala clássica, foi padronizada por Hahnemann, enquanto a escala decimal (D ou X) foi proposta por Hering (COUTINHO, 1993). Essas escalas não significam apenas distintos processos formais ou quantitativos de diluição, mas funcionam também como "seletor de faixa vibratória", de acordo com os conceitos de CAMPOS (1994).

Segundo a constante de Avogadro, a massa molecular de um mol de qualquer substância (gasosa, líquida ou sólida) possui aproximadamente $6,02 \times 10^{23}$ unidades elementares (átomos, moléculas, etc.). Há limite da quantidade de diluições

que podem ser feitas sem perda da substância original. Utilizando a escala centesimal, ao se diluir 11 vezes em série, qualquer substância, serão obtidas 60 moléculas na última diluição da série. Além da 12^a diluição, este resquício de moléculas se disseminará no volume crescente do diluente e se tornará praticamente nulo (SCHEMBRI, 1992; VITHOULKAS, 1980). A partir dessa diluição (12CH) não há probabilisticamente a presença de moléculas da substância original por haver sido ultrapassada a constante de Avogadro. Porém, na prática, verifica-se que quanto mais alta a dinamização, maior o poder terapêutico da substância.

No processo de dinamização ou de potencialização (diluição seguida de sucussão) as diluições progressivas removem os elementos moleculares da substância original e deixam na água apenas alguma forma de representação da substância original. Assim, os preparados homeopáticos contêm a "assinatura vibracional" da substância, a partir da qual foram preparados (GERBER, 1988).

Experimentalmente, estão disponíveis dados confiáveis mostrando que as soluções preparadas de acordo com as técnicas usuais da homeopatia, possuem propriedades físico-químicas diferentes das soluções apenas diluídas simplesmente, por exemplo, mudanças nos padrões de termoluminescência (REY, 2003) e alterações na absorção de raios ultra violeta (PORTO, 2004), mesmo em diluições que ultrapassam em muito a constante de Avogadro. Portanto há confirmação mensurável fisicamente de que as soluções homeopáticas são mais do que "apenas água e álcool, sem nenhuma possibilidade de atuar nos seres vivos, pois não têm princípios ativos", argumento muito comum utilizado pelos críticos da homeopatia. Ou seja, a resposta fisiológica observada nos seres vivos tratados com homeopatia ocorre,

muito provavelmente, devido a alterações físicas nas soluções homeopáticas. Os efeitos observados não se devem à milagres ou mágicas, conforme muitos afirmam, mas devido à fenômenos puramente físicos. É esperado que, conforme a tecnologia nas diversas áreas da física e da química avancem, a homeopatia encontrará cada vez mais respaldo teórico, pois na prática, os resultados se acumulam há mais de dois séculos. Historicamente, o que se passa na homeopatia hoje já foi observado por outras áreas do conhecimento, que adquiriram mais credibilidade apenas após o desenvolvimento de tecnologias cartesianas que permitiram sua comprovação diante da ciência ortodoxa, apesar de serem realidade muito antes disso. Exemplo bem conhecido é o da microbiologia. A existência de seres que não podiam ser vistos a olho nu (os microorganismos) era apenas hipótese antes da invenção do microscópio composto, atribuída aos holandeses fabricantes de óculos Hans Janssen e Zacharias Janssen, no final do século XVI.

O álcool e a água, utilizados como veículos nas preparações homeopáticas, devem ser de boa qualidade. Na água, solvente universal, o álcool atua na conservação. A água é o veículo capaz de levar as informações das moléculas ausentes, ou seja, da matéria da tintura-mãe. A água tem a capacidade de ser “carregada” com diversos tipos de informações e de armazená-las em suas moléculas. Essa água “carregada” é capaz de induzir alterações mensuráveis na fisiologia e no crescimento das plantas ou dos organismos vivos em geral, mesmo sem conter nenhuma substância (GERBER, 1988; DAVENAS et al., 1988). Provavelmente, a água é um dos elementos mais efetivos em transmitir informações aos sistemas biológicos, pois na composição dos seres vivos, a maior porcentagem é constituída de água,

assim como a maior parte da superfície do nosso planeta é ocupada por água.

As substâncias mantêm sempre as mesmas propriedades patogenésicas ou terapêuticas, em todas as dinamizações, variando-se somente o seu poder dinâmico que aumenta na proporção que aumentam as dinamizações (SCHEMBRI, 1992). O nível no qual se expressam os efeitos das soluções homeopáticas é dependente de sua dinamização. Nos seres humanos, por exemplo, as dinamizações mais baixas (menor diluição), geralmente, são mais efetivas em sintomas físicos e as dinamizações mais altas, atuam melhor em sintomas sensoriais e mentais (MICHAUD, 1998).

De acordo com a Farmacopéia Homeopática Brasileira, várias substâncias são apenas veículo ou insumo inerte, desprovidas de ação farmacológica, são as seguintes: água pura, obtida por destilação, bidestilação, deionização com filtração esterilizante, mili Q ou osmose reversa, etanol bidestilado, obtido em alambiques de vidro, em diversos teores (20 a 90%), etanol absoluto, glicerina, obtida em alambiques de vidro, glicerina diluída (geralmente 1:1 em água ou em água e álcool, na proporção 1:1:1), lactose, sacarose, amido, glóbulos inertes (de sacarose e lactose), microglóbulos inertes (de sacarose e amido), comprimidos inertes (de lactose ou de lactose e sacarose), tabletes inertes (lactose) (COUTINHO, 1993; FONTES, 2001).

Homeopatia: terapêutica com base científica

Na sociedade moderna o tratamento convencional das desordens das plantas e dos animais tem seguido o modelo médico convencional dos seres humanos, ou seja, é paliativo.

“Como ocorreu durante toda a história, a medicina convencional é inútil diante das doenças crônicas que incapacitam os seres humanos” (VITHOULKAS, 1980). Conclusivamente os tratamentos atuais alopáticos não são curativos. Os sintomas são os sinais da doença, portanto não são a doença e assim a medicina que apenas elimina sintomas, não cura.

A medicina humana convencional, praticada por médicos, sempre alcançou prestígio social maior, por isso a medicina influenciou as ações de outras classes profissionais (CASALI, 2003). E na agronomia essa influencia está estampada no solo, nas águas, nas plantas e nos alimentos. Todos estão doentes tanto quanto a raça humana (LEITE, 1987; AZEVEDO, 2000; CASALI, 2003).

Ações paliativas são o fundamento da medicina convencional. E a dúvida sobre existir ou não verdadeiros fundamentos e princípios na medicina convencional favorece as práticas da medicina popular (VITHOULKAS, 1980) com suas abordagens de alma/ânimo/fé/entusiasmo que completam o ser humano (VIEIRA & DE GREGORI, 1990). A medicina convencional como terapêutica não é científica (BELLAVITE et. al., 2002).

Ficou bastante claro que o sistema médico convencional (predominante) não tem princípios nem explicações sobre o que seja estado de saúde (VITHOULKAS, 1980). A medicina convencional apenas visa os sintomas a serem desaparecidos aos olhos do paciente, e com base nas análises de laboratório, nas cirurgias, dentre outros procedimentos (VIEIRA & DE GREGORI, 1990). Enquanto isso os médicos europeus se espantam com a medicina americana (EUA) tentando adotar o critério 12:8 de pressão arterial alta, que adoecerá instantaneamente milhões de

pessoas. Exceto na homeopatia, os fundamentos da saúde/doença ainda não foram formulados e essa verdade não é colocada à reflexão dos estudantes de medicina convencional (VIEIRA & DE GREGORI, 1990).

Embora assustadora, a conclusão é óbvia: a medicina convencional é a área do conhecimento fundamentada em aparências, em suposições, ou opiniões e que negligencia bases, princípios e leis de cura (VITHOULKAS, 1980). Trata-se de fragilidade de concepção. Portanto, as doenças crônicas, mesmo abordadas com tecnologias modernas pela medicina convencional, afrontam a genética e outras áreas básicas da biologia humana. O que se vê de modernidade na medicina convencional é a modernidade dos equipamentos e dos laboratórios. Avançou a física, a biofísica, a química, a bioquímica enquanto a medicina convencional adota a mesma postura de vários séculos passados. Estas áreas básicas avançaram, a medicina ortodoxa ficou. A medicina convencional ficou amparada pelo consumismo, pelo mercantilismo, ou negócio médico em que a doença é ótimo negócio (VITHOULKAS, 1980).

Por mais que a medicina e a agronomia, praticadas na visão consumista, usufruam da evolução tecnológica-científica, não atingiram seus objetivos: quais sejam viabilizar organismos saudáveis e alimentos saudáveis respectivamente. Faltam princípios, daí se sustentarem no medicamento iatrogênico e no agrotóxico. Fato concreto que demonstra esses equívocos é a decisão sábia da Comunidade Européia de exigir comercialmente alimentos sem resíduos de agroquímicos (agrotóxicos e hormônios sintéticos). É fato conhecido que alimentos de origem animal com resíduos de hormônios estão causando menstruação precoce em meninas e crescimento das mamas em meninos além de muitas

seqüelas.

A medicina convencional não acompanhou o progresso do pensamento (VITHOULKAS, 1980). Raros profissionais médicos consideram válida a Psicologia. A Psicossomática, ensinada nas faculdades de medicina, é pouco presente no pensamento do médico convencional (VIEIRA & DE GREGORI, 1990). Enquanto novas expressões se expandiam, a medicina convencional aplicava sangrias e purgativos, atravessando o século XVIII, combatendo Hahnemann que, pela primeira vez (1810) na história da medicina, formulou leis e princípios completos que regem a saúde e a doença dos seres humanos (VITHOULKAS, 1980; LISBOA et al., 2005). A medicina convencional, com sua visão de superficialidade, foi arrastada pela descoberta das causas microbiológicas das infecções. Mas Pasteur não apenas descobriu as ações dos microrganismos, mais importante foi revelar a suscetibilidade dos organismos aos microrganismos e Pasteur declarou: "o terreno é tudo". Substâncias cada vez mais tóxicas foram surgindo paralelamente aos agentes mais agressores (VITHOULKAS, 1980). Na agronomia convencional os procedimentos são os mesmos, a cópia fiel da medicina convencional, e ambas se admitem científicas. A medicina convencional persiste sem base em princípios, sem leis que são o fundamento de qualquer ciência.

A homeopatia tem como base a experimentação das preparações altamente diluídas e sucussionadas. Por essa razão as ultradiluições dos preparados homeopáticos não demandam a crença de pessoas. Não é preciso acreditar. Não fosse assim, como explicar os resultados obtidos em animais e, principalmente, em vegetais submetidos à soluções homeopáticas? As plantas e animais não possuem o

discernimento de acreditar ou não. Simplesmente reagem aos estímulos que lhe são dados. Todos os fenômenos da homeopatia são repetíveis, são previsíveis, são quantificáveis, são descritíveis e têm relação causa-efeito, assim como, base teórica explicativa. A homeopatia é conceituada como área do conhecimento com princípios, com filosofia e com metodologias próprias e por isso é reconhecida como ciência. Há muitas áreas do conhecimento na nossa civilização que não alcançaram o patamar de ciência e não são consideradas científicas por causa da ausência dos vários atributos presentes na homeopatia.

A homeopatia parte do fenômeno de causa-efeito e busca o modelo teórico. Na astronomia o ponto de partida é o modelo e se busca a relação causa-efeito. Na engenharia mecânica ambos, modelo e relação causa-efeito, estão estampados à vista do observador.

A adoção da homeopatia na agricultura, como prática geral, tem o objetivo de levar saúde ao meio rural. Como primeira consequência tem-se em vista o abandono dos agrotóxicos e toda a parafernália consumista que gerou: dependências do agricultor, prejuízos ao ambiente, distorções econômicas/sociais graves e o crescente abandono do meio rural. Adotando os princípios da Homeopatia e as leis de cura, o agricultor pode fazer a terra produzir alimentos sem venenos e sem resíduos tóxicos. A inserção da homeopatia na agronomia requer estratégias de ação e táticas de execução. Considerando-se a urgência da agricultura orgânica (sem venenos) e atendendo a demanda de sustentabilidade/autonomia, a opção foi pelo ensino da homeopatia à família agrícola e pela experimentação. E por conveniência muitas experiências são feitas na própria área de produção agrícola.

Inserção da homeopatia na agronomia

A Universidade Federal de Viçosa, dentro do “Programa de Extensão: Divulgação das Plantas Medicinais, da Homeopatia e da Produção de Alimentos Orgânicos”, está ensinando aos agricultores, no Curso de Homeopatia de 100/150 horas, os fundamentos da Ciência da Homeopatia. Divulga também os resultados das pesquisas em homeopatia que começaram em 1796. Com base nesse conhecimento, os estudantes agricultores, as mulheres homeopatas, os agricultores cientistas, estão sendo orientados a realizarem experiências, com repetição, dentro de suas propriedades. No fim do treinamento os estudos de caso (com repetibilidade) são divulgados na forma de seminário aos colegas de turma.

Esta metodologia do programa consegue incorporar ao mesmo tempo várias demandas: ensinar a teoria, ensinar a prática da experimentação, a interpretação dos resultados e gerar novos conhecimentos. Os dados/conclusões, além de estimularem o agricultor, trazem soluções do particular ao geral. Ao final do curso todos aprendem com todos.

Essa modalidade de praticar ciência é distinta, é algo intrínseco à ciência da homeopatia. Hahnemann gerou conhecimentos experimentando os preparados em pessoas porque sua formação era em medicina. O agricultor-homeopata faz o mesmo com suas plantas, seus animais de criação, seu solo, enfim seus agrosistemas.

A ciência da Homeopatia até hoje gera conhecimento sobre o potencial de uso dos preparados homeopáticos via experimentação em pessoas. Na agricultura não é diferente. E porque a homeopatia tem como base o princípio da Similitude o agricultor está praticando a semelhança entre:

as experiências com organismos humanos e as desordens dos organismos vegetais e dos agrosistemas.

Homeopatia e ciência

Durante os recentes três séculos, a ciência contemporânea progrediu, fundamentada em diversos princípios e leis. Cada princípio em sua época de criação e de acordo com as necessidades vigentes, auxiliou no desenvolvimento da ciência conforme revisão de CASTRO (2002).

A ciência ortodoxa está fundamentada na Filosofia Realista Materialista, que se baseia em cinco princípios, sintetizados a seguir conforme discutido por (GOSWAMI, 2001):

1) Princípio da Objetividade Forte – De acordo com este princípio o mundo se divide em “parte objetiva”, material (dominada pela ciência), e “parte subjetiva”, mental (dominada pela religião). Com essa divisão, René Descartes (filósofo e matemático francês do século XVII) libertou a investigação científica da ortodoxia da poderosa Igreja da época, que impunha sérias restrições e perseguições a qualquer descoberta que contrariasse os dogmas. Esse princípio, de acordo com BIGNARDI (1999), transformou a humanidade e gerou a sociedade de consumo.

2) Princípio do Determinismo Causal – Foi proposto por Isaac Newton (matemático e físico inglês do século XVIII). Enuncia que todo movimento pode ser exatamente previsto, se forem conhecidas as leis do movimento, as condições iniciais de posição do objeto e a velocidade de deslocamento dos objetos. O matemático francês do século XVIII, Pierre-Simon Laplace, também muito contribuiu na aceitação

filosófica desse princípio por seus contemporâneos.

3) Princípio da Localidade – Todas as influências entre objetos materiais no espaço–tempo devem ser locais, ou seja, as partículas e os sinais (interações) entre partículas devem viajar pelo espaço, com velocidade finita, no máximo à velocidade da luz (aproximadamente 300.000 km/s). Esse princípio é decorrência da teoria da relatividade, de Albert Einstein, pela qual nada na natureza se desloca com velocidade maior que a da luz.

4) Princípio do Monismo Materialista – Após 200 anos de sucesso da ciência newtoniana-cartesiana em prever e controlar fenômenos da matéria iniciou-se o questionamento da imaterialidade. Os princípios religiosos e a mente (ou espírito), seriam a outra parte do mundo, de acordo com o Dualismo Cartesiano. Mas de acordo com o Monismo Materialista a mente e a consciência, são feitos de matéria e de generalizações da matéria (como energia e campos de força).

5) Princípio do Epifenomenalismo – De acordo com este princípio, todos os fenômenos da mente, inclusive a consciência, são fenômenos secundários da matéria, ou seja a matéria do cérebro. A consciência, de acordo com o epifenomenalismo, é propriedade ou conjunto de propriedades do cérebro.

Surgiram propostas antagônicas à filosofia realista materialista. Rudolf Steiner declarou que os pensamentos antecedem os objetos e Rupert Sheldrake destacou que os campos mórficos precedem a matéria. Na Física Quântica moderna é admitido que o conceito gera a forma, portanto antecede a forma. A matéria é uma consequência e não a causa.

No início do século XX, diversos fenômenos não

explicados pela Física Clássica, gestaram a nova área do conhecimento denominada Física Quântica. A concepção quântica provocou a reavaliação cuidadosa da filosofia realista materialista e seus respectivos cinco princípios.

Em ciência, qualquer princípio ou lei, é considerado válido até que dados experimentais os coloquem em dúvida. O Princípio da Objetividade Forte foi abalado quando comprovou-se que as partículas que formam a matéria comportam-se, ora como ondas, ora como partículas. Esse comportamento depende do tipo de medição a que são submetidas. Esse comportamento é semelhante ao que ocorre com a luz e demais tipos de radiação, que possuem caráter ondulatório e corpuscular. Existe, portanto, o que os físicos quânticos denominam “ondas de matéria” ou “quanta de matéria”, idéia primeiramente defendida pelo físico francês, Louis de Broglie, em 1924 (EISBERG e RESNICK, 1994; GOSWAMI, 2001). Em experimentos conduzidos com o objetivo de determinar a posição, as ondas entraram em colapso instantaneamente, podendo-se observar a posição da partícula e vice-versa. Segundo o Princípio da Complementaridade, formulado por Niels Bohr (físico dinamarquês) em 1913, onda e partícula são aspectos complementares (por exemplo, dos elétrons), e o tipo de medição é que irá determinar qual desses estados complementares (onda ou partícula) será demonstrado (EISBERG e RESNICK, 1994; GOSWAMI, 2001).

Em razão dessa complementaridade, não se pode sustentar que a partícula seja exclusivamente material, nem tampouco exclusivamente imaterial (onda); e, da mesma forma, não se pode afirmar que qualquer radiação seja apenas onda, conforme pressuposto no Princípio da Objetividade Forte. O Princípio da Complementaridade também é válido

contra o Princípio do Monismo Materialista, pois o caráter material não é único.

O Princípio do Determinismo Causal encontra argumentos contrários no Princípio da Incerteza, formulado pelo físico alemão Werner Heisenberg, em 1926. De acordo com esse princípio, não é possível determinar simultaneamente e com absoluta certeza, a posição e o *momentum* (massa x velocidade) de alguma partícula. Ao determinar um dos parâmetros, nada se pode determinar do outro. A posição da partícula é função da probabilidade, que depende do resultado de diversos experimentos, nos quais foram estabelecidas as posições observadas das partículas. Ou seja, não existe 100% de certeza ao se prever que alguma partícula esteja naquela posição, naquele momento (GOSWAMI, 2001; EISBERG e RESNICK, 1994). Portanto, se há incerteza, não há determinismo.

O Princípio da Localidade não pode ser sustentado como verdade absoluta após a constatação de que, ao se realizarem as medidas de posição, a onda associada à partícula entra em colapso instantaneamente, sem estágios intermediários. Isso significa que esse fenômeno é não-local (GOSWAMI, 2001).

Invalidando o Princípio da Localidade da ciência ortodoxa, ASPECT et al. (1982) comprovaram que partículas que interagiram em algum momento entre si (por exemplo, dois fótons emitidos ao mesmo tempo por um átomo) possuem correlação instantânea, independentemente da distância entre as partículas, ou seja, não-local. Isso equivale afirmar que a medição realizada em qualquer variável de uma das partículas (do par de partículas quânticas) correlacionadas irá determinar o estado da outra. No caso de um par de fótons emitidos ao mesmo tempo por um átomo, sabe-se que suas

direções de polarização são iguais. Se for realizada a polarização de um fóton, por exemplo, no sentido vertical, significa que, naquele momento a direção de polarização do outro fóton será obrigatoriamente vertical, não importando a distância entre eles. Pela aplicação do Princípio da Incerteza, enquanto não se realiza nenhuma medição, os estados das partículas se sobrepõem (um fóton tem polarizações em todos os sentidos ao mesmo tempo). As propriedades de onda e partícula são simultâneas, significando que os fótons não possuíam estados predeterminados ao serem emitidos. Ao ser feita a polarização de um dos dois fótons, a respectiva função de onda se desfaz, determinando-se apenas uma direção na sua polarização. Nesse momento, a função de onda do fóton correlacionado com o primeiro também se desfaz, e sua direção de polarização nesse instante é exatamente igual à daquele. No experimento, ASPECT et al. (1982) utilizaram o interruptor que alterava a direção de polarização de um dos detectores utilizados (ressalta-se que os fótons eram detectados em direções opostas da fonte emissora). A cada 1×10^{-9} s, o interruptor mudava a direção de polarização. Esse tempo é menor do que o necessário a que qualquer sinal local (inclusive a luz) chegue ao outro fóton, “informando-o” sobre qual a direção de polarização de seu correlato naquele momento, mas mesmo assim, observou-se que as direções de polarização entre fótons correlacionados foram coincidentes. Com esse resultado, infere-se que deve existir alguma relação não-local entre os fótons, ou seja, que não é transmitida no espaço-tempo, pois é instantânea (GOSWAMI, 2001). O Princípio da Localidade foi portanto invalidado.

A ciência ortodoxa, portanto, não dispõe, em absoluto, dos recursos técnicos que possam explicar todos os

fenômenos naturais. O fenômeno da homeopatia tem sido comprovado por meio de pesquisa científica porém os recursos técnicos tem sido insuficientes no gerar dados que expliquem o modo de ação dos preparados homeopáticos coerente com o modo de recepção pelos organismos.

As leis cartesianas-newtonianas são aplicáveis aos fenômenos macroscópicos, e a Física Quântica vem, ao contrário do que se possa imaginar, ampliar os horizontes da ciência e não negar o que já foi feito. O inegável progresso alcançado pela Humanidade nos últimos três séculos deve-se à interpretação cartesiana da realidade material o que comprova a eficiência das leis clássicas ao explicar o comportamento dos objetos nos quais se fundamenta a sociedade de consumo atual (CASTRO, 2002).

Observa-se que muitas das leis da Física Clássica são particularidades da Física Quântica, que explica a passagem instantânea do elétron de um orbital a outro, no átomo (salto quântico), assim como o movimento do pêndulo, que também é função discreta (e não contínua), como o salto quântico de elétron. Ainda não é possível medir os “degraus” (ou saltos) energéticos que compõem o movimento pendular, pois a variação de energia (ΔE) entre um e outro degrau é da ordem de 2×10^{-29} j, não existindo, na atualidade, nenhum instrumento capaz de detectar variação de energia tão pequena (EISBERG e RESNICK, 1994). Porém, a Física Quântica já possui aplicações práticas há algum tempo. Por exemplo, a partir do desenvolvimento da luz coerente, ou “laser” (palavra formada pelas iniciais de *light amplification by stimulated emission of radiation*), que foi possível com a aplicação das teorias quânticas, criaram-se diversas tecnologias utilizadas no cotidiano, como as impressoras a laser, os discos a laser, os bisturis a laser e os sistemas de

determinação de distâncias a laser, sendo estes últimos utilizados na determinação da distância exata da Terra à Lua, dentre outros casos. Mesmo na agronomia, citando-se como exemplo a área de ciência do solo, o laser é utilizado em equipamentos (rugosímetros a laser) destinados a determinar a rugosidade superficial do solo de modo mais preciso do que os equipamentos de agulha, pois permite que se determinem, com maior facilidade, as formas tridimensionais da superfície do solo (BERTOLANI et. al. 2000, citados por CASTRO, 2002).

Tal como os fenômenos que instigaram pesquisadores no início do século XX a repensarem a maneira clássica de se observar o mundo, a Homeopatia permanece ainda hoje como algo a ser mais explicado, o que talvez possa ser realizado de alguma forma por meio das leis da Física Quântica, uma vez que a Física Clássica não o consegue (GUTMANN, 1990; POITEVIN, 1991) muito menos a Química Clássica.

A ciência das ultradiluições: homeopatia

A Homeopatia teve início como terapêutica humana. Desde a origem tem como base os resultados experimentais, como toda ciência. Os dados experimentais foram obtidos a partir de 1796 por diversos autores, sendo a compilação feita em textos, denominados *Matéria Médica*. Nessas obras estão descritos os efeitos e sintomas causados por diversas substâncias experimentadas em seres humanos saudáveis (VITHOULKAS, 1980), sintomas esses denominados "patogênesias". Os dados em Homeopatia foram obtidos primeiramente a partir da experimentação em organismos humanos, a começar pelo próprio Hahnemann, que testou

diversas substâncias em si, nos seus familiares e nos seus amigos. Após algum tempo, iniciaram-se as pesquisas em animais domésticos, em microrganismos e em vegetais conforme revisão de CASTRO (2002).

Diversos autores, citados por POITEVIN (1991), realizaram trabalhos utilizando a Homeopatia nas mais diversas áreas biológicas, como a fitotecnia, a toxicologia, a endocrinologia, a imunoalergologia e a enzimologia. Portanto, as preparações altamente diluídas e não-moleculares (preparados homeopáticos), produzem resultados observáveis na matéria densa dos organismos vivos.

O estado evolutivo da pesquisa em Homeopatia é bastante discutido atualmente. LINDE et al. (1997) realizaram extensa revisão sobre a bibliografia incluindo a computadorizada, em institutos de pesquisa, livros e via contatos com pesquisadores à busca de ensaios clínicos feitos com metodologia estritamente científica. O objetivo desses autores foi verificar, via análises estatísticas e técnicas de metanálise, se o efeito produzido pelo tratamento homeopático igualava-se ao do placebo. De 186 trabalhos encontrados, 89 satisfaziam as condições preestabelecidas, concluindo que os resultados da homeopatia não eram devidos simplesmente ao efeito placebo, ressaltando-se no entanto, que não havia evidências suficientes, dentro dos critérios adotados, a favor dos tratamentos homeopáticos.

KLEIJNEN et al. (1991), também utilizando metanálise na comparação de resultados obtidos em 107 ensaios clínicos controlados com medicamentos homeopáticos, concluíram identicamente a LINDE et al. (1997), ressaltando a baixa qualidade metodológica dos ensaios. LINDE et al. (1999) refizeram as análises dos mesmos dados utilizados no trabalho de 1997, usando desta vez, métodos de meta-

regressão, mais exigentes do que a metanálise, concluindo que, o efeito da Homeopatia se igualaria ao do placebo. Conforme os próprios autores, é preocupante o fato de que apenas 89 trabalhos fossem considerados aptos a serem incluídos na pesquisa citada. Geralmente são utilizados 200 ou mais trabalhos ao se realizarem metanálises, o que pode ter causado resultados pouco conclusivos.

A escassez de trabalhos científicos na área médica homeopática realizados dentro dos moldes vigentes na ciência ortodoxa, de acordo com PUSTIGLIONE (1991), deve-se à marginalização em que se encontra a Homeopatia, distanciada dos meios acadêmicos e da pesquisa. Também ao comodismo da maioria dos médicos homeopatas, por considerarem as informações de autores antigos e a prática clínica diária, suficientes à manutenção da Homeopatia como ciência. Esse autor ainda esclareceu que, em seus primórdios, os pesquisadores da Homeopatia seguiam rigorosamente os métodos científicos vigentes na época (Revolução Industrial). No entanto, deve-se ressaltar que a partir desse período da revolução industrial o ser humano começou a ser considerado peça do processo produtivo e não mais organismo complexo/dotado de vitalidade, e também foi iniciado o afastamento entre a Homeopatia e a Ciência, que foi se acentuando conforme a ciência passava a adotar (e conseqüentemente a financiar) cada vez mais a dissecação e individualização dos fenômenos como única e exclusiva forma de entender a natureza.

Tendo em vista a Homeopatia aplicada à medicina POITEVIN (1991) propôs critérios de avaliação: a) métodos de demonstração da eficácia biológica, ressaltando-se que esses métodos devem ser melhorados e dotados de rigor científico. b) o pesquisador, ao atuar nessa área, deve manter

contato com as disciplinas clássicas, aliando criatividade e rigor em suas pesquisas; c) coleta de dados provenientes de observações clínicas; d) o princípio da similitude deve estar presente nos ensaios e estudos de caso. Esses critérios propostos podem ser considerados válidos não apenas à Homeopatia como terapêutica, mas também à Homeopatia como ciência. Conforme POITEVIN (1991) a Homeopatia comporta múltiplas facetas, situada na confluência das ciências humanas, biológicas e físicas. A estratégia de pesquisa em Homeopatia deve ter duas linhas gerais. A primeira mais tradicional, voltada à pesquisa dos efeitos das substâncias em organismos saudáveis, e a segunda direcionada à pesquisa dos efeitos das substâncias em organismos doentes.

WIEGANT et al. (1998) ressaltaram que a pesquisa em Homeopatia deve se expandir na área clínica, estimulando médicos a anotarem precisamente os resultados obtidos na prática cotidiana, incrementando credibilidade perante a opinião pública, enquanto os ensaios patogénicos controlados testariam novas substâncias e reestudariam aquelas já descritas.

A pesquisa deve ser estendida também ao setor rural, no qual o objetivo seria os alimentos livres de resíduos químicos provenientes de insumos convencionais. A pesquisa básica em Homeopatia deveria ser fortalecida em dois aspectos fundamentais, quais sejam: a descoberta de substâncias medicamentosas conforme o protocolo de experimentação e o modo de atuação dos medicamentos homeopáticos em acordo com o princípio da similitude. Na pesquisa de substâncias é importante que haja repetição dos experimentos e a elaboração de teorias sobre a ação das substâncias nos organismos vivos. A pesquisa sobre atuação

dos medicamentos homeopáticos deve ser multidisciplinar.

De acordo com a revisão de SCOFIELD (1984) sobre os trabalhos de pesquisa com preparados homeopáticos no controle de doenças em plantas, a homeopatia pode ser recurso valioso no tratamento dos vegetais e nas práticas de prevenção destes distúrbios.

As preparações homeopáticas caracterizam-se pelas dinamizações (diluições e agitações sucessivas), processo que acentua as propriedades de cura, cujo emprego é ministrado não somente no intuito de equilibrar sintomas orgânicos, mas reestabelecer a ordem vital do organismo (LISBOA et al., 2005). A dinamização foi a grande inovação dentro da ciência das ultradiluições e tinha como precedentes o uso pelos alquimistas. A preparação das soluções homeopáticas em si é muito simples, mas extremamente trabalhosa e exige muitos cuidados. Na técnica clássica de preparação, criada por Hahnemann e utilizada desde então, é necessário usar um frasco separado por diluição e agitar 100 vezes cada diluição. O processo de agitação (sucussão) é caracterizado pela movimentação vertical forte, vigorosa contra algum anteparo de consistência firme. A diluição homeopática é o ato de diluir a substância medicamentosa. A diluição da substância medicamentosa sem sucussão, não causa ação homeopática podendo ser comprovado experimentalmente (COUTINHO, 1993) o que já foi feito por BELLAVITE et. al. (2002). A diluição simples pode causar efeitos conforme o Princípio da Hormese.

O ato de dinamizar (diluição seguida da sucussão) reduz a quantidade da substância da tintura mãe, porém aumenta a eficácia do medicamento. A dinamização propicia à substância sua ação terapêutica. As preparações homeopáticas não desenvolvem sua eficácia de forma

química, mas principalmente por meio de suas informações específicas intrínsecas, as quais são transferidas ao veículo de diluição (TIEFENTHALER, 1996). Enquanto estiver presente moléculas da substância é possível a hipótese de algum efeito químico ocorrer, porém a partir de 12C o efeito é apenas físico.

A Matéria Médica Homeopática contém os resultados das pesquisas com preparações ultradiluídas (homeopatizadas) de substâncias medicamentosas. Do reino vegetal origina-se a maioria dos medicamentos homeopáticos, o que faz confundir homeopatia com fitoterapia (a terapêutica pelas plantas medicinais). Em geral se utilizam plantas silvestres recolhidas no seu ambiente normal, com o máximo de crescimento e frescor, diferentemente das preparações alopáticas, que usualmente se valem de plantas dessecadas resultantes de cultivo. *Atropa belladonna* (beladona), *Opium* (ópio), *Allium cepa* (cebola) e *Coffea cruda* (café) são nomes de alguns medicamentos homeopáticos vegetais. Do reino animal se obtêm medicamentos homeopáticos usando organismos inteiros, como *Apis mellifica* (abelha), *Formica rufa* (formiga-vermelha), *Cantharis* (besouro cantárida), ou produtos fisiológicos, como secreções, venenos de cobras (*Lachesis muta*, preparado do veneno da surucucu) ou produtos patológicos, constituindo os nosódios (como *Tuberculinum*, *Medorrhinum*, *Psorinum* e *Syphilinum*, entre outros).

Do reino mineral, utilizam-se as substâncias puras como *Aurum* (ouro), *Sulphur* (enxofre), os sais como *Phosphorus* (fósforo) e *Arsenicum album* (arsênico), *Natrum muriaticum* (sal de cozinha) os produtos sintéticos como o *Phenobarbitallum* (fenobarbital, medicamento anticonvulsivante), *Salicylicum acidum* (ácido salicílico,

analgésico e antitérmico), ao lado de algumas preparações homeopáticas complexas, como *Causticum*.

A nomenclatura homeopática é universal, tendo sido proposta por Hahnemann, que optou pela expressão latina. Seguem-se ao nome, a designação da dinamização e a escala (SCHEMBRI, 1992), por exemplo *Apis mellifica* 3CH. A letra H designa a preparação feita de acordo com o procedimento Hahnemanniano.

A liberação do potencial medicamentoso da substância depende da escala de diluição: decimal (1:9), centesimal (1:99) ou milesimal (1:999), sendo a centesimal (C) e a decimal (D) as mais utilizadas (CAMPOS, 1994).

Escala centesimal. A designação "C" refere-se às diluições centesimais, ou seja, de uma parte da substância inicial com 99 partes da solução diluente. Cada diluição subsequente repete o processo de diluição e de sucussão (100 sucussões ritmadas). A diluição 6C, por exemplo, segue esse processo por seis vezes e contém uma parte da substância inicial por um trilhão de partes da solução final. É improvável que diluições de 12C ou maiores contenham alguma molécula da substância original de acordo com o número de Avogadro ($6,02 \times 10^{23}$).

Escala decimal. A escala decimal refere-se às diluições de uma parte da substância inicial em nove partes da solução diluente. Cada diluição subsequente repete o processo de 1:9 e de 100 sucussões. Na diluição 6D, por exemplo, a rotina é repetida seis vezes, atingindo-se uma parte da substância inicial por um milhão de partes da solução final.

química, mas principalmente por meio de suas informações específicas intrínsecas, as quais são transferidas ao veículo de diluição (TIEFENTHALER, 1996). Enquanto estiver presente moléculas da substância é possível a hipótese de algum efeito químico ocorrer, porém a partir de 12C o efeito é apenas físico.

A Matéria Médica Homeopática contém os resultados das pesquisas com preparações ultradiluídas (homeopatizadas) de substâncias medicamentosas. Do reino vegetal origina-se a maioria dos medicamentos homeopáticos, o que faz confundir homeopatia com fitoterapia (a terapêutica pelas plantas medicinais). Em geral se utilizam plantas silvestres recolhidas no seu ambiente normal, com o máximo de crescimento e frescor, diferentemente das preparações alopáticas, que usualmente se valem de plantas dessecadas resultantes de cultivo. *Atropa belladonna* (beladona), *Opium* (ópio), *Allium cepa* (cebola) e *Coffea cruda* (café) são nomes de alguns medicamentos homeopáticos vegetais. Do reino animal se obtêm medicamentos homeopáticos usando organismos inteiros, como *Apis mellifica* (abelha), *Formica rufa* (formiga-vermelha), *Cantharis* (besouro cantárida), ou produtos fisiológicos, como secreções, venenos de cobras (*Lachesis muta*, preparado do veneno da surucucu) ou produtos patológicos, constituindo os nosódios (como *Tuberculinum*, *Medorrhinum*, *Psorinum* e *Syphilinum*, entre outros).

Do reino mineral, utilizam-se as substâncias puras como *Aurum* (ouro), *Sulphur* (enxofre), os sais como *Phosphorus* (fósforo) e *Arsenicum album* (arsênico), *Natrum muriaticum* (sal de cozinha) os produtos sintéticos como o *Phenobarbitallum* (fenobarbital, medicamento anticonvulsivante), *Salicylicum acidum* (ácido salicílico,

analgésico e antitérmico), ao lado de algumas preparações homeopáticas complexas, como *Causticum*.

A nomenclatura homeopática é universal, tendo sido proposta por Hahnemann, que optou pela expressão latina. Seguem-se ao nome, a designação da dinamização e a escala (SCHEMBRI, 1992), por exemplo *Apis mellifica* 3CH. A letra H designa a preparação feita de acordo com o procedimento Hahnemanniano.

A liberação do potencial medicamentoso da substância depende da escala de diluição: decimal (1:9), centesimal (1:99) ou milesimal (1:999), sendo a centesimal (C) e a decimal (D) as mais utilizadas (CAMPOS, 1994).

Escala centesimal. A designação “C” refere-se às diluições centesimais, ou seja, de uma parte da substância inicial com 99 partes da solução diluente. Cada diluição subsequente repete o processo de diluição e de sucussão (100 sucussões ritmadas). A diluição 6C, por exemplo, segue esse processo por seis vezes e contém uma parte da substância inicial por um trilhão de partes da solução final. É improvável que diluições de 12C ou maiores contenham alguma molécula da substância original de acordo com o número de Avogadro ($6,02 \times 10^{23}$).

Escala decimal. A escala decimal refere-se às diluições de uma parte da substância inicial em nove partes da solução diluente. Cada diluição subsequente repete o processo de 1:9 e de 100 sucussões. Na diluição 6D, por exemplo, a rotina é repetida seis vezes, atingindo-se uma parte da substância inicial por um milhão de partes da solução final.

CAPÍTULO 2

**HISTÓRIA DA CIÊNCIA DA HOMEOPATIA E
HISTÓRIA DA HOMEOPATIA NO BRASIL**

**“A HOMEOPATIA NÃO É EXCLUSIVIDADE DA
MEDICINA”**

Fernando de Almeida Martins

Procurador Geral da República Federativa do Brasil, 2004

História da Ciência da Homeopatia

Neste capítulo serão relatados, de modo objetivo e resumido, os fatos relacionados a história da Homeopatia. O enfoque deste capítulo se concentra nos episódios e nos comentários de autores a respeito dos acontecimentos. A análise histórica da evolução do pensamento que culminou com os Princípios da Homeopatia, consta do capítulo 3 sobre a Força Vital e a Lei Fundamental de Cura.

Na visão de DUARTE (2003) interpretando vários autores no século XVIII, aconteceu silenciosa revolução cujos efeitos sobre a humanidade provavelmente se equiparam aos da Revolução Francesa sendo o mentor dessa revolução Samuel Hahnemann. Deve ser lembrado ainda que nessa época surgiram outras novas idéias, muito compatíveis com a homeopatia de Hahnemann, e que estão relegadas pela história da ciência atual à segundo plano. Como o sistema de interpretação da natureza proposto por Goethe e o lançamento das bases do que seria, no futuro, uma das escolas da agricultura orgânica, a biodinâmica, proposta por Rudolf Steiner, discípulo de Goethe. As raízes da Filosofia Homeopática remontam aos ensinamentos de Paracelso e de Hipócrates, mas o sistema terapêutico formal foi idealizado e desenvolvido no século XVIII, por Christian Frederick Samuel Hahnemann. Samuel Hahnemann descobriu, desenvolveu e sistematizou as leis fundamentais da cura, que estão produzindo mudanças revolucionárias no pensamento relativo à doença e em outras áreas, como por exemplo, Física, Química, Biologia, Biofísica e Bioquímica.

Hahnemann nasceu na Alemanha e desde cedo demonstrou notáveis habilidades. O pai ensinou-lhe desde cedo a ter disciplina e a pensar por meio de exercícios de

raciocínio exigindo que resolvesse sozinho vários problemas. Hahnemann era talentoso nos idiomas e já aos doze anos ensinava grego aos seus colegas (VITHOULKAS, 1980).

Cursou Medicina na Universidade de Leipzig e em Viena, graduou-se em 1779, defendeu sua tese de doutorado em Erlangen. Conquistou muito respeito nos círculos profissionais, pelos seus conhecimentos sobre Medicina, Química, Botânica, Matemática e Física, e vários idiomas conforme revisão de DUARTE (2003).

Ao longo de 10 anos de exercício de profissão, Hahnemann demonstrou muito incômodo pela falta do pensamento fundamental que sustentasse as práticas de sangria, catárticos, ventosas e substâncias químicas tóxicas utilizadas na terapêutica da época (VITHOULKAS, 1980). Em 1789 esgotou-se sua tolerância com a ausência de princípios da medicina da época e que justificassem os procedimentos médicos, deixou de clinicar (DUARTE, 2003). Passou a dedicar-se somente à tradução de livros e à busca incessante do “pensamento fundamental da verdadeira arte de curar” (SCHEMBRI, 1992).

Em 1790, ao traduzir o livro “Matéria Médica”, do conceituado médico escocês Dr. Willian Cullen, constatou no texto o tratamento de malária com cascas de quina, além da ação terapêutica da *China officinalis* sobre a febre intermitente, ou malária (VITHOULKAS, 1980). Cullen relatava que a quina, substância extraída da casca de certas árvores, controlava a febre porque fortificava o aparelho digestivo teoria muito irracional de alguém conhecedor da química. Foi por causa dessa tradução da Matéria Médica que Hahnemann foi motivado e divulgou o resultado de suas observações na comunidade científica (VITHOULKAS, 1980).

Hahnemann descreveu posteriormente a auto-

experimentação da *China*, revelando que ele próprio, um ser saudável, teve os mesmos sintomas da febre sendo esta a verdadeira razão da cura, isto é, se a *China officinalis* é capaz de produzir no organismo sadio os sintomas da febre intermitente, também pode curá-la (MORENO, 2002). E imediatamente concluiu: “substâncias que provocam alguma espécie de febre atenuam as diversas variedades de febre intermitente”, ou seja, “a febre cura a febre”. O postulado “*Similia similibus curantur*” - o semelhante deve ser curado com o semelhante – significa: o organismo doente deve ser curado com o remédio que desenvolve no indivíduo sadio sintomas idênticos, ou o mais semelhante possível (TIEFENTHALER, 1996). A base desse raciocínio foi proposta aproximadamente no ano 400 a.C. pelo “pai da Medicina”, Hipócrates. Era o Princípio da Similitude, pelo qual se curavam “os semelhantes pelos semelhantes” (SCHEMBRI, 1992).

Conforme revisão de DUARTE (2003), Samuel Hahnemann desenvolveu esse conceito na prática, passando a experimentar nele mesmo, e em alguns de seus amigos ou familiares, várias substâncias, anotando todos os sintomas produzidos no organismo. Mais tarde deu início ao seu método aplicando aquelas substâncias em doentes, portadores dos mesmos sintomas detectados na experimentação.

Surgiu então a nova terapêutica denominada Homeopatia, que significa “semelhante à doença”. Surgiu também a nova ciência, que gerava conhecimentos com base em soluções altamente diluídas, inovando precocemente no campo do saber a possibilidade de serem causados efeitos perceptíveis na matéria por meio de preparações imateriais. Portanto, experimentar substâncias em indivíduos sadios, visando conhecer propriedades curativas, e utilizar o resultado dessa experimentação em quadros semelhantes, com a

finalidade de cura, foram os dois primeiros Princípios da Homeopatia.

A similitude, ou lei dos semelhantes é a premissa básica e consiste na aplicação, nos seres vivos desequilibrados, de substâncias capazes de produzir, em seres saudáveis, alterações assemelhadas (SCHEMBRI, 1992).

Paralelamente, Hahnemann procedeu à compilação, da bibliografia médica de vários países, dos casos de envenenamento, anotando todos os sintomas surgidos nas vítimas, porque essas experiências são impossíveis por causa do risco de vida (VITHOULKAS, 1980). Os resultados dessas pesquisas (experimentações e compilações) compõem a chamada Matéria Médica Homeopática, fonte de consulta que possibilita ao homeopata escolher o medicamento que mais se assemelhe às características individuais do organismo. O número de medicamentos da Matéria Médica Homeopática referenciado no Repertório (publicado em 1995) de Ariovaldo Ribeiro Filho é 1604.

Hahnemann avaliou sistematicamente em pessoas saudáveis os efeitos de grande variedade de substâncias naturais. Tais experiências lhe possibilitou concluir que a *Atropa belladonna*, por exemplo, podia ser usada contra inflamação de garganta, porque causava constrição em pessoas saudáveis; a beladona, porém, é veneno. Hahnemann especulou que, quanto menor a dose da substância, mais estimularia a “força vital” do organismo ao repelir a doença. Então, reduziu as doses ainda mais por meio de diluições repetidas dos estratos originais (DUARTE, 2003).

As diluições foram extremas e Hahnemann desconsiderou a possibilidade da substância original desaparecer em altas diluições. Hahnemann portanto trabalhou com a hipótese que o potencial terapêutico não

vinha do ingrediente ativo, mas que a substância original de algum modo era gravada na solução. A água, de algum modo, guardava a informação da matéria ou soluto original dissolvido, nas várias diluições precedentes.

As vantagens da diluição simples mostraram-se extremamente limitadas. Hahnemann teve a idéia de não apenas diluir as substâncias terapêuticas na água destilada ou no álcool hidratado, mas agitar a solução por determinado número de vezes (sucussão). Assim, constatou que as diluições progressivas, acompanhadas de sucussão, são menos tóxicas e ainda mais potentes (DUARTE, 2003).

Os primeiros experimentos de Hahnemann foram com diluições simples que ainda continham ingredientes originais, e por isso provocavam agravações. Nas experiências posteriores adotou a dinamização (diluição seguida de sucussão) das substâncias medicamentosas. Após terminar esse trabalho, iniciou sua nova fase de clínica o que ocorreu em 1805. Alguns anos depois, em 1810, com mais alguns experimentos realizados e com cinco anos de clínica homeopática, publicou o primeiro livro, "Organon da arte de curar", também conhecido como "Organon da medicina racional". Nessa obra, introduziu seu sistema de medicina com regras minuciosas, inclusive destinadas ao exame e ao tratamento das pessoas doentes (MORENO, 2002). Entre 1811 e 1826, Hahnemann publicou a "Matéria Médica Pura", abrangendo as patogenesias de 64 medicamentos homeopáticos em seis volumes. Ao final de sua vida, deixou como legado 21 livros e 25 traduções (FONTES, 2001).

História da Homeopatia no Brasil

As primeiras informações disponíveis sobre a Homeopatia no Brasil datam de 1811 quando o Dr. Antônio Ferreira França, professor da Faculdade de Medicina e Cirurgia da Bahia, divulgava suas considerações maliciosas sobre esta nova terapêutica, desestimulando os novos alunos a terem contato com a Homeopatia. Tal procedimento causou impacto na opinião pública. Por volta de 1836, surgiram os primeiros fatos oficiais em relação à Homeopatia. Neste ano, a Academia Imperial de Medicina publicou artigos sobre a doutrina Homeopática falseando e deturpando o “Organon da Arte de Curar”, ou “Organon da Medicina Racional” editado em 1810 por Samuel Hahnemann. O cidadão suíço imigrado, Frederico Emílio Jahr neste mesmo ano, defendeu tese em medicina, no Rio de Janeiro, sobre a proposta terapêutica de Hahnemann. Esta tese, feita por alguém que não exerceu a Homeopatia, posteriormente foi a base do aprendizado do primeiro homeopata do Brasil, o médico Domingos de Azeredo Coutinho de Duque-Estrada, conforme revisão elaborada por DUARTE (2003).

A seqüência histórica da Homeopatia no Brasil foi interpretada por DUARTE (2003) com base em relatos de vários autores.

a) (1840-1859). Período de chegada. Chegada do médico francês Benoit Mure ao Rio de Janeiro, fundação do Instituto Homeopático do Brasil em 1843. Em seguida foi criado o curso de Homeopatia, reconhecido pelo governo. Neste período a Homeopatia passou pela incompreensão e perseguição, pois contrariava interesses da hegemonia médica da época. Posteriormente, o Instituto Homeopático do Brasil foi nominado Instituto Hahnemanniano Brasileiro.

b) (1860-1882). Período de oficialização. Divulgação da Homeopatia e, posteriormente, a oficialização com a implantação de cursos, a criação de Cadeiras na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, e o conhecimento Homeopático foi aceito oficialmente pelos médicos. Em 1882, foi proibido o ensino de Homeopatia.

c) (1882-1900). Período de perseguição. No período de perseguição o Instituto Hahnemanniano do Brasil foi fechado, porém, a Homeopatia continuou a expandir. Os homeopatas, munidos da botica (conjuntos de medicamentos) e imbuídos da solidariedade, e dos conhecimentos recebidos, saíram a enfrentar as pestes que dizimavam as populações do interior do país. Somente após 1890, a homeopatia avançou em São Paulo, e os paulistas mais famosos foram: Alberto Seabra, Antônio Murтинho de Souza Nobre, Affonso de Azevedo e Magalhães Castro.

d) (1900-1930). Período de expansão. Crescimento da homeopatia popular, legalização do ensino, fundação de duas faculdades de medicina homeopática (RJ e RS), um hospital (RJ) e das Ligas Homeopáticas Estaduais.

e) (1930-1970). Período de estagnação. Pouca divulgação, muitos avanços tecnológicos da Medicina Alopática causando estagnação da prática homeopática considerada medicina ultrapassada. A ciência da homeopatia que desde a metade do século XIX se expandiu, foi abalada ao ser afastada das Universidades e Faculdades (pólos de irradiação do conhecimento e formadores da opinião). Cabe aqui ressaltar que neste período, a chamada Revolução Verde foi a grande responsável dentro da agro-pecuária pela adoção em massa dos agrotóxicos e pela marginalização e ridicularização de práticas tradicionais de produção, incluindo o uso de preparados homeopáticos e outros semelhantes.

f) (1970-1990). Período de aceitação. Retomada da pesquisa em Homeopatia com direcionamento científico, formação de grupos de pesquisa, realização de reuniões científicas, congressos e oficialização, na rede pública. No final da década de 70, a consciência sobre os ecossistemas e sobre a valorização da qualidade de vida se estendeu além das pessoas de ciência e atingiu outros estratos da sociedade. Houve a busca de formas de entendimento da doença, distantes da compartimentalizada especialidade médica. A Homeopatia no Brasil recebeu novo impulso. No ano de 1980 houve a permissão de que médicos se especializassem em Homeopatia iniciando-se a tentativa de apropriação das conquistas populares pelo CFM (Conselho Federal de Medicina).

Assim, historicamente constata-se que o povo brasileiro vem utilizando a Homeopatia desde 1840. O povo não permitiu que essa terapêutica se perdesse, ou ficasse esquecida (MORENO, 2002).

Embora vigorosamente antagonizada pelas instituições médicas e o respectivo corporativismo, a Homeopatia expandiu rapidamente no século XIX, tornando-se popular nos Estados Unidos, onde por volta de 1900, 15% de todos os médicos eram Homeopatas. No século XX, o movimento cedeu espaço à medicina convencional e só muito recentemente a Homeopatia teve renascimento (CAPRA, 1982).

Atualmente ainda há profundos ataques à Homeopatia, e há incompreensão não só por desconhecimento, mas principalmente, por contrariar interesses. No Brasil, alguns grupos médicos reivindicam o monopólio do conhecimento da Homeopatia, o que é totalmente incoerente, uma vez que faz parte da cultura e da medicina popular, por mais de 150

anos. Por não existir Lei Federal restringindo ou limitando seu uso, a utilização da Homeopatia é livre (MORENO, 2002). Ser contra a homeopatia na agricultura implica em ser a favor de alimentos com agrotóxicos, águas e solos contaminados.

Em 25 de novembro de 1976 o presidente da República assinou o decreto 78841 oficializando a Farmacopéia Homeopática Brasileira que contém os procedimentos de preparo e dispensação dos medicamentos homeopáticos.

Em 19 de maio de 1999 o Ministério da Agricultura por meio do Diário Oficial da União publicou a Instrução Normativa nº 7 sobre a Produção Orgânica no Brasil recomendando, na produção vegetal e na produção animal, o uso de preparados homeopáticos.

Em 2002 o Ministério do Trabalho e Emprego, reconheceu, nomeou e descreveu a ocupação, CBO – código 3221-15, “Homeopata (não médico)”, de acordo com o livro “Classificação Brasileira de Ocupações, página 391.

Em 2003 a Fundação Banco do Brasil e a UNESCO certificaram a “Homeopatia na Agricultura” como Tecnologia Social, conforme a proposta da Universidade Federal de Viçosa, sendo disponibilizadas várias práticas e usos da homeopatia no Banco de Tecnologias Sociais (cidadania-e.com.br) da Fundação Banco do Brasil.

Em 2004, o Procurador Geral da República determinou que a Homeopatia não é exclusividade médica confirmando que a resolução do CFM (Conselho Federal de Medicina) de 1980 não afeta as pessoas que praticam Homeopatia, pois o CFM é pertinente apenas à classe médica. Também foi confirmado que o ensino da homeopatia pode ser feito e direcionado a todo cidadão brasileiro ou cidadã.

CAPÍTULO 3

**A FORÇA VITAL E OS PRINCÍPIOS DA
HOMEOPATIA**

**FORÇA VITAL
A LEI FUNDAMENTAL DE CURA
OS PRINCÍPIOS DA HOMEOPATIA**

**A FORÇA VITAL É O AGENTE, O PRINCÍPIO É A
SIMILITUDE**

A Força Vital

Força Vital é designação de Hahnemann, posteriormente houve a proposta de Energia Vital e Princípio Vital. A Força Vital tem sido descrita em toda a história e definida como a força que ordena todos os aspectos da vida do organismo. É a força que adapta o organismo a todas as influências ambientais.

A Força Vital anima a vida emocional do indivíduo, gera pensamentos, produz criatividade e conduz à inspiração espiritual (VITHOULKAS, 1980). Interpretada como modalidade da energia universal, irradia-se em forma de ondas vibratórias, com comprimento de onda, com frequência e com amplitude de vibração próprias (SCHEMBRI, 1992).

A interpretação de energia foi feita por vários autores após Hahnemann. Conforme o enfoque moderno, atual e cientificamente correto de SILVA (2004), a energia não é simplesmente substância que flui. Energia é atividade, com padrões dinâmicos de fluxo, oscilação, vibração, ritmo, sincronia e ressonância. Energia Vital é metáfora dos padrões dinâmicos de auto-organização inteiramente compatíveis com a moderna concepção sistêmica. Mesmo sendo conceito polêmico à luz da ciência ortodoxa, até grandes cientistas admitem, pela lógica, sua existência, bem expressada pela afirmativa “Os organismos vivos são mais do que as suas partes inanimadas”, elaborada por LEHNINGER (1973), famoso bioquímico contemporâneo.

A Força Vital é responsável pela manutenção da vida nos organismos vivos. Essa força é parte integrante do organismo tornando-o/mantendo-o vivo. Quando a Força Vital vibra harmonicamente significa “perfeito estado de saúde”. Não se manifestam no ser humano sintomas no plano físico

nem no emocional ou mental. Isso significa aptidão plena do organismo vivo de realizar-se como individualidade, podendo usufruir livremente da inteligência, objetivando dirigir a vontade e manter-se em estado de saúde (BRUNINI et. al., 1993).

Hipócrates introduziu o conceito de Unidade Vital. De acordo com a Unidade Vital o organismo doente é inseparável do seu meio. A doença não é apenas o conjunto desarmônico de sinais e sintomas localizados, mas é dinamismo, não importando apenas o órgão adoecido pois a doença faz parte da dinâmica da Unidade Vital. A Força Vital desordena-se devido a conflitos internos e ações incorretas, devido ao inadequado uso da vontade no caso do organismo humano.

Nos animais e nas plantas, as doenças ocorrem por causa de alterações no meio ambiente provocadas, geralmente, pelo próprio ser humano (BRUNINI et. al, 1993; MORENO, 2002).

O organismo dispõe de recursos próprios visando livrar-se, espontaneamente, do estado mórbido (enfermo, insalubre, doente) logo no início quando começa a implantar-se. Porém, com o persistente comportamento agressivo, via hábitos, pensamentos e desejos desarmônicos, o estado mórbido se agrava, superando o limiar de tolerância do organismo e do poder de autoregulação. Surgem, então, os sintomas ou as sensações desagradáveis. Esses “sintomas de alerta” originam-se das funções da Força Vital (SCHEMBRI, 1992).

No estágio atual de desenvolvimento científico e tecnológico da humanidade, a ciência avança, tanto na intimidade do átomo como no universo conhecido, sendo energia a palavra mais usada nos meios científicos (BAROLLO, 1996). A energia se manifesta como vibrações, é o “pulsar”. Pelo conceito de onda verifica-se que onda não carrega matéria, apenas carrega energia. É pela atividade e pelo padrão de ondas que a Força Vital revela o estado de

saúde do organismo.

A aplicação de substâncias homeopatizadas (diluição seguida de sucussão) provoca reação na Força Vital do organismo vivo. Porém são desconhecidos os mecanismos pelos quais a Força Vital mantém em vida os constituintes orgânicos e promove a integridade do organismo vivo (MENESCAL, 1995). Não apenas esses mecanismos são desconhecidos, mas também a própria energia vital. Ainda não existe tecnologia adequada à sua detecção.

A física moderna tem demonstrado que a vida se expressa em campos densos de energia. Qualquer distúrbio nesses campos pode suscitar a doença, assim como, alguma forma potente de energia pode restaurar a ordem. O conceito de Força Vital foi fundamental na teoria da Homeopatia. Na visão de Hahnemann, o medicamento não atua diretamente sobre os sinais da doença, mas sobre a Força Vital do organismo. O medicamento restaura a ordem interna via Força Vital. Segundo a concepção filosófica da Homeopatia, a origem primária de qualquer doença está na desordem da Força Vital. A Força Vital, é considerada forma de energia primordial e responsável pela manutenção da vida e pela ordem orgânica.

Portanto, dentro do conceito de ordem a essência da desordem do organismo encontra-se no nível imaterial (fluxo energético) no qual interagem forças psíquicas (pensamentos e sentimentos) que retratam os fatores íntimos, aos quais cada organismo é suscetível (SCHEMBRI, 1992; MORENO, 2002; BRUNINI et. al., 1993). Assim, a Força Vital é o principal agente de qualquer cura, e tudo o que se tem a fazer é remover ou diminuir os obstáculos ao seu fluxo adequado, visto que a doença é a tentativa do corpo de reestabelecer sua harmonia (a homeostase) (BRUNINI

et. al., 1993).

A presença dessa Força Vital é confirmada e provada, pela própria ação dos medicamentos homeopáticos que, não podendo atuar diretamente sobre o organismo físico (por não terem massa, matéria), atuam sobre outro componente do organismo da mesma natureza, imaterial e dinâmico. Há estreita relação entre a força vital e os medicamentos homeopáticos em razão de terem natureza energética informacional (MORENO, 2002).

Segundo VITHOULKAS (1980), pode-se afirmar que a Força Vital anima todos os níveis do organismo vivo inclusive o mecanismo de defesa. A física moderna tem demonstrado ser o organismo vivo campo denso de energia. Qualquer distúrbio nesse campo pode suscitar a doença, assim como alguma forma potente de energia pode reequilibrá-lo (BRUNINI et. al., 1993). Modernamente é entendido que o desequilíbrio é o estado normal e que a ordem do desequilíbrio caracteriza a saúde.

A Lei Fundamental de Cura

A lei de cura, considerada lei da natureza, esteve acessível por muito tempo antes que fosse clara e distintamente enunciada. A lei da cura está dispersa nos escritos de autoridades em terapêutica e atravessou épocas. Em alguns textos está manifestamente demonstrada. Também há indícios dessa lei de cura na medicina popular de quase todos os tempos e países (DUDGEON, 1994). Os magos babilônicos foram os primeiros a relatar conceituações das leis de cura e das posturas terapêuticas. Por meio de seus conhecimentos de Astronomia, os magos estabeleceram relações entre o ser humano e as manifestações cósmicas.

A harmonia, como primórdio da lei de cura, era defendida como estado de saúde (BRUNINI et. al., 1993). Curar é propiciar ordem nos processos vitais. Curar não se limita a fazer os sintomas desaparecerem.

Segundo VITHOULKAS (1980) a lei fundamental da cura é estabelecida no plano dinâmico, que é o plano da presença de vida. Plano dinâmico é a denominação atribuída por Vithoulkas ao campo eletromagnético dos organismos vivos, o qual tem frequência vibratória própria, mantém ressonância com o ambiente e responde de acordo com a lei da similitude. Portanto, o plano dinâmico de Vithoulkas corresponde a Força Vital, adotada por Hahnemann no Organon, e o plano dinâmico consiste essencialmente de ordem.

No plano dinâmico se origina a doença e no plano dinâmico está o mecanismo de defesa à doença. O plano dinâmico mantém com o corpo físico exatamente a mesma relação que os campos eletromagnéticos têm com a matéria. O plano dinâmico interage intimamente com os três níveis mental, emocional e físico. E ainda segundo VITHOULKAS (1980), "sempre que o organismo recebe algum estímulo dos seus três níveis de recepção, o efeito inicialmente é respondido pelo campo eletrodinâmico (plano dinâmico ou força vital), e depois é distribuído aos três níveis, dependendo da força do estímulo e do grau de resistência do organismo". Interpretando Vithoulkas, a preparação homeopática é recebida pelo plano dinâmico, pelo campo eletromagnético como ordenação, como exemplo de nova ordem. O plano dinâmico ou Força Vital comporta-se como receptivo a mudanças que tragam nova ordem. A nova ordem portanto é hierarquicamente mais poderosa que a ordem antiga.

Os modernos conceitos de cibernética demonstram

que o princípio fundamental de cura é aplicável tanto ao organismo humano quanto aos outros sistemas vivos. Qualquer sistema altamente organizado reage ao estresse, produzindo sempre a resposta mais adequada de que é capaz no momento. O plano dinâmico permeia todos os níveis do organismo. É o mediador inteligente que gera respostas logo que algum estímulo é recebido nos níveis receptores (VITHOULKAS, 1980). O mediador inteligente é receptivo a ordens novas que possam superar qualquer ordem antiga.

O primeiro distúrbio que possa ser denominado doença acontece no campo eletromagnético (plano dinâmico) do corpo, que então aciona o mecanismo de defesa. Esse conceito, segundo VITHOULKAS (1980), foi enunciado pela primeira vez como base das experimentações terapêuticas de Samuel Hahnemann, que no século XIX, descobriu fenômenos e desenvolveu a ciência da Homeopatia. No aforismo 11 da sua obra o Organon, Hahnemann escreveu: “Essa força vital é a única a ser perturbada primariamente pelas influências dinâmicas do agente morbífico” (LISBOA et al., 2005).

Como a atividade do mecanismo de defesa se origina no plano dinâmico, a abordagem terapêutica adequada deve fortalecer a ação defensiva, aumentando a eficácia do processo de cura do organismo. De modo geral, os procedimentos terapêuticos atuam de duas maneiras: 1) o agente terapêutico aciona primariamente algum dos três níveis (mental, emocional, físico) e pela mediação do plano dinâmico interfere indiretamente nos demais níveis; 2) o agente terapêutico pode se inserir diretamente sobre o todo do campo eletrodinâmico (plano dinâmico) e, por conseguinte, fortalecer diretamente o mecanismo de defesa (VITHOULKAS, 1980). Ambos procedimentos terapêuticos acionam as leis de cura.

Segundo BASTIDE (1998), a informação recebida pelo corpo via preparado homeopático exerce a função biológica de sinalizar, sendo capaz de gerar modificações fisiológicas de acordo com as leis de cura.

SILVA (2004) na sua revisão atualizou vários conceitos conforme está relatado à seguir. Na ciência moderna, a energia não é substância, mas é “medida de atividades”, de padrões dinâmicos, e, entender cientificamente os modelos da “medicina energética”, significa substituir o conceito de energia por fluxo, vibração, ritmo, sincronia e ressonância, todos compatíveis com a concepção sistêmica. No âmbito da mecânica quântica, os objetos são descritos por funções de onda/partículas (ora num estado, ora noutra), de tal modo que a matéria não é simplesmente molécula, mas alguma interpretação probabilística. Assim, referir à matéria é referir a alguma probabilidade diferente de zero. É a probabilidade do conjunto de partículas/ondas estar em algum lugar. Portanto, se a informação é colocada em qualquer ponto de determinado líquido, ou se a informação é veiculada via molécula, alguma função de onda descreverá a informação. Os sinais quânticos do soluto, na sua forma clássica, estão “vestidos” de massa. Os sinais quânticos integram o plano da matéria que é perceptível pelos sentidos. Cada soluto se caracteriza pela somatória de sinais ondulatórios que formam a sua representação. As leis de cura se processam de acordo com os conceitos da mecânica quântica.

De acordo com VITHOULKAS (1980), atualmente existem apenas três terapias amplamente conhecidas que podem agir conforme as leis de cura diretamente sobre o plano dinâmico (Força Vital): a Acupuntura, a imposição das mãos (exemplo: Reiki, feita por pessoa espiritualmente evoluída) e a Homeopatia.

A Homeopatia é a terapia que estimula diretamente o plano dinâmico por causa dos medicamentos “potencializados”. A ciência da Homeopatia tem freqüentemente demonstrado resultados extremamente eficazes com benefícios duradouros e tem como base princípios de fácil compreensão podendo ser aprendida por qualquer pessoa dedicada. O grande desafio do tratamento Homeopático é descobrir o medicamento que ressoe por similitude diretamente na freqüência do plano dinâmico. O plano dinâmico e a informação guardada pelo preparado homeopático são de mesma natureza (VITHOULKAS, 1980) por isso estabelecem ressonâncias de conseqüências biológicas (BASTIDE, 1995) no organismo e de acordo com as leis de cura.

De acordo com VITHOULKAS (1980), o plano dinâmico não se manifesta perceptivelmente durante o estado normal. Exceto causando ajuste do organismo. O plano dinâmico age sem focalizar a própria ação por isso é pouco perceptível. Na doença, entretanto, logo que determinado limite for transposto, o mecanismo de defesa é acionado e, finalmente, produz sintomas como manifestação de sua ação. Os sintomas e sinais são as únicas maneiras de se perceber a ação do mecanismo de defesa, o qual age objetivamente beneficiando o organismo. Por essa razão, conforme LISBOA et. al. (2005) os sintomas ou sinais produzidos são tentativas reais e revelam o cumprimento das leis de cura.

Atingir diretamente o plano dinâmico implica encontrar algum medicamento que tenha ressonância suficientemente semelhante à freqüência do plano dinâmico. As únicas manifestações perceptíveis do mecanismo de defesa aos nossos sentidos são os sintomas/sinais. Portanto, importa identificar o medicamento que na Matéria Médica tenha

quadro semelhante de sintomas/sinais. A substância capaz de produzir o quadro de sintomas semelhante em organismos saudáveis, tem vibração muito próxima à do organismo doente. Via ressonância poderá estimular ou fortalecer o mecanismo de defesa (VITHOULKAS, 1980). DUDGEON (1994), sobre o fortalecimento, relatou que predominantemente, os autores empiristas eram voltados à Isopatia, ou seja, a cura pelos iguais, campo mais restrito que a Homeopatia. Não havia a linha de demarcação bem definida entre ambas. Porém havia o princípio: “o agente terapêutico deve atuar no mesmo sentido do agente mórbido”. Sendo assim, admite-se que o agente terapêutico deve somar, e não subtrair ou contrapor-se. Os argumentos de VITHOULKAS (1980) e DUDGEON (1994) estão coerentes com as leis de cura.

A lei fundamental de cura *Similia similibus curantur*, como revelado por Hahnemann é o esteio fundamental da ciência da Homeopatia. “O semelhante cura o semelhante”. “Qualquer substância capaz de produzir sintomas no organismo saudável pode curar essa totalidade de sintomas do organismo doente”. Entretanto, bem antes da fundamentação deste princípio no século XIX por Hahnemann, outros estudiosos tentaram estabelecer e explicar as leis de cura. A lei fundamental da cura evoluiu no pensamento sendo afinal a síntese de idéias, hipóteses lógicas e correntes de raciocínio. A análise da lei de cura começou antes de Cristo (DUDGEON, 1994) conforme relato de BRUNINI et. al. (1993).

Aos 459 a.C., viveu Hipócrates, considerado o Pai da Medicina, o primeiro a enunciar o princípio da semelhança que deu origem ao modelo terapêutico da Homeopatia. Porém, Hipócrates não assumia qualquer linha específica de tratamento, utilizando o princípio dos semelhantes visando

deter a doença e o princípio dos contrários (os contrários se curam pelos contrários), visando os sintomas ou transtornos das enfermidades. Hipócrates introduziu o conceito de Unidade Vital, onde o organismo doente é inseparável do seu meio, sendo a doença não apenas o conjunto desarmônico de sinais e sintomas localizados. De acordo com a Unidade Vital a doença é o dinamismo, não importando o órgão adoecido (BRUNINI et. al., 1993). Nenhuma das Escolas da Antiguidade demonstrou tantos pontos de coerência com a embrionária Ciência da Homeopatia como a chamada Escola Empírica, que insistia na observação da natureza, desaprovava teorização, porém reconhecia a necessidade de experimentos objetivando averiguar os poderes das substâncias (DUDGEON, 1994).

Considerado o pai da Alopatia, Galeno em sua terapêutica assumiu o Princípio dos Diferentes, base da Alopatia (BRUNINI et. al., 1993). Porém, em suas obras, reconhece inúmeras vezes a validade do princípio da semelhança (DUDGEON, 1994). A lei de cura, conforme Galeno consistia em fazer desaparecer sintomas (MORENO, 2002).

A lei fundamental de cura, por lidar com profundezas do organismo vivo, não poderia permanecer nas conceituações. Aconteceram contribuições de maior porte conforme os vários relatos que se seguem.

Após Galeno, houve maior desenvolvimento da medicina árabe, destacando-se, no campo desta, a Alquimia, muito difundida pela Europa. A Alquimia, ciência oculta propiciou investigações valiosas no campo da Química e da Farmacologia, sendo que o processo farmacotécnico homeopático de dinamização foi resgatado destes campos, por causa das comprovações experimentais fisicamente

detectáveis. Na ciência medieval, encontram-se alguns relatos da utilização do princípio da similitude, no tratamento de determinadas doenças nessa época. Na medicina renascentista, destaque especial se dá a Paracelso, o grande conhecedor dos princípios da Alquimia que discordava do princípio galênico “contrários se curam pelos contrários”, e que considerava a Força Vital importante na manutenção da saúde (DUDGEON, 1994).

Paracelso foi o primeiro a empregar na terapêutica das doenças, o modelo rudimentar de cura que envolve a similitude denominado “doutrina das assinaturas”, que se baseava “nas semelhanças entre as características externas do órgão afetado e as plantas medicinais”. Todavia, de acordo com DUDGEON (1994), o sistema de Paracelso e a Homeopatia de Hahnemann diferem em muitos pontos. Destacam-se: a forma de entender a doença, o princípio das assinaturas, a inexistência da experimentação em organismo sadio, além da deficiência na formulação da Matéria Médica, por Paracelso. Porém, existem muitos pontos em comum entre o sistema de Paracelso e a Homeopatia, tais como: a ação primária e a ação secundária das substâncias, as doses extremamente diminutas, o emprego de ingredientes pela olfação, a totalidade sintomática, o remédio único e a necessidade de individualização do paciente. A doutrina de Paracelso certamente contribuiu no embasamento da doutrina de Hahnemann.

Em 1608, Crollius, descreveu os princípios infinitesimais e de similitude (BRUNINI et. al., 1993). Jan Van Helmont (1577-1644 d.C.), defensor da Força Vital como mantenedora do equilíbrio orgânico, entendia a enfermidade como “reação vital”, além de ser partidário do princípio da similitude no tratamento das doenças (DUDGEON, 1994).

Thomas Sydenham (1624-1689 d.C.) refere-se ao conceito de enfermidade como “reação da força vital”, o que mais tarde foi difundido pela Homeopatia, além de enunciar claramente o princípio da similitude, ao exemplificar o efeito do quinino (substância extraída da quina) no tratamento da malária, substância que despertou interesse em Hahnemann, no final do século XVIII. Entre 1660-1734 d.C. viveu, Georg Ernst Stahl, o qual segundo Hahnemann melhor expressou a utilização do princípio da similitude e propôs a Lei da Analogia (BRUNINI et. al., 1993).

Von Haller (1708-1777 d.C.), segundo Hahnemann, foi o único que, nos últimos 2.500 anos, teve a idéia de realizar a experimentação dos medicamentos no organismo sadio. Constatou que cada substância medicinal tem sua forma peculiar de manifestar-se no organismo humano. Stoerck (1731-1803 d.C.) é considerado o possível inspirador das idéias de Hahnemann, sobre o princípio da semelhança (BRUNINI et. al., 1993).

A lei dos semelhantes foi a contribuição básica de Samuel Hahnemann, foi a resposta às práticas grosseiras de sua época. Hahnemann sistematizou essa lei após “experimentações”, ou registros sistemáticos dos sintomas produzidos pelas substâncias nos organismos humanos saudáveis. Conforme VITHOULKAS (1980), Hahnemann foi o primeiro a admitir que a lei fundamental de cura “Semelhante cura semelhante” foi negligenciada na história ocidental, inclusive pelo próprio Hipócrates. Apesar das especulações que antecederam Hahnemann, não foi reconhecido a importância do conceito de similitude, muito menos foi sistematizado como conhecimento científico e terapêutico.

Constantin Hering, tendo como base o que foi estabelecido por Hahnemann no Organon, propôs que o

equilíbrio dos organismos vivos pela Homeopatia é regido por leis. E Hering estabeleceu as leis fundamentais de cura de modo mais consolidado. De acordo com Hering, a cura completa da doença total é indicada pela cura ocorrida primeiramente nos órgãos mais importantes. O equilíbrio dos organismos vivos depende dos fenômenos vitais terem sentido centrífugo e exonerativo. Havendo supressão dos fenômenos vitais, a doença muda de rumo tornando-se centrípeta e agrava o estado do organismo vivo (animais, solo, plantas, seres humanos), alojando-se nos órgãos de maior hierarquia. Segundo as leis de Hering, na cura os sintomas das doenças desaparecem na ordem inversa que surgiram e o aparecimento de sintomas antigos é sinal de cura. O indicativo de cura, portanto, é de dentro para fora, e dos órgãos mais importantes aos menos importantes (LISBOA et al., 2005). Portanto a lei de cura sistematizada por Hering essencialmente preconiza ordem ou restauração da ordem dentro do normal/natural desequilíbrio que constitui os sistemas vivos. Estar a dinâmica do desequilíbrio em ordem significa estar saudável.

Segundo LISBOA et al. (2005), os seres humanos com visão convencional não desejam que seus sintomas antigos exteriores retornem, mesmo sabendo ser esta a única forma possível de cura. Portanto os princípios que regem a cura, na visão nova dos sistemas vivos, são claros e inteligíveis. O paradigma convencional é obscuro, tem propósito mercantilista e objetiva gerar dependência. As leis de cura da Homeopatia estabelecidas por Hering compatibilizam o bem estar físico com o bem estar interior, concordando com a Organização Mundial de Saúde definindo a saúde no sentido de possibilitar mais vida e maior expressão da individualidade (lei da natureza) enriquecendo a diversidade (lei da natureza).

Os Princípios da Homeopatia

Princípio da Similitude

Conforme os parágrafos que precederam, o conceito de Similitude é bastante antigo. Muitos séculos antes de Hahnemann era conhecida a teoria dos semelhantes. Hipócrates, o pai da medicina, já tentava a cura dos males com o princípio da semelhança. Dentre outros procedimentos, por intuição eram associados, por exemplo, o formato ou a cor das plantas às características da doença (ou órgão doente), na tentativa de cura-la. Foi Hahnemann, porém, que desenvolveu as bases do Princípio dos Semelhantes com métodos científicos. Hahnemann experimentava as substâncias, anotava os sintomas despertados no organismo saudável e passava a utilizá-las em doentes com sintomas semelhantes aos observados no estudo (DUDGEON, 1994).

Esta lei é assim explicada por MORENO (2002): a substância homeopatizada que gera vários sintomas no organismo vivo sadio, quando dada ao doente com os sintomas semelhantes, causa o estado de equilíbrio.

Segundo VITHOULKAS (1980), Hahnemann foi quem sistematizou e formulou, pela primeira vez na história da medicina, leis e princípios completos que regem a saúde e a doença, embora já fossem conhecidos há séculos.

A Homeopatia se fundamenta na lei dos semelhantes ou princípio da similitude: “*similia similibus curanter*” (semelhante cura semelhante), enunciada por Hahnemann, em 1796, mas já declarada anteriormente por muitos outros, como Hipócrates e Paracelso (COUTINHO, 1999). De acordo com essa lei, qualquer substância que possua a propriedade de despertar sintomas, de qualquer ordem, no experimentador

sadio, será capaz de curar, em doses adequadas, o organismo enfermo com sintomas semelhantes (LISBOA et. al., 2005).

Cada corpo tem o respectivo campo eletromagnético (desde os organismos simples até o planeta). Qualquer substância administrada terapêuticamente tem o potencial de causar sintomas, ou efeitos sobre o campo eletromagnético do organismo vivo. O campo eletromagnético (plano dinâmico) é influenciado pela substância se a ressonância for suficientemente semelhante (VITHOULKAS, 1980).

Ao ministrar alguma substância homeopatizada no organismo sadio, surgem sintomas (ação primária) provenientes de alterações na frequência vibratória do campo eletromagnético. Por causa da ressonância no ser doente com sintomas semelhantes, a substância homeopatizada altera a frequência vibratória do campo eletromagnético que poderá aumentar ou diminuir (GERBER, 1988).

No organismo exposto a estímulos, seja morbíficos ou benéficos, em primeiro lugar há alteração de vibração no plano dinâmico ou eletromagnético (VITHOULKAS, 1980). A cada alteração de energia, a massa deve recompor-se, já que, segundo Einstein, energia e massa são interconvertíveis, sempre se adaptando uma à outra. A recomposição da massa depende do tempo porém, a mudança energética é instantânea (GERBER, 1988).

Se a força do estímulo for mais forte que a desordem da Força Vital, o mecanismo de defesa age e contrapõe-se ao estímulo (LISBOA et.al., 2005). Há o limiar em qualquer indivíduo, abaixo do qual o plano dinâmico opera os estímulos sem mudanças visíveis. Sendo acima do limiar, o mecanismo de defesa gera processos ou sintomas. Antes que verdadeiros sintomas se desenvolvam, há o período latente, no qual o

mecanismo de defesa começa a se ajustar ao estímulo, podendo o período latente durar horas, dias, semanas ou até meses (VITHOULKAS, 1980).

DUARTE (2003) interpretando vários autores e o Organon (Hahnemann) relatou que: a) toda substância exerce influência na força vital, em maior ou menor escala, alterando o estado de saúde; b) o efeito direto da substância homeopatizada sobre o organismo foi denominado por Hahnemann “ação primária” e ocorre imediatamente, dentro de poucas horas ou dias; c) a “ação secundária” ou reação provém da força vital do organismo, em sentido oposto, na tentativa de reequilíbrio; d) geralmente o tempo da reação (ação secundária) é aproximadamente duas vezes o tempo da ação primária; e) de acordo com o princípio da semelhança, qualquer afecção dinâmica mais fraca é eliminada de maneira duradoura, por outra mais forte (originada do estímulo de alguma substância), quando for muito semelhante; f) a “doença medicamentosa” (artificial, fugaz, semelhante, porém mais forte, causada por alguma substância homeopatizada) e a doença natural, aniquilam-se, logo que se deparam no organismo.

Segundo MORENO (2002), a Lei dos Semelhantes é natural e resulta da lei de causa e efeito ou de ação e reação. Hahnemann, experimentando muitas substâncias homeopatizadas, confirmou a presença constante do mecanismo de resposta do organismo quando submetido à “ação” da substância ingerida, produzindo sempre sintomas artificiais, com características distintas (SCHEMBRI, 1992).

Princípio da Experimentação

O procedimento sistemático de testar as substâncias homeopatizadas em organismos saudáveis, visando gerar sintomas é denominado “experimentação”. Hahnemann desenvolveu procedimentos específicos da experimentação que visam caracterizar o uso medicamentoso de qualquer substância (VITHOULKAS, 1980).

Ao invés de testar as preparações homeopáticas em animais, Hahnemann selecionou pessoas voluntárias em perfeita saúde (evitando interferência de outras doenças já existentes). Experimentou as preparações e descreveu com precisão os sintomas (inclusive os mentais), obtendo, assim, o “retrato” de cada medicamento que consta da Matéria Médica (BAROLLO, 1996). A terapêutica homeopática é uma das únicas que, devido ao fato de utilizar doses ínfimas e dinamizadas das substâncias e também porque os sintomas causados são artificiais, ou seja, desaparecem assim que os experimentadores deixem de tomar a substância homeopatizada, pode realizar seus experimentos diretamente até mesmo em seres humanos, sem que haja risco aos que participam dos testes. De acordo com SCHEMBRI (1992), o método da experimentação em organismos vivos sadios, propicia o conhecimento das propriedades terapêuticas das substâncias homeopatizadas.

Segundo HAHNEMANN (1994), ao se averiguar as ações de substâncias com o propósito de aplicá-las no ser humano, deve-se proceder de modo metódico e racional, o que é feito na experimentação. No caso de se usar preparações vegetais, a similaridade de gêneros de plantas, assim como a similaridade entre espécies do mesmo gênero, não fornece senão indicações obscuras. As propriedades

das substâncias indicam apenas generalidades, inválidas por causa das inúmeras exceções. As ações mais sutis devem ser avaliadas e a única opção é testar as substâncias no corpo humano ou seja, fazer experimentação.

Com o objetivo de ter conhecimento sobre a ação superficial ou profunda das substâncias sobre o organismo vivo, é preciso observar os sintomas produzidos na experimentação realizada no organismo saudável. A pesquisa deve processar-se metodicamente, por meio de doses repetidas, por muito tempo (dias, semanas e mesmo meses), permitindo que todos os efeitos da substância homeopatizada sejam manifestados, pois muitos sintomas só se desenvolvem lentamente (DUARTE, 2003).

Na experimentação o quadro de sintomas físicos, mentais, emocionais, as sensações e as alterações do modo de ser ou estar, de reagir ou interagir com o meio, são anotados dando origem à patogenesia. É feita a publicação das patogenesias na Matéria Médica Homeopática, texto que é manuseado quando o (a) homeopata busca o medicamento semelhante à totalidade sintomática denominado "medicamento *Simillimum*" (BAROLLO, 1996; DUARTE, 2003).

As experimentações são realizadas no procedimento duplo-cego, ou seja, o experimentador e o aplicador não sabem qual é a preparação homeopática em teste (CARLINI, 1983). O procedimento duplo cego é fundamental na experimentação por causa da natureza dos fenômenos envolvidos e a possibilidade de interferências sutis. As substâncias devem ser experimentadas em diversos estados de dinamização, de modo que possam atingir todos os planos da organização vital desde o corpo físico até a imaterialidade (MORENO, 2002).

Com a finalidade de se realizar tratamentos em plantas ou animais tem sido utilizado a analogia com os resultados das experimentações feitas nos organismos humanos, até que sejam realizadas experimentações em cada espécie. As pesquisas estão indicando que a prática desta analogia é válida em razão da ordem universal estar presente em todos os sistemas vivos e as partes da Terra.

Princípio da dose mínima

Sabendo dos riscos do uso de muitas plantas tóxicas e dos venenos, Hahnemann preferiu usar sempre doses bem pequenas das substâncias, visando ter somente o efeito benéfico. Hahnemann antes de propor os preparados diluídos/sucussionados fez experimentação com doses cada vez mais diluídas (sem sucussionar). “A exemplo do que se faz intuitivamente no suco muito forte ou concentrado, diluindo-o”, também Hahnemann passou a diluir as substâncias com as quais trabalhava na tentativa de suavizar os sintomas de intoxicação dos indivíduos sadios durante a experimentação, bem como os sintomas de agravação nos indivíduos doentes em tratamento, conforme a lei dos semelhantes. Hahnemann observou que a diluição simples reduzia proporcionalmente o efeito terapêutico, posteriormente, observou que a sucussão aumentava proporcionalmente o efeito terapêutico porém estando ambas associadas: diluição e sucussão (VITHOULKAS, 1980; BAROLLO, 1996; MORENO, 2002). Ficou bem caracterizado que doses da substância causam efeitos interpretados por leis da Química e dinâmizações da substância homeopatizada causam efeitos interpretados por leis da Física. Apesar dessa distinção Hahnemann adotou o conceito de doses mínimas porque Avogadro não havia

proposto ainda sua constante.

A dose mínima que sempre foi, e continua sendo, inseparável da prática da Homeopatia tem sido a maior dificuldade na adoção dessa terapêutica, pelas pessoas com mentalidade convencional. A formação médica, fundamentada na matéria e negligenciada quanto a psicossomática, contribui nessa dificuldade (BAROLLO, 1996).

Após as diluições e succussões sucessivas a força medicamentosa das substâncias é armazenada nas moléculas do insumo inerte. Por esse motivo, alguns autores usam a terminologia de potência designando as dinamizações. A partir da 12CH, ou 24D nada mais resta da substância original, mas sua marca fica impressa. A informação da substância é passada de modo quase que instantâneo aos líquidos do corpo. Portanto é rápida a ação do (preparado homeopático). Ao contrário do que se pensa as alterações ou reações que se processam no corpo físico, após a ingestão do medicamento, são adaptações da massa corpórea ao novo padrão energético impresso na Força Vital (BAROLLO, 1996).

A maioria das substâncias medicamentosas potencialmente utilizáveis é altamente tóxica. Hahnemann dispunha de informações sobre envenenamentos, e a sintomatologia não era tão detalhada como necessitava na prescrição homeopática. Decidiu então buscar as soluções deste problema. A primeira solução foi diluir as substâncias reduzindo a toxicidade, mas verificou redução proporcional do efeito terapêutico. Em seguida fez a grande descoberta: adicionar energia cinética às diluições, agitando-as, ou seja, por meio da succussão. A combinação da diluição com a succussão foi denominada por Hahnemann de potencialização ou dinamização. Assim, Hahnemann chegou às doses extremamente diluídas e succussionadas, observando que, à

medida que a massa era diluída e submetida à sucussão, mais energia a substância desprendia, maior era o efeito terapêutico, ao mesmo tempo em que fazia desaparecer o efeito tóxico (BAROLLO, 1996). Na história da humanidade o trabalho de Hahnemann como pesquisador foi extremamente inovador. Da matéria obteve o imponderável descobrindo o que estava imperceptível. É o princípio da dose mínima que na prática revelou o poder de ser terapêutico.

A matéria é energia condensada, sendo o método de dinamização, criado por Hahnemann, o meio de liberar essa energia visando obter o medicamento sutil (BRUNINI et. al., 1993; CAMPOS, 1994). Einstein mostrou a veracidade do fenômeno, quando anunciou em sua equação $E = mc^2$ (em que E = energia; m = massa; e c = velocidade da luz) demonstrando que a matéria tem relação com a energia (BRUNINI et. al., 1993), ou seja, a matéria é igual a energia, pois a velocidade da luz é constante, sendo interconvertíveis (STORACE e LACERDA, 1993), de forma que quanto maior o movimento, mais energia é desprendida. Porém, conforme discutido por SILVA (2004) essa energia, no procedimento homeopático, deve ser interpretada de outra forma. Porém, a técnica da sucussão poderia atuar na liberação da energia ou da informação proveniente dessa, pois algumas evidências mais recentes (REY, 2003) tem levado a crer que a homeopatia possua caráter mais próximo do informacional do que energético, conforme será abordado adiante.

Na farmacologia convencional é adotado o postulado “quanto maior a dose mais forte e intenso é o efeito” porque a medicina convencional lida com o corpo matéria que responde quimicamente às doses, ou seja, a resposta é molecular. A farmacologia convencional trabalha com o oposto das doses mínimas. Na farmacologia convencional é válido o

princípio da resposta a doses, ou seja, a resposta causada pela quantidade de substância, portanto é efeito químico. Entre 1CH e 11CH, pela farmacologia convencional, a resposta ao efeito químico no organismo diminui pois há diluição.

Na farmacologia homeopática é válido o princípio da resposta a dinamizações, ou seja, a resposta causada pelas diluições seguidas de sucussão, portanto é efeito físico. Entre 1CH e 11CH, pela farmacologia homeopática, a resposta ao efeito físico no organismo aumenta pois há aumento da dinamização.

No intervalo 1CH a 11CH dois fatores atuam: a diminuição das doses e o aumento da dinamização. Hahnemann adotou o conceito de doses mínimas porque não conhecia a constante de Avogadro que foi divulgada em 1811. A partir de 12CH ocorre apenas o fator "aumento da dinamização", porém denominado de doses mínimas por Hahnemann.

Assim, enquanto os medicamentos convencionais têm ação farmacológica, as doses mínimas (preparados homeopáticos) têm ação física-dinâmica, ou informacional, por serem respectivamente preparações moleculares e não-moleculares. Os sintomas provocados pelas substâncias tem sido os mesmos, em todos os organismos. As preparações homeopáticas despertam a sensibilidade e sintomas característicos (LISBOA et al, 2005).

Há interpretações registradas na bibliografia consultada que abordam o efeito do preparado homeopático como energético, este é o caso de CAMPOS (1994). A liberação da energia da substância, ou seja, expansão pelo método da dinamização, não se dá de forma linear, mas sim por saltos. Quando os saltos são expansões dentro do mesmo

nível de energia, as manifestações mantêm semelhança entre si. No caso das expansões entre níveis, as manifestações mudam e os padrões vibratórios se tornam cada vez mais sutis à medida que a energia se expande, ou seja, as doses se tornam mínimas. Em cada nível a energia liberada alcança determinado limiar, ou seja, o padrão vibratório é acelerado e energizado atingindo o ponto de tensão. Então ao saltar no patamar superior, revela qualidades diversas das anteriores. Continuando o processo, a energia é tencionada no limiar seguinte, até passar ao nível subsequente. E, assim, de patamar em patamar, vai se expandindo, seguindo a ordenação interna de cada substância e de sua correspondente estrutura energética, molecular e atômica. Dessa forma, o desdobramento sucessivo da substância e a crescente dinamização (doses cada vez mais mínimas) dos seus padrões vibratórios vão revelando qualidades cada vez mais sutis. Outras vibrações, próprias de cada patamar, permeiam-na de qualidades energéticas que originariamente não possuía, ampliando seu potencial de atuação (CAMPOS, 1994). A visão de CAMPOS (1994) se concentra nas conseqüências da energia adicionada ao sistema de doses mínimas, via sucussão.

O raciocínio de doses (no sentido químico) é válido até 11CH. O conceito de doses muda após 11CH sendo válido o conceito de dinamização. Os níveis em que a percepção dos efeitos ocorre (mental, emocional, etc.) é dependente do número de dinamizações.

Hahnemann enunciou que qualquer substância, no seu estado natural bruto, manifesta-se por si mesma, apenas como matéria. Às vezes, nem é medicinal, mas por meio da dinamização cada vez mais alta, a substância se sutiliza, até atingir o poder medicinal imaterial (MORENO, 2002).

Segundo SCHEMBRI (1992), as doses mínimas, capazes de estimular a força vital, tem analogia com a lei de Arndt-Schulz, o que concorda com outros pesquisadores ao afirmarem que “pequenas excitações estimulam a atividade vital; excitações médias a aumentam; excitações fortes a deprimem e excitações exageradas a abolem”. Porém a lei de Arndt-Schulz tem maior proximidade com o fenômeno da Hormese.

De acordo com POITEVIN (1991), informações biológicas estão contidas nas doses mínimas hahnemannianas sendo dependentes do modo de preparo. A estabilidade da informação, ao longo das diluições sucessivas, revela o papel do solvente que retém a informação, de modo ainda desconhecido.

Nas doses mínimas o que tem importância é a informação e não a molécula em si. Essa informação é liberada com o processo de sucussão (LISBOA et al, 2005). A informação é armazenada pela água utilizada como veículo no preparo do medicamento homeopático (DAVENAS et. al., 1988; GERBER, 1988). A lactose também armazena informações.

Dentre todos os fenômenos da ciência da homeopatia, talvez o menos compreendido é a ação das doses mínimas. A compreensão de como a informação é retirada e transmitida pelo processo farmacotécnico homeopático pode ser incrementada pela teoria da informação, pela termodinâmica, pelo fenômeno da organização dos sistemas caóticos, pela mecânica quântica e pela natureza das ligações eletromagnéticas naquelas condições (STORACE e LACERDA, 1993).

DANTAS (1994) resumiu as propostas de vários autores a respeito das doses mínimas. De acordo com o que

rege as vibrações eletromagnéticas, a fração da radiação incidente (que é absorvida pelo sistema) ou seja, a absorvância do sistema, está associada à respectiva capacidade de transmissão da radiação incidente que é altamente dependente do comprimento de onda. Quanto maior o comprimento de onda (a frequência), maior a transmissão e maior a penetrabilidade (DANTAS, 1994). As doses mínimas, por serem cada vez menos moleculares quanto maior a dinamização a partir de 1CH, tem maior penetrabilidade, maior transmissibilidade, maior comprimento de onda e menor frequência. A ação das doses no organismo, ocorre de acordo com a densidade. Naturalmente, quanto mais densas ou moleculares forem as doses, maior será a atuação no plano denso (corpo, matéria), como é o caso das doses alopáticas. Quanto mais dinamizadas, e menos moleculares forem essas doses, maior a penetrância, ou seja, mais profundamente atuarão no organismo, atingindo os planos menos densos, como é o caso dos medicamentos homeopáticos (SCHEMBRI, 1992).

Princípio da substância única

De acordo com VITHOULKAS (1980), a importância de observar a totalidade dos sintomas é fundamental à ressonância. Se apenas a imagem parcial do quadro total dos sintomas for obtida, a escolha da substância homeopatizada terapêutica ficará limitada ao que está conhecido. Quando se registram fielmente todos os desvios da normalidade, em todos os níveis, e com todos os detalhes individuais, pode-se encontrar o quadro do organismo e conseqüentemente o medicamento único. De acordo com HAHNEMANN (1994), não existe o medicamento

absolutamente generalizado de cada doença, porém deve haver tantos medicamentos quantos forem os doentes individuais.

Hahnemann e seus voluntários experimentavam as preparações homeopáticas separadamente, visando não mascarar os efeitos no organismo sadio. A experimentação de cada substância homeopática demorava semanas ou meses. Hahnemann não admitia que também no processo terapêutico estivessem misturadas duas ou mais substâncias ao mesmo tempo, pois entendia que o resultado seria imprevisível, uma vez que o doente já estava bastante enfraquecido pela doença, conforme entende MORENO (2002) e de acordo com o Organon resumido por (LISBOA et al, 2005).

Hahnemann experimentando muitas preparações, no seu protocolo de substância única, confirmou a presença constante do mecanismo de resposta do organismo produzindo sempre sintomas artificiais, havendo características patogenésicas distintas em cada substância (SCHEMBRI, 1992).

Hahnemann terapêuticamente recomendava o procedimento de medicamento único, desde que, envolvesse o maior número de sintomas do paciente. Durante o tratamento, Hahnemann buscava individualizar ao máximo cada caso, tentando encontrar o *Simillimum* dos pacientes. O *Simillimum* é o medicamento homeopático que cobre ou corresponde ao maior número de sintomas do organismo abrangendo os níveis energético, mental, emocional e físico (LISBOA et al, 2005). O medicamento único é o grande ideal do (da) homeopata. É desejável na experimentação a substância homeopatizada única e nos tratamentos o medicamento único a fim de que o

reconhecimento da ação possa ser atribuído a uma só substância. O uso de mais substâncias, concomitantemente ou alternadamente, sempre pode trazer dúvidas sobre qual substância agiu, confundindo o posterior acompanhamento do caso e as posteriores medicações (NASSIF, 1995), considerando que na homeopatia não se pratica a supressão de sintomas.

Hahnemann, ao estruturar as bases da Homeopatia, definiu-se pelo unicismo terapêutico (medicamento único) como princípio de sustentação da "mais alta pureza científica". Recomendou a aplicação do medicamento único de cada vez, denominado *Simillimum* ou "de fundo", e a repetição das doses quando os efeitos das doses anteriores deixam de se manifestarem, podendo ser alterada sua dinamização. A indicação do medicamento depende do quadro sintomatológico e da lei dos semelhantes (SCHEMBRI, 1992; BAROLLO, 1996).

A experimentação é sempre conduzida de acordo com o princípio da substância única. A pesquisa com mais de uma substância é imprecisa, não havendo meio de definir qual componente da mistura agiu, além de não se poder predizer as interações que venham a ocorrer nas misturas (VITHOULKAS, 1980).

A substância única na experimentação está na relação direta de importância, quanto individualizar o organismo. Qualquer situação estranha transgride a lei da semelhança e falseia os princípios fundamentais da Homeopatia (BRUNINI et. al., 1993).

O princípio da substância única se refere ao procedimento de experimentar uma substância homeopatizada por vez, assim como, recomendar um único medicamento por vez. Há coerência e há lógica nesta

proposta de Hahnemann, adotada inclusive pela ciência moderna, utilizando como ferramenta a estatística, pois ao se planejar os experimentos, é necessário conhecer individualmente os efeitos de cada um dos fatores a serem testados. Caso isso não ocorra, não é possível se diferenciar efeitos causados por fatores distintos, dificultando, ou até mesmo inviabilizando, a interpretação dos resultados do experimento. Hahnemann, já há duzentos anos atrás, sabia e se utilizava disso. Portanto se cada substância homeopatizada gera um quadro de patogenesia, cada quadro patológico deve comportar um medicamento homeopático, por questão de corolário.

CAPÍTULO 4

**REVISÃO DE CONCEITOS PERTINENTES A
CIÊNCIA DA HOMEOPATIA**

VITALISMO

ENERGIA

RITMO

ESTRUTURAS E MEMÓRIA DA ÁGUA

**“FORÇA VITAL NÃO É ENERGIA.
ENERGIA NÃO É SUBSTÂNCIA.
ENERGIA É MEDIDA DE ATIVIDADE
COM PADRÕES DINÂMICOS”.**

Walmir R. G. Silva

REVISÃO DE CONCEITOS PERTINENTES À CIÊNCIA DA HOMEOPATIA

Vitalismo

Hahnemann incorporou na Homeopatia o conceito de vitalidade, ou seja, “abordagem de conjunto (holística) que preconiza a existência do controle único das funções orgânicas” (DUDGEON, 1994).

O Vitalismo antecedeu em séculos o conceito de autoregulação adotado (com relativa subjetividade) atualmente na Bioquímica. O conceito de vitalismo sempre esteve presente na história das sociedades humanas, sendo possível encontrar referências em textos babilônicos, chineses, egípcios e greco-romanos, sendo alguns datados de mais de 4.000 anos. A nossa sociedade atual talvez seja a primeira da História que não admite oficialmente, de alguma forma, o vitalismo. A autoregulação na bioquímica se refere aos controles que escapam da organização determinada pelo DNA nuclear/DNA citoplasmático ou pelas proteínas que guardam informações. Os conceitos, vitalismo (antigo) e autoregulação (moderno) são então aceitáveis na ciência como hipóteses explicativas, entendendo-se que, a ciência convencional tem como limite a organização determinada pelo DNA. A disciplina de Bioenergética recém-criada dentro da Bioquímica, tenta inserir o sistema materialista e seus respectivos dogmas dentro da Biofísica. Afinal o conhecimento avança com a concretude dos resultados os quais são ajustados e vinculados a subjetividade das idéias pré-concebidas. O conflito da racionalidade (o modo de pensar masculino do hemisfério esquerdo do cérebro) com o Vitalismo está na popularidade do Vitalismo e na respectiva

conotação de religiosidade.

As religiões recebem críticas das pessoas com mente racional porque procedimentos religiosos demandam dogmas e fé (que são hipóteses). Esquecem as mentes racionais que na ciência ortodoxa também se pratica este tipo de iniciativa ao se propor hipóteses/padrões/idéias explicativas que fazem parte do raciocínio e de artigos científicos. Esquecem os racionais que na ciência convencional as verdades duram pouco, pois novos conhecimentos substituem os velhos. Esquecem também que a verdade maior dos religiosos permanece, não mudou desde a saída das cavernas, qual seja, o Criador, a Inteligência Suprema continua presente como verdade percebida pelo ser humano (tanto no evolucionismo como no criacionismo). Esse pensamento é feminino (hemisfério direito do cérebro) pois é carregado pela fé. A mesma fé das hipóteses (hemisfério esquerdo) dos racionais. Os racionais "foram obrigados a perder a fé" de que os átomos são pedaços de matéria. Essa verdade não "viveu muito", mas a verdade da Vitalidade governando a natureza persiste, e modernamente até recebeu nova sigla, DI (Intelligent Designer). A rigidez do hemisfério direito dos não-ortodoxos, (condenada pelos cientistas ortodoxos) é a mesma rigidez que está no hemisfério esquerdo dos ortodoxos .

A matéria é tão imaterial quanto é a Força Vital porque a matéria é função de onda (fenômeno que ultrapassa o limite da percepção de partículas como parte da matéria). Pela teoria da relatividade, matéria e energia são dimensões do espaço, convertendo-se, matéria em energia ($e = mc^2$). O Vitalismo preconiza a existência do controle da vida em cada organismo vivo.

A racionalidade construiu o conhecimento propondo

verdades e quanto mais veloz se apreende o conhecimento, mais verdades perdem valor. Afinal autoregulação é a grande verdade procurada pelos cientistas. No fundo os cientistas vivem o fenômeno denominado *Hybrids* pelos psicólogos e psiquiatras, no qual, o ser humano entende ser algo como deus e se comporta como se fosse o próprio Deus (MAGALDI, 1993).

A racionalidade ocidental tem a base monetária como força impulsora. O acreditar que as moedas são a razão da vida já substituiu verdades e religiões de muitas pessoas na modernidade. A diferença é que obedecer a natureza traz resultados bastante qualitativos, diferentes do obedecer a lei dos quantitativos de capital. A natureza tem vitalidade, a natureza é viva enquanto a moeda é morta (nunca teve vida), a moeda é objeto. A moeda tem a função de permutar trabalho.

O Vitalismo, apesar de sua semelhança com a autoregulação moderna, é o conceito que tem condenado a homeopatia. O Vitalismo constitui-se obstáculo na aceitação da homeopatia pela medicina ensinada nas faculdades. Não aceitam os cientistas ortodoxos que pela religiosidade foi acessada a essência da vitalidade primeiro que a ciência ortodoxa.

Energia

A interpretação dos conceitos de energia publicada pelo físico quântico e homeopata Walmir Ronald Guimarães Silva (2004) é a base das quatro considerações que se seguem.

1) As mudanças nos níveis de energia sutil ou de energia vital são a causa das enfermidades. Esse é o

entendimento de saúde partilhado por vários terapeutas não ortodoxos, usuários de técnicas que aprofundam a cura das enfermidades. Tal concepção é semelhante à tradição terapêutica chinesa. Há troca de energia vital entre o organismo e o ambiente. A energia é transferível pela imposição de mãos, massagens e banhos.

2) O conceito de energia adotado pelos não-ortodoxos conflita com a visão científica em que “energia não é substância mas medida de atividade com padrões dinâmicos”. A medicina não-ortodoxa dialogaria com a física moderna se substituísse energia por: fluxo, vibração, ritmo, sincronia, ressonância, os quais tem sintonia com os padrões dinâmicos de autoregulação. Os leitores do “Organon da Medicina Racional”, ou “Organon da Arte de Curar”, obra fundamental da Homeopatia, que substituíram “Força Vital” de Hahnemann por “Energia Vital” devem portanto adotar o conceito de “padrões dinâmicos de autoorganização” quando se referirem à Força Vital.

3) Na terapêutica homeopática admite-se que o preparado homeopático acessa a Força Vital ou “os padrões dinâmicos de autoregulação”. E modernamente admite-se que a carga informacional que causa efeitos inteligentes não é conduzida por átomos ou por moléculas complexas, nem por partículas como elétrons/prótons/nêutrons. A célula retirada do fígado volta ao estado ameboide sem função hepática portanto, o fígado age como organizador ou como força vital específica. O último estado conhecido de energia da matéria corresponde a soma de ondas dando aparência de sólidos por causa dos campos criarem “barreiras de potencial” que dão a ilusão da forma.

4) A matéria se desmaterializa dando lugar às funções de ondas que são “reflexos de fontes de forças conceituais”.

Portanto a forma contém a inteligência conceitual pois sem ela seria amorfa. Conclusivamente o conceito gera a forma e respectiva funcionalidade. Os pacotes de energia, os elétrons, os prótons, os nêutrons, as moléculas, as células, os órgãos, os sistemas, os minerais, os vegetais, os animais, os seres humanos, todos contém inteligência conceitual (o modelador material, o organizador conceitual).

Portanto a afirmativa de Hahnemann: “quanto maior a dinamização maior o efeito mental e menor a ação sobre o corpo físico”, é correta, é científica, é atual e está avançada em relação a medicina convencional/ortodoxa que ridiculamente despreza a psicossomática e a física quântica. Os médicos nem sequer estudam no currículo básico: nutrição, farmacologia, psicologia, quanto menos homeopatia.

Com relação a energia alguns consideram a medicina convencional como algo moderno, mas apenas por causa dos aparatos/instrumentos/análises, todos atualizados pelas ciências básicas (química, física, bioquímica, biofísica). A medicina convencional se intitula moderna por causa dos exames modernos. No seu conceito de matéria a medicina ortodoxa parou no tempo, parou no comércio, parou na dependência da indústria de medicamentos alopáticos, parou na filosofia, parou no conceito de ser humano. Do mesmo modo parou a agronomia na poluição da terra, das águas e dos alimentos. Nem médicos nem agrônomos se importam com o alimento produzido com agrotóxicos! As atitudes de saúde deveriam começar pelos médicos e nutricionistas contra o alimento gerado pela tecnologia agrônômica do veneno, equivocadamente denominada moderna.

A energia é efeito do conceito (inteligência conceitual). Conceitos novos individuais são favoráveis quando estão em ressonância com os propósitos da coletividade. Darwin, no

livro do século sobre a evolução das espécies, sustenta o avanço das espécies com base no comportamento novo favorável. O livro de Darwin não foi escrito com base no conhecimento de genética, mas antecipa incorpora a inteligência conceitual em que “o conceito gera a forma”. O comportamento, como novo conceito, direciona a evolução.

Hahnemann deu o grande salto ao afirmar que a Força Vital (com proximidade da inteligência conceitual) com autocracia (poder absoluto) reina com poder ilimitado e mantém todas as partes em admirável atividade harmônica nas suas funções e sensações de modo que o espírito dotado de razão que reside em nós pode livremente dispor desse instrumento vivo visando os altos fins da existência”.

Ritmo

A sucussão das soluções diluídas é feita com ritmo. É como se o preparado homeopático fosse música. Atualmente até se dispõe de dados experimentais comprovando que ritmos mais acelerados, além do que o braço humano pode impulsionar, resultam em preparações homeopáticas com mais energia. Os dados de resposta dos organismos vivos obtidos nos experimentos têm revelado oscilações.

Visando elucidar esses conceitos tão importantes no estudo da homeopatia foram revisados alguns trabalhos por MICHAUD (1998) cuja síntese consta do texto que se segue.

A vida é caracterizada também pelo mover de partes e pelo movimento do todo. Mas o movimento eficaz, eficiente, efetivo se caracteriza por estar ordenado, o que significa possuir alguma periodicidade. Quando o movimento adquire ritmo implica que houve ordenação, por isso passa a ser eficaz/eficiente e propenso a manifestações de vida. O

movimento com ritmo é fundamental na elaboração de preparados homeopáticos. E o fator tempo é essencial no definir a periodicidade ou ritmo. Por outro lado, na alternância, a caracterização é feita pelo espaço, pela localização. Assim, fenômenos alternantes mudam quanto a posição e mudam de lugar, enquanto fenômenos ritmados mudam quanto ao tempo de ocorrência. As mudanças na resposta de algumas variáveis quantitativas aos preparados homeopáticos são consideradas fenômenos de ritmo porque variam no tempo.

Objetivamente o ritmo, com seu respectivo tempo, é conceitual. O movimento ordenado de rotação da Terra em torno do eixo, assim como, o movimento de rotação da Terra ao redor do Sol, são os dois ritmos cósmicos que mais influenciam o ritmo biológico ou a vida da Terra. A começar pelas estações e pelo dia-noite. O movimento da Terra em relação ao Sol é portanto exemplo objetivo do conceito de ritmo e tempo como movimento ordenado. É também o exemplo de que o proceder com ritmo na homeopatia é fundamental.

O ritmo, além de presente na Terra em relação ao Sol, também está presente na vida dos seres humanos, assim como, na vida dos animais e dos vegetais. O ritmo lunar, estudado na geografia e na biologia vegetal, marca o equilíbrio dos líquidos. O ritmo de base 7 é o ritmo das fases da lua, é também dos dias da semana, além das notas na escala musical e das cores básicas. Assim, o ritmo lunar, a exemplo do ritmo da Terra e da Terra-Sol, interfere nos processos. O ritmo lunar intervém nos processos vitais, desde as menstruações até o parto. Até que nível de precisão deve-se considerar o efeito lunar nos experimentos com homeopatia?

Os ritmos estão presentes nas atividades

condicionadas pelo dia/noite, das plantas e dos humanos. Nos organismos vivos as atividades acontecem, se sucedem, ordenadamente, com ritmo. Porém o constitucional dos organismos vivos é fixo, o que não impede o corpo ter/viver o ritmo. O constitucional dos organismos condicionados geneticamente permite o ritmo, podendo até ter distúrbios com o ritmo, sem ser alterado contundentemente na sua estrutura. O equilíbrio, do constitucional dos organismos vivos com o ritmo inevitável interno, retrata o estado de homeostase geral. O constitucional é determinado pela base genética do organismo, tendo o ritmo da vida que abriga. Paradoxalmente há atividade rítmica na síntese do DNA/RNA e nas mitoses que determinam a constituição dos organismos vivos. Assim, o ritmo interno das plantas está contido pela sua própria constituição/estrutura. O ritmo interno das plantas é refletido nas mensurações que se faz nos experimentos com preparados homeopáticos, assim, esse ritmo contribui com as oscilações dos dados experimentais. Portanto, as oscilações nas medidas de variáveis quantitativas refletem também o ritmo interno das plantas.

O ritmo interno das plantas não está isolado do ritmo do ao redor. É sabido que água e lua manifestam o estado de unidade. Onde há água observa-se o ritmo da lua.

O mercantilismo atingiu a ciência. Mas o ritmo das plantas aparentemente não gera tecnologias vendáveis porque, é questão de ser essência e não de ser objeto comercial.

O problema profundo do ritmo biológico é que não há ainda princípios e teorias consolidadas que possam dar suporte. E o mais complicado na visão dos cientistas convencionais é que provavelmente a lei que explicar o fenômeno rítmico vai depreciar séculos de pesquisas que

desconsideraram a variabilidade, a alternância, a periodicidade, o ritmo. O impacto científico-cultural nas pessoas seria negativo, ainda que altamente positivo quanto ao conhecimento e a ciência. Mas, e sobre a tecnologia homeopática, qual seria o impacto?

Sendo o ritmo, a lei da natureza menos estudada, não é conhecida fisicamente sua origem. Qual seria hipoteticamente a hierarquia do universo que regula o ritmo? O ritmo seria apenas consequência da rotação da Terra em torno do seu eixo e do giro da Terra ao redor do Sol? São os dois ritmos cósmicos que mais interferem com o ritmo biológico da vida terrestre! Quais outros ritmos cósmicos causariam efeitos? Na lógica do holograma cabe a pergunta, qual ritmo a Terra está imitando no universo? Qual ritmo exerce maior influência nos organismos tratados com homeopatia?

Qualquer que seja esse ritmo não é possível ainda manipular tal ritmo e assim não seria mercadoria desta sociedade de consumo. Teria a Ciência da Homeopatia recursos de modo a acessar os ritmos da vida vegetal terrestre? E as hierarquias de maior escalão?

Estruturas e memória da água

O veículo ou solvente, água + etanol, é o meio mais conhecido quanto a adequação e eficiência, no preparo das soluções homeopáticas. A água pura tem se revelado nas pesquisas como incapaz de manter a efetividade medicamentosa na homeopatia por muito tempo. Estão sendo demandados estudos sobre manipulação da água na tecnologia de preparação de homeopatias.

Vários comportamentos da água não têm suporte nas teorias atualmente aceitas pela física e pela química. Além

disso, várias das propriedades da água conflitam com o conhecimento básico e as teorias deste solvente universal.

Por essas razões Yuan Lee, prêmio Nobel em química/1986, qualificou a água como esquisita, argumentando que deveria ser gás, que expande-se quando deveria contrair-se, mas que todavia a Terra seria gelo sem tais esquisitices (BARBOZA, 2002).

Provavelmente porque é abundante, útil, possibilita lucros e ser manipulável livremente pela sociedade de consumo, a água não foi alvo de estudos suficientes que diminuíssem as incertezas sobre a sua estrutura. A água como veículo de informações deve ser estudada fisicamente visando o avanço da tecnologia em homeopatia.

O esforço dos últimos 50 anos não foi satisfatório no sentido de identificar modelos estruturais da água. Todavia a sociedade de consumo, arrastada pelas bolsas de valores, tem demonstrado a sua incompetência ao usar a água. Acima de tudo o modelo dos ganhos de capital avança patenteando métodos/tratamentos/procedimentos que transformem a água, a matéria-prima da natureza, em produto comercial lucrativo.

A inclusão das interações intermoleculares de longa e curta extensão auxiliam no entendimento das dezenas de atributos importantes da água que são importantes nas preparações homeopáticas. A água é influenciável por campos magnéticos, mas, ao contrário do que é falado, a água não é magnetizada e as influências químicas/biológicas não implicam no estado de estar magnetizada. Revelam apenas modificações físico-químicas que por si causam efeitos. A água portanto é alterada e não magnetizada (BARBOZA, 2002). O efeito de campos magnéticos sobre os preparados homeopáticos carece de pesquisas objetivando as perdas e os ganhos de informações veiculadas nos medicamentos

homeopáticos, até mesmo nas substâncias homeopatizadas, em fase de experimentação.

A água recebe influências do campo elétrico e do campo magnético gerado pelo planeta Terra. Apesar de ser considerado de baixa intensidade, o campo magnético da Terra varia (em direção e sentido) conforme a localização na superfície do planeta, havendo oscilações, periodicidades, desde seculares até a cada hora. A intensidade das variações é proporcional à periodicidade de ocorrência. Os dados destas variações são computados e matematicamente submetidos a modelos, cada 5 anos, viabilizando o mapa geomagnético atual e de épocas passadas. A maioria dos trabalhos publicados sobre a ação desses campos magnéticos evidenciam a grandeza das oscilações que são estatisticamente importantes nas variáveis estudadas, dificultando repetições dos experimentos (BARBOZA, 2002).

A energia spin não é considerada como efetiva no fenômeno da transmissão de energia do preparado homeopático ao organismo vivo. Porém as propriedades magnéticas da água, após dissolverem solutos portadores de spin eletrônico, são alteradas quando o preparado homeopático (feito em água + álcool) é exposto ao ímã (campo magnético). Os spins de Ferro, Cromo, Níquel e Manganês tendem a se orientar na direção do campo. Qual seria o efeito do campo magnético da Terra sobre os preparados homeopáticos?

A água tem propriedades diamagnéticas por causa da configuração eletrônica em que todos os elétrons estão emparelhados. Em consequência, a água repele as linhas de força do campo magnético e é repelida pelo mesmo campo. Segundo BARBOZA (2002), Hirota demonstrou classicamente em 1995 o efeito do diamagnetismo da água

e em 1998 mostrou a levitação da água sobre o campo magnético.

De acordo com BARBOZA (2002), Zhou simulou pelo método Monte Carlo, intensidades de campos magnéticos atuando sobre a água demonstrando alterações nas propriedades termodinâmicas e conseqüentemente nas atividades biológicas. Vários trabalhos têm demonstrado as aplicações na agropecuária, na medicina, na indústria e na microbiologia.

BARBOZA (2002) resumiu algumas aplicações da água alterada por campos elétricos e magnéticos: no aumento do índice de gordura do leite, na germinação de sementes, na produtividade agrícola, no teor de açúcar do melão, no aumento da permeação da água pelo solo, no aumento dos ganhos de peso de filhotes (cabra, ovelha, galinha, peru), no crescimento de leveduras. Qual seria a relação da água do corpo dos organismos com o campo magnético? Se apenas a água interfere com os processos vitais seria esperado que a água carregada de informações nos preparados homeopáticos causem também efeitos e até mais intensos e específicos?

O conhecimento da estrutura da água é fundamental no entendimento dos fenômenos das altas diluições/homeopatia.

A estrutura da água é dinâmica portanto ocorrem mudanças rapidamente na posição das moléculas sendo o tempo médio de re-orientação de cada molécula 10^{-12} segundos. Os choques não incluem os choques da sucussão na farmacotécnica homeopática. Na dinâmica do meio líquido prevalecem os choques/colisões e mudanças de orientação, ainda assim as estruturas permanecem estáveis em equilíbrio (PORTO, 2004).

A possibilidade de estrutura da água foi primeiro discutida em 1892 e os estudos se sucederam, destacando-se que em 1933 foram propostas três configurações dependentes da temperatura da água, sendo os arranjos das moléculas na forma de tetraedro.

Conforme PORTO (2004) em 1951 Pople propôs o modelo de redes contínuas de moléculas e este modelo ainda está dentre os principais. Posteriormente, em 1998 Pople recebeu o prêmio Nobel pelos trabalhos em química quântica. O segundo modelo atualmente importante foi proposto por Frank e Wen em 1958.

No modelo de Pople a água tem a rede tridimensional flexível formada por ligações de hidrogênio (antigamente denominada ponte de hidrogênio), com possibilidades de distorções que geram as variações de energia. Este modelo permite prever a distribuição radial, a constante dielétrica e a capacidade calorífica. No modelo de Frank e Wen duas possibilidades se interconvertem: os monômeros e os cachos (clusters). As ligações de hidrogênio tem característica covalente, a meia vida do cacho é 10^{-10} segundos, grupos promotores fazem a estruturação antagonizados por grupos que rompem as estruturas (PORTO, 2004).

Dentre as modificações que sucederam aos dois modelos, conforme PORTO (1998) destacam-se: a) Bernal (1964) propôs cachos de 4 a 7 moléculas porém sendo freqüentes os cachos de 5 moléculas; b) outro destaque é Liu que utilizando dados dos últimos 20 anos propôs cachos variando de dimensão e de conformação tendo os pentâmeros maior probabilidade energética, o que já foi confirmado. O interesse na configuração de pentâmeros aumentou pelas evidências de proximidade dos pentâmeros com proteínas, com DNA, e com o complexo Droga-DNA; c) outro destaque

é Shi, com base em dados de termodinâmica de até 28 moléculas, determinou que a configuração com 21 moléculas é mais provável, parcialmente repetido por König e Fales quanto a 21 e 28 moléculas. Harvey concluiu, “quanto maior, mais energia o cacho demanda”.

Na revisão bibliográfica, FONSECA (2005) destaca o trabalho de Shui Yin Lo sobre o comportamento molecular da água em preparações que ultrapassam a constante de Avogadro (depois da décima segunda diluição não existe probabilisticamente moléculas da substância dissolvida). Foi verificado que moléculas de água, normalmente dispostas de modo aleatório em estado normal, após a ultradiluição passaram a formar “cachos” de 6 a 100 unidades, todos alinhados de forma original e exibindo as características de campo eletromagnético singular, além da adesão firme entre as moléculas. Ainda mais impressionante é o fato de que tais cachos se replicavam a cada nova diluição, mesmo que na água não mais existissem resquícios da substância adicionada ao início. Investigações espectroscópicas (Raman) têm mostrado que as estruturas tipo cachos se replicam. Em estudo recente realizado na Universidade da Califórnia, em Los Angeles, o imunologista Benjamin Bonavida constatou que a água com cachos moleculares (descobertas por Lo) possui outra característica não menos surpreendente: a solução é capaz de estimular células do sistema imunológico, em tubos de ensaio, até 100 vezes mais do que a água pura, revelando assim atividade biológica ainda inexplicada.

ANAGNOSTATOS (1998) relatou a probabilidade de formação de pequenos cachos de água como parte do mecanismo de informação estruturada passada via preparados homeopáticos. O movimento mecânico no

processo de dinamização (farmacotécnica homeopática) promoveria cópias similares destes cachos. O papel do veículo (no caso, a água) é altamente relevante, pois atuaria como suporte e como condutor da informação, devido as alterações conformacionais que ocorrem nos cachos submetidos à dinamização (agitação). A própria sucussão, utilizada no processo de preparo das soluções homeopáticas, teria sua importância também por causa da adição de energia ao sistema solvente-soluto.

REY (2003) comprovou que soluções de sais de lítio e de sódio diluídas na escala centesimal e sucussionadas em série, método utilizado na preparação das dinamizações homeopáticas, possuem padrão de emissão de termoluminescência semelhante ao da solução inicial, que contém grande quantidade de moléculas dos sais. O experimento constatou que os padrões se repetem mesmo após o processo de diluição e sucussão ser repetido 30 vezes, ou seja, muito além do limite de diluição no qual se poderia esperar encontrar moléculas dos solutos (constante de Avogadro).

CAPÍTULO 5

**O TRABALHO DE LILLY KOLISKO/EUGEN
KOLISKO E O MODELO DE CARLOS BONATO**

A partir de 1920, no Instituto de Biologia (Stuttgart, Alemanha) Lilly Kolisko e Eugen Kolisko conduziram muitos ensaios com preparados homeopáticos, escala decimal, 1D a 60D e 1D a 30D. Até 1939 os dois pesquisadores trabalharam juntos, porém, no momento de escrever o livro, Eugen faleceu. A pesquisa pioneiramente conduzida foi orientada e estimulada por Rudolf Steiner (o idealizador da Antroposofia e da Agricultura Biodinâmica) e aborda os efeitos dos ritmos naturais, assim como, os efeitos dos preparados homeopáticos.

Foram realizados centenas de ensaios por KOLISKO & KOLISKO (1978) com muitas espécies e cerca de 300 preparados homeopáticos feitos com sais minerais e com plantas. Tal como Hahnemann em 1796 nos seres humanos, KOLISKO & KOLISKO (1978) perceberam na experimentação com plantas que: a matéria atua como matéria ou atua como força específica. E especularam que há sempre a força que ativa todo tipo de matéria, ou seja, a matéria tem sempre a força que a ativa. Naturalmente que a força referida por Hahnemann e por KOLISKO & KOLISKO (1978) fluiu e foi captada via preparações imateriais que superavam a constante de Avogadro (as preparações homeopáticas).

KOLISKO & KOLISKO (1978) em vários ensaios observaram que havia ritmo nas respostas das plantas às potências crescentes 1D a 60D. E que a cada sete potências geralmente surgia a repetição de algum fenômeno na variável quantificada. Nos preparados homeopáticos elaborados com base em plantas KOLISKO & KOLISKO (1978) utilizaram nas diluições o solvente água e álcool, porém, usaram lactose nos casos de sais insolúveis fazendo o preparado por trituração. Foi observado que os tratamentos com dinamizações crescentes provocaram padrões de resposta

que possuem semelhança com ondas eletromagnéticas, tendo picos de resposta mínima e resposta máxima. O crescimento inicial das plantas ora foi maior ora foi menor que a testemunha sem tratamento homeopático.

KOLISKO & KOLISKO (1978) durante a condução dos ensaios tiveram o cuidado de isolar experimentalmente os efeitos de: luz, correntes elétricas, magnetismo, temperatura, umidade do ar e estações do ano. Foram testadas várias misturas de solo e foram feitos estudos de patogenesia em ratos.

PONGRATZ & ENDLER (1994) reconduziram 3 estudos de KOLISKO & KOLISKO (1978) com o mesmo protocolo, cada estudo foi repetido em dois locais e abordaram o efeito do nitrato de prata na germinação e emergência de sementes de trigo. Os autores confirmaram as conclusões de KOLISKO & KOLISKO (1978) e reafirmaram a confiabilidade nos trabalhos conduzidos na Alemanha a partir de 1920 por Lilly e Eugen Kolisko.

As plantas vivendo enraizadas no solo naturalmente, sem a possibilidade do escape físico, tem então nos recursos da plasticidade (morfológica/fisiológica) os meios de se adaptarem aos extremos (estresse) de temperatura. Também a plasticidade permite se ajustarem à insuficiência de água/luz/nutrientes/condições ambientais, que se alteram em ciclos diários e sazonais (CASALI, 2001).

A resposta da planta ao estresse implica na expressão de genes e nas modificações do metabolismo. As plantas podem então perecer ou sobreviver dependendo da resistência de sua autoregulação que pode ser identificada como Força Vital, assim conceituada por Hahnemann ("Organon da medicina racional", parágrafo 9): no estado de saúde, a força vital (autocracia), que dinamicamente anima

o corpo material (organismo), reina com poder ilimitado e mantém todas as suas partes em admirável atividade harmônica, nas suas sensações e funções (LISBOA et al, 2005).

Quando se aplica algum preparado homeopático capaz de produzir na planta sadia os mesmos sintomas presentes na planta doente, a resultante será o reestabelecimento ou minimização dos efeitos causados pelos fatores bióticos ou abióticos sobre a autoregulação (força vital). A reação será função da autoregulação em produzir efeitos no sentido oposto à ação. Todo agente provoca na planta alguma reação de maior ou menor intensidade, de acordo: com suas possibilidades biológicas, seu maior/menor grau de equilíbrio no momento, a intensidade dos agentes agressores. A resposta das plantas ocorre no sistema bioquímico ou no sistema energético (BONATO, 2004).

Os preparados homeopáticos quando aplicados visando o equilíbrio ou ordem de situações de estresse, as plantas na sua imobilidade responderão com muita intensidade por meio de sua autoregulação que movimentará o metabolismo secundário ou até primário (CASALI, 2003).

Segundo BONATO (2004), os medicamentos homeopáticos se comportam como energia, seguindo as mesmas leis físicas de ondas eletromagnéticas como: frequência, comprimento e amplitude. A frequência e o comprimento de onda são inversamente proporcionais, ou seja, quanto maior o comprimento de onda menor será a frequência e vice-versa. Cada onda possui natureza e frequência peculiares. Por exemplo, há ondas curtas de rádio, ondas na região do espectro visível, dos raios X. O espectro de luz corresponde a frequência de onda entre 10^{14} e 10^{15} vibrações por segundo (HERTZ- HZ).

É provável que os medicamentos dinamizados, como também a força vital em homeostase (sadia) ou não (perturbada, doente), tenham as propriedades físicas de frequência e comprimento de onda, porém com magnitude e natureza distintas. A patogenesia de *Calcarea carbonica*, por exemplo, difere substancialmente da patogenesia produzida por *Aurum metallicum* ou *Arnica montana*, pela variação da frequência intrínseca à substância.

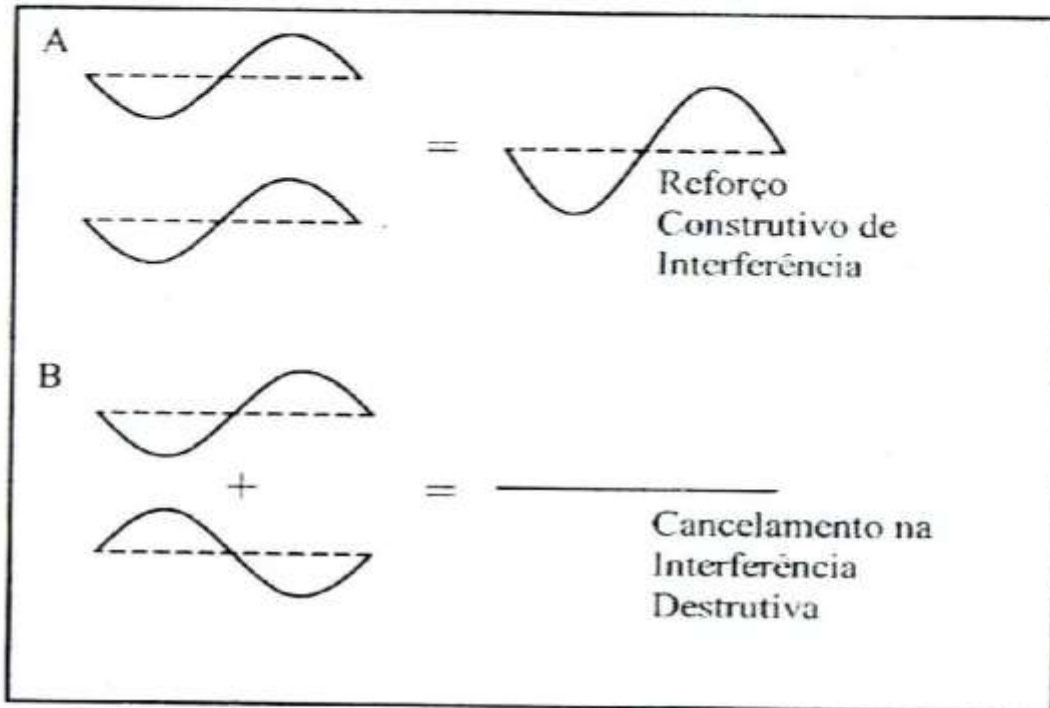
SCHEMBRI (1992), elaborou comparações entre os medicamentos homeopáticos e o fenômeno físico de propagação por ondas eletromagnéticas. Afirmou que, sendo os medicamentos homeopáticos de natureza energética, somente por meios eletrônicos seria possível identificá-los, inclusive cada potência, nas escalas decimal e centesimal. Confirmou que biologicamente os medicamentos homeopáticos são identificáveis. Levantou a possibilidade de fazer analogias entre ondas curtas ou longas hertzianas e altas ou baixas dinamizações homeopáticas.

De acordo com BONATO (2004), cada preparado homeopático produz na planta saudável sintomas peculiares segundo a frequência de onda própria. Quando há semelhança de vibração entre o medicamento e o organismo, processo este denominado de fenômeno de interferência de ondas destrutivas, a planta volta à sua homeostase natural (saúde) pela natural e imutável Lei dos Semelhantes.

BONATO (2004) elaborou sua proposta do mecanismo de ação do preparado homeopático nas plantas. Como duas ondas semelhantes ou idênticas podem se neutralizar? Na física há explicação científica deste fenômeno. Antes disso, deve-se ressaltar que o tratamento com medicamento homeopático visando o equilíbrio do organismo acontece em duas etapas. Primeiro, pelo fenômeno de ressonância, e

segundo, pelo fenômeno de interferência de ondas destrutivas. O primeiro se caracteriza pela transferência de energia de algum sistema oscilante a outro, quando a frequência do primeiro coincide com a frequência do segundo. É o que acontece com a transferência de energia entre moléculas de clorofila, ao receberem fótons de energia do espectro de luz visível (azul e vermelho). E o fenômeno de interferência de ondas destrutivas? Como alguma onda pode destruir outra semelhante? O estudo básico em eletrônica revela que quando duas ondas eletromagnéticas idênticas, com a mesma frequência e comprimento, se acham em oposição de fase, as ondas se anulam (cancelam). Isto acontece quando a fase máxima positiva (crista) de uma onda coincide com a fase máxima negativa (vale ou depressão) de onda idêntica (Figura 1). No cancelamento da interferência destrutiva equivale afirmar que desarmonia, doença e desequilíbrio são cancelados pela mesma desarmonia, doença ou desequilíbrio. Há também o caso onde duas ondas em fase se somam, neste caso há o efeito aditivo (efeito construtivo de interferência) (Figura 1).

Figura 1 - Esquema mostrando o reforço construtivo de interferência e o cancelamento na interferência destrutiva de ondas eletromagnéticas.

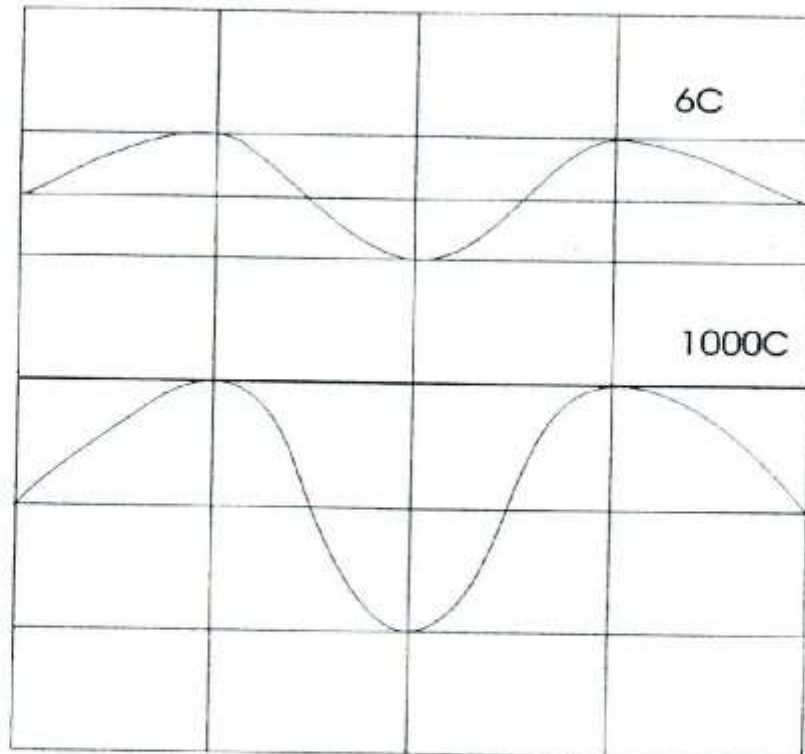


Adaptado de BONATO (2004).

O mecanismo de ação do preparado homeopático nas plantas pode ser detalhado como se segue, de acordo com BONATO (2004). Aparentemente quando se aumenta a dinamização do medicamento, a frequência da onda permanece fixa. Assim, a patogenesia do medicamento é independente da dinamização. As dinamizações 3C e 200C teriam a mesma frequência. Como se explicaria o aumento do potencial medicamentoso nas dinamizações progressivas? O que a dinamização muda no medicamento é a amplitude de onda. Exemplo comparativo de mudança de amplitude, mantendo a frequência, é o aumento do volume da música

(nota musical com frequência peculiar). O aumento é apenas da amplitude e não da frequência de onda. O medicamento homeopático de baixa dinamização, por conseguinte, teria amplitude menor comparado ao medicamento de alta dinamização, ou seja, quanto maior a dinamização maior a amplitude, como pode ser visualizada na figura 2. Verifica-se que as dinamizações 6C e 1000C têm a mesma frequência e mesmo comprimento de onda, mas têm amplitudes distintas. A dinamização 1000C tem amplitude de onda bem maior. Isto também implica que, provavelmente, uma das formas de individualizar fisicamente a preparação homeopática, é pelo comprimento de onda e frequência, sendo que a dinamização seria relacionada à amplitude. Vale lembrar que, classicamente, a identidade da substância homeopatizada advém da experimentação em homeopatia, pelo conjunto de sintomas que causa no organismo saudável, ou seja, pelas patogenesias.

Figura 2 – Dinamizações do medicamento com frequência e comprimento de ondas iguais, porém, amplitudes de ondas diferentes. O medicamento cuja dinamização é 1000C tem amplitude maior do que o mesmo medicamento na dinamização 6C.



Em plantas a resposta ao aumento das dinamizações não implica necessariamente em aumento da reação como ocorre nos seres humanos (ANDRADE, 2000). Portanto nas plantas o fenômeno não é idêntico ao que consta no Organon (LISBOA et al, 2005), ou seja, o aumento das dinamizações não provoca respostas fisiológicas progressivas (BONATO, 2004).

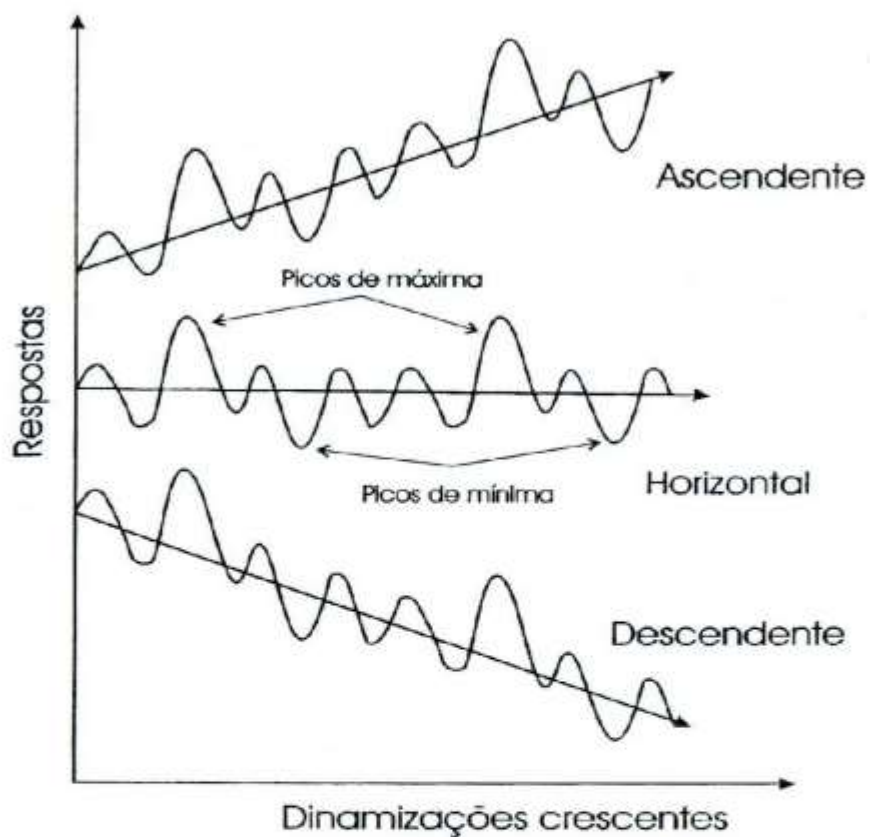
KOLISKO & KOLISKO (1978) experimentando

potências 1D a 60D em trigo principalmente, observaram respostas em padrões de curvas similares às ondas eletromagnéticas com picos de máximo e de mínimo.

BONATO (2004) obteve respostas em formas de ondas expressando o comportamento das plantas tratados com várias dinamizações com efeitos ora estimulantes ora supressores, confirmando os resultados de CASTRO (2002), ARMOND (2003), DUARTE (2003), ANDRADE (2004),. Destaque deve ser dado ao trabalho de BATIROLA DA SILVA (2005) que discutiu o modelo de resposta de plantas no decorrer do tempo após a aplicação de preparados homeopáticos e obteve resultados na forma de ondas, como KOLISKO & KOLISKO (1978), BONATO (2004) e demais autores.

Avaliando os resultados de KOLISKO & KOLISKO (1978) foi observado por BONATO (2004) que, dependendo do medicamento homeopático e da planta, as respostas na forma de onda, podem ser de maneira: horizontal, ascendente ou descendente como consta da figura 3. Dependendo da dinâmica e da similitude entre o organismo e o medicamento, as respostas poderiam ser de três maneiras como sugeridas anteriormente, mas independentemente do caso as respostas são sempre na forma de ondas.

Figura 3 – Respostas das plantas a dinamizações crescentes de soluções ultradiluídas e sucussionadas.



CAPÍTULO 6

MODO DE AÇÃO DA HOMEOPATIA

**“A AUSÊNCIA DE EVIDÊNCIAS
NÃO É EVIDÊNCIA DE AUSÊNCIA”**

Modo de ação da homeopatia

Os mecanismos de atuação da Homeopatia (ultradiluição) ainda são considerados desconhecidos porque há muitas dúvidas a respeito. Existem diversas teorias objetivando explicar esse fenômeno. Uma das teorias mais difundidas e aceitas é que a Homeopatia ou Ultradiluições atua sobre a Força Vital dos organismos. O conceito de Força Vital é muito antigo, sendo mais familiar às culturas orientais. A Força Vital é responsável pela manutenção da unidade e do dinamismo dos organismos vivos, abandonando-os por ocasião da morte (VITHOULKAS, 1980). De acordo com Samuel Hahnemann, fundador da Homeopatia, "o organismo matéria, destituído da força vital, não é capaz de nenhuma sensação, nenhuma atividade, nenhuma autoconservação; é somente o organismo imaterial (a força vital), animador do organismo material no estado sadio ou no estado mórbido, que lhe dá toda sensação e estimula suas funções vitais" (LISBOA et al, 2005). Na década de 20, Wilhelm Reich fez diversas pesquisas científicas sobre essa energia singular relacionada aos organismos vivos, publicando diversos livros sobre o assunto. Os resultados de seus experimentos levaram à criação da orgonomia que dentro da psicologia é a disciplina que estuda os fenômenos energéticos ligados ao comportamento humano (REGO, 1992). A Acupuntura, técnica da medicina tradicional chinesa, praticada na China há 4.500 anos, baseia-se na teoria da energia vital, denominada Qi, fluindo constantemente pelo corpo humano por 12 meridianos. Desse fluxo depende a saúde do organismo humano. Outras abordagens energéticas são encontradas na Medicina: Antroposófica, na Medicina Ayurvédica (dos Vedas), Macrobiótica e na Radiônica dentre outras (REGO, 1992). A

partir do início do século XX, o entendimento como as células embrionárias não-especializadas formam tecidos altamente especializados e organizados, provocou pesquisas sobre os campos de energia vital ou “biocampos” associados aos organismos vivos. Tais pesquisas atualmente ocupam espaços dentro da biofísica. Diversos estudiosos de biologia atualmente argumentam que não seria possível a existência dos sistemas vivos, com sua complexidade organizacional/reacional, sem a presença de biocampos. A base genética e os biocampos são os responsáveis pela formação e manutenção dos organismos vivos (SAWA, 2000).

As propriedades (ou mecanismos de ação) das preparações homeopáticas que permitem interação com os biocampos ou a força vital dos organismos vivos ainda não são bem entendidas. Com base em diversos resultados de pesquisas de altas diluições, POITEVIN (1994) relatou que fatores físico-químicos podem ser responsáveis pelo efeito das preparações homeopáticas sobre os organismos vivos. E chamou a atenção de três fatores que exerceriam função importante na transmissão da informação. A) É possível que alguma especificidade molecular dos constituintes da solução original seja conservada. A função do veículo (no caso, a água) é altamente relevante, pois atuaria como suporte e talvez como condutor da informação, devido as alterações conformacionais nas moléculas de água submetidas à dinamização. B) A própria sucussão, utilizada no processo das preparações homeopáticas, também teria sua importância como fator externo de adição de energia ao sistema solvente-soluto. C) A presença do oxigênio atmosférico, a presença de partículas de sílica desprendidas das paredes dos frascos de vidro além dos radicais livres, dentro das preparações homeopáticas, também não devem ser esquecidas ao se

discutir o modo de ação das altas diluições.

De acordo com PORTO (1998), a água pode ter seu comportamento alterado e causar efeitos sobre sistemas biológicos, após ser influenciada por campos magnéticos. O frasco da solução Y juntamente com o frasco de água Z, ambos submetidos concomitantemente ao campo magnético, gera no frasco Z a solução imagem de Y. A solução imagem Z causa biologicamente em plântulas recém-germinadas o mesmo efeito da solução Y. Seria o indício de que outros campos (por exemplo, os campos de moléculas isoladas ou os biocampos) também possam induzir alterações sutis nas moléculas de água, causando efeitos sobre organismos vivos.

Segundo GUTMANN (1990), o efeito dos preparados homeopáticos é devido a: 1) as informações das moléculas do soluto, de alguma forma, passam às moléculas do solvente; 2) os sistemas biológicos têm a capacidade de perceber essas informações e seu comportamento é alterado; 3) a retenção dessas informações é realizada com o auxílio de outras moléculas, como o oxigênio, o nitrogênio e o dióxido de carbono, quando se considera o sistema hidro-alcoólico; 4) no sistema lactose, as moléculas de água que hidratam as moléculas de lactose são responsáveis pela estabilização das informações; 5) a transmissão das informações do soluto ao solvente seria possível devido ao “padrão de movimento” das moléculas do sistema, considerado como “rede estrutural oscilatória”, em constante ressonância.

Com o intuito de entender essa teoria é necessário que se utilize nova abordagem da matéria, na qual a característica mais importante é a organização dos sistemas moleculares. A compreensão é melhor, admitindo-se que todo tipo de informação disponível é relevante. Inclusive informações descartadas por serem consideradas

insignificantes (curiosidades ou anomalias), porque a organização dos sistemas moleculares não pode ser diretamente mensurável ou observável. Características intrínsecas das moléculas, como espaços vazios na conformação tridimensional e a alta adaptabilidade das ligações de hidrogênio da água, seriam responsáveis pela capacidade de organização molecular dos sistemas solvente-soluto. POITEVIN (1991) mencionou que o mecanismo de ação da Homeopatia está relacionado à informação biológica contida nas preparações.

De acordo com o modelo matemático proposto por KHRENNIKOV (2000), a informação contida na preparação homeopática interage com a informação potencial do organismo, alterando o estado geral e atuando, inclusive, nos sistemas fisiológicos. Segundo esse autor, tal modelo pode fornecer bases matemáticas aos fenômenos de conexão entre processos mentais e processos fisiológicos, psicoanálise freudiana, hipnotismo, comportamento coletivo consciente, e Homeopatia, os quais são explicados insatisfatoriamente, pelo formalismo clássico. O modelo considera a “realidade da informação”, além da realidade física explicável pelas leis da mecânica quântica.

As propriedades da água, ainda são bastante desconhecidas, apesar da aparente simplicidade molecular (CASTRO, 2002). Foi constatado por DEL GIUDICE et al. (1988) que as moléculas de água interagem coerentemente com campos de radiação quantizada, absorvendo energia, mesmo em frequências muito pequenas. Isso significa que mínimos distúrbios elétricos, que podem ocorrer na presença de uma única macromolécula ou colóide, poderiam causar polarizações elétricas permanentes nas moléculas de água. Há possibilidade de que essas interações coerentes, entre

os dipolos elétricos das moléculas de água e os campos de radiação presentes no meio, possam exercer importante função na formação de pequenas estruturas macroscópicas ordenadas, que poderiam ter grande importância na organização da matéria, tanto de sistemas inertes quanto vivos.

De acordo com SCHWARTZ e RUSSEK (1998), a informação presente nas preparações homeopáticas é mantida pelo mecanismo de memória sistêmica de todos os sistemas dinâmicos, tanto orgânicos quanto inorgânicos. Esse mecanismo de memória é gerado pela interação entre as vibrações que cada partícula emite e o somatório das vibrações que recebe das outras partículas, ou seja, os sistemas estão em constante ressonância. Como esse processo é contínuo, cíclico, e envolve retroação, tanto informações quanto energia podem ser “armazenados”, entre e dentro dos sistemas moleculares. Havendo retroação significa que, as partículas ao receberem vibrações, recebem também, não apenas as vibrações produzidas pelas outras partículas, mas suas próprias vibrações de um ciclo anterior, que se somaram às vibrações das outras partículas, e assim sucessivamente. Desse modo, os sistemas são interpretados em sua totalidade, não desprezando qualquer possível ou prováveis interações, tanto inter quanto intra-sistemas. Essa teoria é aplicável ao funcionamento dos neurônios ao produzirem a memória humana.

Além dos mecanismos de ação físico-químicos da Homeopatia POITEVIN (1994) citou ainda mecanismos de ação biológica que atuariam nos sistemas endócrino, nervoso e imunológico, ou seja, a Homeopatia teria atuação nos sistemas reguladores do corpo humano, responsáveis pelas percepções e reações às condições do meio.

BACHELARD (1995) atribuiu o efeito da Homeopatia às informações de moléculas da substância passadas às moléculas do meio (água, lactose). Ressaltou que, em baixas diluições, a substância entraria em ressonância consigo mesma, passando pouca ou nenhuma informação ao meio. Pode-se inferir que, quanto maior a diluição, mais estável a informação contida na solução. Assim, a presença molecular do soluto não seria mais necessária após haver contato suficiente com o sistema molecular do solvente. Tal afirmativa é paradoxal na Física Clássica, mas na Física Quântica é atribuída aos ritmos presentes na matéria (complementaridade partícula-onda). O referido autor relatou ainda que, devido a complementaridade, a matéria que esteve presente no início da preparação poderia retornar ao estado inicial, por exemplo, ao entrar em contato com algum organismo vivo. Os Campos de Ressonância Mórfica ou Campos Mórficos, teoria de Rupert Sheldrake, podem auxiliar no entendimento desse fenômeno (SHELDRAKE, 1991). Os Campos Mórficos estão presentes continuamente, em toda parte, interligando organismos e objetos, no tempo e no espaço, permitindo que qualquer evento ocorrido em determinado tempo e local, possa ocorrer novamente em qualquer local e tempo, bastando que os elementos envolvidos na repetição do evento estejam em ressonância (mesma frequência de vibração) com os elementos envolvidos na ocorrência original desse evento. Isso implica que a Natureza possui memória.

Em todas as hipóteses mencionadas, pode-se notar que existe um ponto em comum: a análise deve ser realizada minuciosamente nas menores partes do sistema, pois, a Homeopatia envolve conceitos e manifestações físicas altamente complexas, como os hologramas, nos quais, a partir

de pequena parte da chapa fotográfica que o compõe, pode-se reconstituir a imagem total (POITEVIN, 1994). Entretanto, é necessário ressaltar que a análise das partes não será suficiente ao entendimento completo da Homeopatia, pois, apesar de partes conterem a imagem do todo, elas não são o todo. Portanto, deve-se realizar a análise das partes sem perder de vista a totalidade dos sistemas, o que implica admitir que as pesquisas em Homeopatia devem ter caráter holístico.

BELLAVITE & SIGNORINI (1998) após a análise de vários trabalhos elaboraram a revisão que está sintetizada nos parágrafos seguintes.

Novas visões estão surgindo sobre a vida e a matéria após a sistematização de dados experimentais da área de física quântica e após a demonstração de teorias matemáticas. Essas novas visões estão compatíveis com os princípios da Homeopatia. Os organismos vivos são profundamente regulados, complexos, dinâmicos e possuem metaestabilidade mediante níveis de homeostase. A metaestabilidade é resultante do processo contínuo de: oscilações, ritmos, comunicações em rede, ampliações de sinais e ciclos de retroinformação. Particularmente, os fenômenos de oscilação, ritmo e amplificação de sinais têm proximidade com os efeitos de preparados homeopáticos nos vegetais e no solo. Portanto os organismos estão sempre entre a Ordem da matéria e o Caos da matéria do próprio corpo, com o objetivo de sobreviver. A Ordem e o Caos estão presentes desde a célula até os órgãos de maior hierarquia do organismo.

Os organismos vivos são sistemas abertos e são dependentes de seus processos de regulação. Sua autoregulação não pode ser representada por equações lineares. Pela autoregulação os organismos podem perceber

as mínimas perturbações, notadamente quando estão predispostos a sensibilidade (quando estão vulneráveis). A autoregulação, como processo, faz parte das ações primárias e ações secundárias dos preparados homeopáticos, respectivamente, na fase de experimentação e na fase clínica. A vulnerabilidade dos organismos vivos faz parte dos mecanismos miasmáticos que no tratamento com homeopatia constituem obstáculos ao estado de ordem (cura).

Os organismos vivos percebem inclusive os campos magnéticos, mesmo que sejam de baixa intensidade, mas desde que os campos magnéticos tenham especificidades de frequência e de amplitude. Recentes estudos revelam que a água armazena e veicula as oscilações eletromagnéticas.

No texto de SUKUL & SUKUL (2004) são abordadas várias possibilidades sobre os mecanismos básicos das preparações homeopáticas e foram condensadas nos cinco parágrafos que se seguem:

1) As proteínas e os aminoácidos são macromoléculas com várias subunidades. São usadas como fontes de informação porque repassam instruções dentro dos organismos vivos. A água, apesar da molécula simplificada, forma estruturas diversificadas por causa das variabilidades de ligação com o Hidrogênio. As estruturas da água, com configurações bastante diversas por causa do Hidrogênio, podem ser alteradas pela sucussão durante o preparo das homeopatias. As configurações, com potência aumentada via dinamização, são preservadas pelo álcool, por meio dos componentes não polares do álcool. As configurações específicas, adquiridas durante o método de dinamização (diluição + sucussão), mantêm a identidade das substâncias originais e a informação de sua potência. Também mantêm a intensidade da ligação com Hidrogênio que é aumentada pela

sucussão.

2) As preparações homeopáticas ao serem aplicadas entram em contato com as proteínas e as membranas plasmáticas. As superfícies das células são envolvidas pela película de água que mantém sua configuração normal enquanto há condições saudáveis. As forças não-covalentes que alteram localmente a estrutura da água são as forças eletrostáticas, as forças ácido-base e as forças de Van der Waals. Quando a condição se caracteriza pela doença, a água passa a ter outras configurações, de acordo com a natureza da doença. Quando a água do preparado homeopático faz o contato com a película de água das células, a estrutura da água é alterada provocando mudanças estruturais na membrana protéica. Estas mudanças acionam eventos bioquímicos que restauram o estado de saúde.

3) Aquaporim é a proteína da membrana celular considerada “canal de água”. Essa proteína permite a passagem da água pela membrana e pode ser sinalizadora da potência do medicamento. Os açúcares são moléculas sinalizadoras e interagem com a água nos sistemas biológicos podendo reconhecer e responder aos preparados homeopáticos. Os preparados homeopáticos de substâncias são considerados “moléculas de água estruturada” e dão início a eventos bioquímicos nas células quando estabelecem contacto com moléculas de açúcar.

4) As preparações homeopáticas ultrapassam a constante de Avogadro a partir da 12^a dinamização (centesimal), portanto, probabilisticamente as preparações a partir de 12C não contêm moléculas do soluto. Entretanto as análises com Ressonância Magnética Nuclear (RMN) detectam diferenças entre as preparações de cada substância e até entre preparações e o solvente, quanto às variáveis: a)

(SLRT) "Spin-lattice relaxation time"; b) mudança química no núcleo do Deuterium. Também há diferenças nas análises via espectro Infra Vermelho (IR) das frequências de vibração das bandas de O-H, C-O, e C-H. Quanto a vibração da banda O-H, detectada pelo FTIR (fourier transform infra red), também as diferenças entre preparados são detectadas. Os padrões, picos e a absorvância dos espectros eletrônicos e de fluorescência também demonstram as diferenças entre as preparações não-moleculares elaboradas pelo método homeopático (diluição + sucussão). Os resultados preliminares indicam que o padrão de difusão estrutural (formação x rompimento das ligações de H) é específico de cada substância homeopatizada.

5) Nas diluições sucessivas, as partículas do soluto, com suas respectivas moléculas tipo SCW (solvation coordinated molecules of water), vão desaparecendo enquanto as moléculas tipo NSCW (non solvation) vão aumentando em número. É o hidrogênio ligado a moléculas tipo NSCW que guarda a especificidade estrutural do soluto e provoca os efeitos biológicos dos preparados homeopáticos. As substâncias insolúveis em água são dinamizadas por meio da trituração que disponibiliza nanopartículas com atividade biológica. As nanopartículas também estão presentes nos tecidos doentes com os quais se faz os nosódios.

A abordagem de KRATKY (1998) traz contribuições significativas ao entendimento do modo de ação das preparações homeopáticas sendo por isso resumida a seguir.

Com o avanço da matemática e da informática foi constatado que a maioria dos sistemas dinâmicos não é regular, é menos previsível do que suposto. Foi constatado ainda que os sistemas dinâmicos têm comportamento complexo e com características aleatórias, ou seja é caótico.

Caos significa desordem, acaso e estado aleatório. No caos o determinismo foi abalado pelas interações. No caos as inúmeras restrições feitas às previsões precisas, nos sistemas sensíveis, invalidam as pressuposições determinísticas.

Pela Teoria do Caos há expectativa de se modelar vários fenômenos e se entender sistemas flexíveis com capacidade adaptativa e formas diversas de representação. Pela Teoria do Caos é possível se obter contribuições ao entendimento dos fenômenos das preparações homeopáticas. Essa contribuição foi avançada por três pesquisadores Shepperd, Garner e Hock.

GARNER e HOCK, (1991) e SHEPPERD (1994) com base em estudos sobre as relações da Teoria do Caos com o método de preparo das homeopantias e também as relações com o modo de ação da homeopatia, estabeleceram correlações explícitas entre os dois fenômenos. Os autores concluíram que há ganho de informações com as sucessivas dinamizações. Nas baixas dinamizações as informações passadas contém poucos pormenores, são informações imprecisas. Nas altas dinamizações as informações são mais precisas e mais especificadas, contendo mais detalhes, conforme foi discutido por BELLAVITE & SIGNORINI (1999).

BASTIDE (1998) conduziu extensa e repetida experimentação com preparações homeopáticas contendo informações de substâncias endógenas. O modelo de ação dos organismos, diante da presença de preparações altamente diluídas e sucussionadas, proposto por BASTIDE (1998), foi experimentado em ratos vivos e embriões de pintinhos. As soluções dinamizadas foram preparadas com : a) Thimulina, substância endógena, hormônio da glândula timo, de ratos. B) Bursina, imunossinalizador sintetizado pela bursa dos pintinhos.

Nos ratos foi adotado o modelo clássico, ex-vivo, da imunofarmacologia, visando quantificar o efeito do imunomodulador thimulina homeopatizado. Nos pintinhos os experimentos foram feitos após a retirada cirúrgica da “bursa de Fabrício” dos embriões.

Como referencial teórico, BASTIDE (1998) utilizou os resultados de 1992 de Hadji, assim como, de 1994 e 1997 de Endler, que comprovaram a transmissão de informações biológicas por meio de ondas eletromagnéticas ou a partir de gravação em “compact disc” (CD), além da inibição das informações por meio de campos eletromagnéticos fortes. Também como resultado válido BASTIDE (1998) admitiu que:

a) A informação é dependente do estado de equilíbrio do organismo receptor.

b) A informação de moléculas endógenas é reconhecida automaticamente pelo organismo.

c) Usando substâncias endógenas, os princípios da similitude (similia) e da igualdade (aequalia) não se aplicam ao experimento. Os preparados homeopáticos, em situações que não envolvem a lei de cura “semelhante cura semelhante”, ou geram novo tipo de fenômeno ou a similitude/igualdade está presente.

Em razão do paradigma mecanicista adotar a interação entre substâncias/matéria e o paradigma do simbolismo adotar a linguagem dos fatos, foi assumido o paradigma dos sinais ou representações (significantes) de Lagache, publicado em 1997, e de Bastide e Lagache de 1997, com o objetivo de viabilizar o entendimento de como se processa a informação física dos organismos vivos.

Por ter havido efeito biológico dos preparados homeopáticos, sem implicações de similitude/igualdade, BASTIDE (1998) se deparou com novo fenômeno abrindo

caminhos sobre nova abordagem de informação, como consequência da dinamização (diluição + sucussão) de substâncias. BASTIDE (1998) não mencionou o significado de sua descoberta na terapêutica das disfunções fisiológicas (nos reinos vegetal e animal), porém deve ser destacado o horizonte de aplicações que surgem dessa experimentação.

As preparações homeopáticas também podem se tornar instrumental de pesquisa do efeito de sequências específicas de peptídeos sobre organismos vivos ou sobre funções específicas de órgãos.

BASTIDE (1998) propôs que a operação de sucussionar após a diluição transmite ao preparado, feito com imunomoduladores (Thimulina e Bursina), informações específicas das moléculas usadas no preparo na solução inicial. A teoria dos significantes (signifiers) de Lagache adota a lógica e a analogia. Nessa teoria os objetos semânticos são sinais físicos que transmitem informações. As ações terapêuticas da homeopatia podem ser interpretadas pelos significantes (signifiers) sinais ou representações. Cada organismo vivo funciona em conjunto, inteiro (holisticamente) e seus componentes não podem ser isolados. O organismo é diferente, antes e após cada evento, porque se modifica continuamente no decorrer do tempo. Tem memória mental e memória física, está aprendendo continuamente e irreversivelmente. O organismo vivo é complexo, informações são trocadas com seu exterior e no seu interior. Sua estrutura informa e é informada, comunicando-se de modo não verbal, tanto no nível corporal como nos níveis de maior hierarquia. Essa dinâmica permite o acesso de informações via homeopatia.

O objeto semântico provoca percepções no corpo do organismo vivo. A circulação de significantes, sinais ou de

representações tem suas leis próprias, destacando as seguintes.

- 1) Cada parte da informação não é considerada objeto, mesmo tendo seu próprio condutor. A informação da substância (soluto) é gerada pela diluição e a transmissão é via sucussão que gera o condutor eletromagnético da informação.
- 2) A percepção da informação não é local sendo feita pelo organismo todo, considerado como receptor. O receptor traduz o significado da informação e tem o poder de alterar seu comportamento.
- 3) O modo mais simples de representação das estruturas vivas é pelo mimetismo. Quando o organismo recebe a informação trazida pelo objeto semântico (molécula submetida a dinamização), o organismo recebe o objeto semântico não como objeto, mas como informação do objeto, que então provoca regulações ativas e processamentos. Essa operação é o mimetismo ativo e o efeito é comparado às funções fisiológicas.
- 4) Quando a representação por mimetismo é muito forte (ou se, como está, o organismo não pode reagir positivamente) acontece o efeito oposto, denominado mimetismo passivo, surgindo então a patologia (patogenesia), ou então, a patologia (patogenesia) já instalada é aumentada.

Como pode ser observado, BASTIDE (1998) discutiu com clareza os dados. Também com bastante pertinência inseriu o conhecimento gerado pela sua experimentação no contexto atual.

A interpretação de Bastide por meio das

representações, sinais ou significantes (signifiers) possibilita o entendimento dos fenômenos dentro da lógica do simbolismo. A autora conectou as representações com a já conhecida seqüência dos efeitos (da experimentação à clínica) dentro da visão médica, veterinária e agrônômica. As "leis próprias" propostas por BASTIDE (1998) carecem de indicadores físicos mensuráveis, portanto, a circulação dos sinais foi esclarecida, as estações e os veículos foram nomeados, porém o mecanismo manipulável ainda está desconhecido.

ENDLER (1998) estudou o efeito da tiroxina homeopatizada sobre a metamorfose de sapos. Estando normais ou sem deficiências, os sapos processaram a informação da tiroxina de vários modos (A,B, C, D), tal como resumido a seguir.

- A) As doses ponderais (10^{-9} M) aceleraram a metamorfose dos sapos normais (mimetismo passivo).
- B) Na diluição 1:100 ocorre mimetismo ativo e a metamorfose é lenta.
- C) Com dinamizações baixas a metamorfose é lenta.
- D) Com altas dinamizações é lenta ou rápida, dependendo das condições iniciais (e do ensaio).

Portanto é fácil alterar a intensidade da metamorfose por meio das substâncias endógenas e via mimetismo ativo ou passivo (das substâncias homeopatizadas).

BELLAVITE & SIGNORINI (1998) organizaram o referencial teórico específico de efeitos biológicos dos campos eletromagnéticos, tendo em vista contribuir com o entendimento de fenômenos de comunicação das ultradiluições nos organismos vivos. Os trabalhos revisados por BELLAVITE & SIGNORINI (1998) contêm evidências a

respeito do modelo de BASTIDE (1998) e por essa razão estão sumarizados nos próximos parágrafos.

Os fenômenos biológicos são caracterizados pelo alto nível de organização envolvendo informações de natureza biofísica entre moléculas e entre células. Há nos organismos vivos a ordem cibernética ancestral, posicionada ou não, e que ultrapassa o sistema nervoso/sistema circulatório/hormonal. O sistema ou ordem ancestral tem natureza eletromagnética. A radiação eletromagnética é a forma fundamental de conduzir informações na natureza. Essa modalidade de conduzir informações estaria em condições de interagir com os tipos de informações passadas nas dinamizações de preparados homeopáticos?

Os sinais eletromagnéticos são a linguagem ou o meio de comunicação entre átomos e moléculas. Também os sinais eletromagnéticos são o meio dos organismos receberem informações do ambiente. Os organismos vivos aprenderam a utilizar o eletromagnetismo como sistema de informação e de sinalização entre células e tecidos. Já foi comprovado que muitos sistemas biológicos produzem, recebem e guardam ondas eletromagnéticas como a luz.

Pelo modelo molecular (químico/bioquímico) tem sido difícil explicar o aumento da frequência do câncer, das doenças auto-imunes, das disfunções endócrinas e dos distúrbios neuropsíquicos. Essas doenças não são causadas por modificações específicas de genes ou de moléculas. Porém têm origem em mudanças de pequena intensidade na vulnerabilidade genética a tais doenças que então interagem com o ambiente ao expressar os sintomas.

Tanto na área das ultradiluições como no campo das doenças modernas vinculadas ao ambiente, teorias biofísicas estão sendo desenvolvidas porque as teorias químicas não

dão conta da sensibilidade/responsividade dos organismos aos campos eletromagnéticos de baixa energia.

A interação entre o organismo e as preparações homeopáticas ou os campos eletromagnéticos de baixa energia, provavelmente tem natureza biofísica. Essa interação está acoplada a sistemas caóticos altamente sensíveis e complexos.

Segundo CALLINAN (1999) o efeito das preparações não moleculares (homeopatia) provavelmente envolve as moléculas de água, assim como o tipo de energia que essas moléculas guardam. Portanto esse efeito é biofísico, é pouco conhecido como a acupuntura e como os mecanismos psicossomáticos (os mecanismos psíquicos responsáveis pelas doenças físicas e funcionais).

Dentre os recursos físicos conhecidos e disponíveis nas moléculas de água e que poderiam armazenar a causa efetiva dos preparados homeopáticos conforme CALLINAN (1999), destacam-se:

1) A energia cinética

O modo de armazenar essa energia nas condições de ambiente, é incompatível com as preparações homeopáticas.

2) A energia spin

A efetividade deste processo começa exatamente na temperatura inadequada aos humanos por isso também é incompatível com a homeopatia.

3) A excitação eletrônica

É de grande poder energético e o "laser" é o melhor exemplo de aplicação. Porém, a instabilidade dos elétrons excitados torna este processo eletrônico improvável e incompatível com a homeopatia.

4) A energia vibratória

Cientificamente a energia vibratória está associada,

dentre outros, aos fenômenos de percepção extra sensorial. O movimento vibratório da molécula da água é aumentado quando absorve energia e o movimento pode ser irradiado via espectro infravermelho. A energia da sucussão pode ser guardada pela molécula da água e pode haver permuta de energia entre a molécula da água e a molécula do soluto (substância original do preparado homeopático). Na água é guardada a energia do soluto.

As sucussões sucessivas aprofundam as gravações do soluto na água. Mas afinal o que é guardado? Não apenas energia é guardada, mas também as características, ou seja, a informação peculiar do soluto. Essa informação é recebida como instrução biológica. Cerca de 70 % das moléculas de água se organizam na forma estável denominada látice que é capaz de armazenar grande quantidade de energia vibratória. As mudanças na conformação da água, causadas pela informação da energia vibratória, podem ser analisadas e podem ser conhecidas. As mudanças na estrutura da água somente acontecem se houver a fonte de informação (soluto) e se forem feitas diluições seguidas de agitações ritmadas (sucussão). Somente com os dois procedimentos a água terá mudanças estruturais. A forma dos cristais de gelo retrata a energia individualizada da água (de cada água) e, tal como os flocos de neve, não há igualdades, apenas similitudes e individualidades, porque haverá sempre mínimas condições distintas e momentâneas de formação.

BELLAVITE et. al. (1998) revisou os fenômenos de ressonância que podem estar relacionados com os efeitos de preparações homeopáticas e o resumo de seu trabalho está relatado a seguir. Atualmente admite-se que os preparados homeopáticos contêm informações específicas de natureza biofísica, provavelmente via quasi-

partículas, cachos de água (cluster), látices isotópicas, dentre outros. Não estão excluídos os efeitos causados pelas interações moleculares convencionais (provavelmente nas baixas dinamizações).

O medicamento homeopático pode ser considerado como o "guia externo, da frequência do organismo adoecido", tendo em vista que, este organismo está com perturbações na oscilação de sua frequência e sem sincronização. Entende-se que o agente oscilador externo (medicamento homeopático) pode reestabelecer a sincronia ou sintonia interna.

É bastante estudado na física o fenômeno da ressonância: em acústica, no eletromagnetismo, na mecânica e na física nuclear. Se são conhecidas as características da frequência de oscilação do sistema **A** então podem ser constatada a vibração causada pelo estímulo das frequências do sistema **B** que lhe são semelhantes. O estímulo é carregado por ondas sonoras, ondas eletromagnéticas, ou vibrações mecânicas. Se o sistema **A** está oscilando, a ressonância com **B** pode aumentar a amplitude dessa oscilação, sempre que as ondas se sobrepõem. As ondas estando em fases opostas, o oposto vai ocorrer, mesmo com frequências semelhantes.

O fenômeno da homeopatia tem possibilidade de envolver efeitos de ressonância porque os sistemas biológicos se caracterizam pelas suas frequências peculiares que mantém unido o complexo de suas partes. Informações são transmitidas entre dois sistemas similares, por ressonância, sem alterações de estruturas e sem intercâmbio de matéria. Este recurso de comunicação (ressonância) é importante no sistema nervoso, assim como, dentro de células e pode inclusive conectar campos eletromagnéticos com sistemas

enzimáticos (T SONG,1992).

O mecanismo de ação por ressonância pode estar presente nos fenômenos de homeopatia. O medicamento homeopático pode ser interpretado como parte de elementos oscilantes que por ressonância transmitem suas características a fluidos biológicos e às estruturas, sujeitas a padrões de comportamento não lineares (como macro moléculas, membranas, filamentos, receptores). É possível a conexão entre a frequência do medicamento homeopático e os osciladores dos organismos desarmonizados/ desordenados.

O organismo cujo desequilíbrio está próximo do ponto de bifurcação, pode seguir algum caminho dependendo de mínimas flutuações. O medicamento homeopático pode atuar na decisão do caminho, interferindo assim no sistema de defesa. Deve ser acoplado ao argumento de BELLAVITE et. al. (1998) que na homeopatia está bastante claro que a autoregulação é o alvo do tratamento. A Força Vital (autoregulação) é o centro de decisões que acessa os pontos de bifurcação. O tratamento homeopático não visa alterar órgãos ou tecidos, mas visa provocar reações/decisões no organismo por meio da autoregulação (Força Vital).

A ressonância, sendo o meio de transmissão das informações semelhantes do medicamento homeopático, encontra no corpo desordenado, a autoregulação, entendida por Hahnemann como autocracia, com poder de decodificar as informações visando restaurar a ordem no corpo. Se no medicamento há muitas informações semelhantes (físicas e mentais) a autoregulação processará os dados atingindo todo o corpo e a mente. A maior especificidade ou maior semelhança, entre medicamento e organismo, determina a eficiência final da ressonância em homeopatia.

BENVENISTE (1998) com base nos resultados de 3 experimentos discutiu os efeitos biológicos de preparações homeopáticas considerando as duas hipóteses: interação molecular e reconhecimento molecular. O fato do tratamento térmico (70° C, 30 min) e do campo magnético (50 Hz, 150 oersteds, 15 min) terem suprimido o efeito de preparações homeopáticas significa não haver base química-molecular na atividade dos preparados, porém, apenas base física. A proposta é compatível com a teoria de DEL GIUDICE & PREPARATA (1988), ou seja, a água atua como o “laser” dipolo elétrico livre, por causa da interação entre dipolos da água e o campo de radiação da molécula com carga. Essa interação provoca a polarização permanente da água que então torna-se coerente, tal como no raio “laser”. A água tem esse poder de atuar como agente de transmissão porque pertence à molécula do soluto e portanto pode representar a molécula.

Durante o processo de sucussão (agitação) a molécula é separada da própria mensagem que é conduzida pela água perimolecular coerente. Esse processo de representação está vinculado ao mecanismo de comunicação molecular. Não se sabe como as moléculas da água transmitem as representações entre si. Provavelmente há mecanismos eletromagnéticos envolvidos. A função única das estruturas moleculares seria manter a carga elétrica que no ambiente com água gera seu campo específico. Havendo ressonância ou campos opostos pode acontecer comunicação à distância. O campo sendo modificado ligeiramente por causa de variações na estrutura das moléculas, possibilitaria a mensagem ser recebida ou não, por algum receptor.

REY (1998) publicou no periódico científico “Nature” seu trabalho sobre termoluminescência em temperatura baixa,

fenômeno que foi confirmado posteriormente e tornou-se instrumental no estudo sobre estruturas moleculares. Rey testou o Cloreto de Lítio e o Cloreto de Sódio em ultra diluições, 15^a centesimal (preparação homeopática) tendo como testemunha (controle) a preparação diluída/sucussionada do próprio solvente, ou seja, a água pura (óxido de deutério principalmente). O objetivo foi testar a hipótese de que estruturas desenvolvidas por substâncias químicas no solvente são mantidas mesmo após diluições sucessivas seguidas de vigorosa agitação mecânica (preparação homeopática). Foi constatado que a termoluminescência entre as três preparações (testemunha, cloreto de lítio e cloreto de sódio) diferiu, sendo confirmada a diferença nos vários experimentos repetidos. A ultradiluição de cloreto de lítio causou o efeito fantasma de supressão das ligações de hidrogênio. Rey concluiu que o solvente foi modificado pelos sais LiCl e NaCl e essas modificações permaneceram após o desaparecimento das respectivas moléculas na 15^a dinamização centesimal. O fenômeno de permanência (gravação) da estrutura dos solutos resulta de alterações na rede de ligações de hidrogênio. A gravação é mantida pela sucussão durante as sucessivas diluições.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANAGNOSTATOS, G.S. Small water clusters (clathrates) in the homeopathic preparation process. In: Fundamental research in ultra high dilutions and homeopathy. Kluwer Ac. Publ. The Netherlands, 1998, p.121-128.

ANDRADE, F.M.C. Homeopatia no crescimento e produção de cumarina em chambá (*Justicia pectoralis*, Jacq). Viçosa-MG, UFV, Dissertação (Mestrado em Fitotecnia), 2000, 286p.

ARMOND, C. Crescimento e marcadores químicos em plantas de *Bidens pilosa* L. (Asteraceae) tratadas com homeopatia. Viçosa, MG. Universidade Federal de Viçosa, 2003. 145p. Dissertação (Mestrado em Fitotecnia).

ASPECT, A. Experiment realization of Einstein-Rosen-Bohm. *Physical Review Letters*, v.49, n.2, p.91-94, 1982.

AZEVEDO, E. Alimentos Orgânicos. Insular Editora, Florianópolis, 2000, 200p.

BACHELARD, G. A homeopatia e seus ritmos. *Revista de homeopatia*, v.60, n.1, p. 25-26, 1995.

BARBOZA, M.A. Ação de campos magnéticos em alguns sistemas químicos e biológicos. Campinas-SP, UNICAMP, Dissertação (Mestrado em físico-química), 2002, 144p.

BAROLLO, C.R. Aos que se tratam com homeopatia. Editora Robe, São Paulo-SP, 1996, 208p.

BASTIDE, M. Information and communication in living organisms. In: Fundamental Research in Ultra High Dilutions

and Homeopathy. Kluwer Ac. Publ. The Netherlands, 1998, p. 229-239.

BATIROLA DA SILVA, M.R. Assimilação de CO₂ em plantas de *Sphagneticola trilobata* (L.) Pruski tratadas com preparados homeopáticos. Viçosa-MG, UFV, Dissertação (Mestrado em Fitotecnia), 2005, 54p.

BELLAVITE, P. Complexity science and homeopathy: a synthetic overview. *Homeopathy* (92), p.203-212, 2003.

BELLAVITE, P. Medicina biodinâmica: a força vital, suas patologias e suas terapias. Papyrus Editora, Campinas-SP, 2002, 408p.

BELLAVITE, P.; SIGNORINI, A. Biological effects of electromagnetic fields. In: Fundamental Research in Ultra High Dilutions and Homeopathy. Kluwer Ac. Publ. The Netherlands, 1998. P. 127-142.

BELLAVITE, P.; SIGNORINI, A. Pathology, complex systems and resonance. In: Fundamental Research in Ultra High Dilutions and Homeopathy. Kluwer Ac. Publ. The Netherlands, 1998, p.105-116.

BENABDALLAH, M. Contribuição da física quântica e da matemática à homeopatia. *Revista de Homeopatia*, v.60, n.1, p. 40-45, 1995.

BENNETT, C.H. Quantum information and computation. *Physics Today*. American Institute of Physics, October, 1995, p.24-30.

BENVENISTE, J. Further biological effects induced by ultra

highdilutions. Inhibition by a magnetic field. IN: Fundamental Research in Ultra High Dilutions and Homeopathy. Kluwer Ac. Publ. The Netherlands, 1998. P. 35-38.

BIGNARDI, F. Ecologia médica, homeopatia e agricultura orgânica. In: Seminário Brasileiro sobre Homeopatia na Agropecuária Orgânica, 1º, Viçosa-MG, Anais, 1999, p.7-17.

BONATO, C.M. Homeopatia: fisiologia e mecanismos em plantas. Seminário sobre Ciências Básicas em Homeopatia, 4º, Anais, Lages-SC, 2004, p.38-54.

BONATO, C.M. Mecanismos de atuação da homeopatia em plantas. Seminário Brasileiro sobre Homeopatia na Agropecuária Orgânica, 5º, Anais (palestra), Toledo-PR, 2003, p.17-44.

BRUNINI, C.; SAMPAIO, C. Homeopatia. Princípios, Doutrina e Farmácia. Mythos Editora, São Paulo-SP, 1993, 315p.

CALLINAN, P. Homeopahty: how does it work. 1999, Disponível em: [htt://www.eme.com.au/http://www.eme.com.au](http://www.eme.com.au/http://www.eme.com.au).

CAMPOS, J.M. O eterno plantio: reencontro da medicina com a natureza. Cultrix Editora, São Paulo-SP, 1994, 247p.

CAPRA, F. O ponto de mutação. Cultrix Editora, São Paulo-SP, 1982, 447p.

CARDOSO, R.C. Homeopatia e alopatia: a análise de um problema I-Considerações acerca dos seres vivos. *Ciência e Cultura*, 42(12), p.1035-1044, 1990.

CARLINI, E.A. Homeopatia: ontem, hoje, e amanhã. *Revista da Associação M. Brasileira*, v.29, n.11, p.210-214, 1983.

CASALI, V.W.D. Utilização da homeopatia em vegetais. IN: Seminário Brasileiro sobre Homeopatia na Agropecuária Orgânica, 5º, Anais (palestra), Toledo-PR, 2003, 154p.

CASALI, V.W.D.; CASTRO, D.M.; ANDRADE, F.M.C. Pesquisa sobre Homeopatia nas Plantas. Seminário Brasileiro sobre Homeopatia na Agropecuária Orgânica, 3º, Anais (palestra), Campinas do Sul-RS, 2001, 99p.

CASTRO, D.M. Preparações homeopáticas em plantas de cenoura, beterraba, capim-limão e chambá. Viçosa-MG, UFV, Tese (Doutorado em Fitotecnia), 2002, 227p.

COUTINHO, J.C. Farmácia. In: Brunini, C.; Sampaio, C. Homeopatia, princípios, doutrina, farmácia. Mythos Editora, São Paulo-SP, 1993, p.243-278.

DANTAS, F. Lógica, clínica homeopática. *Revista de Homeopatia*, 58 (4), p.48-54, 1991.

DAVENAS, E.; BEAUVAIS, F.; AMARA, J.; OBERDAUM, M.; ROBINSON, B.; MIADONNA, A.; TEDESCHI, A.; POMERANZ, B.; FORTNER, P.; BELON, P.; SAINTE-LAUDY, J. POITEVIN, B.; BENVENISTE, J. Human basophil degranulation triggered by very dilute antiserum against. *Nature*, v.333, p.816-818, 1988.

DEL GIUDICE, E.; PREPARATA, G.; VITIELLO, G. Water as a free electric dipole laser. *Physical Review Letters*, v.61, n.9, p.1085-1088, 1988.

DUARTE, E.S.M. Soluções homeopáticas, crescimento e produção de compostos bioativos em *Ageratum conyzoides* L. (Asteraceae), Viçosa-MG, UFV, Dissertação (Mestrado em Fitotecnia), 2003, 92p.

DUDGEON, R.E. O princípio homeopático antes de Hahnemann. *Revista de Homeopatia*, v. 59, n.2, p.8-18, 1994.

EISBERG, R.; RESNICK, R. Física quântica. Editora UFRJ, Rio de Janeiro, RJ, 1994, 928p.

ENDLER, P.C. The metamorphosis of amphibians and information of the thyroxin storage via the bipolar fluid water and on a technical data carrier: transference via na electronic amplifier. In: Fundamental Research in Ultra High Dilutions and Homeopathy. Kluwer Ac. Publ. The Netherlands, 1998, p.155-187.

FONTES, O. L. Farmácia homeopática – teoria e prática. São Paulo: Manole. 353 p. 2001.

GARNER, C.; HOCK, N. Chaos theory and homeopathy. *Berlin Journal Research Homeopathy*. v.1, p.236-242, 1991.

GERBER, R. Medicina vibracional: uma medicina para o futuro. São Paulo-SP, Cultrix Ed., 1988, 463p.

GOSWAMI, A. O Universo auto consciente: como a consciência cria o mundo material. 4ª Ed. Editora Rosa dos Tempos, Rio de Janeiro-RJ, 2001, 357p.

GUTMANN, V. Estudos sobre a organização do sistema molecular. *Revista de Homeopatia*, v.55, n.4, p.111-114, 1990.

HAHNEMANN, S. Ensaio sobre novo princípio para se averiguar os poderes curativos das drogas. *Revista de Homeopatia*, v.59, n.3, p.32-64. 1994.

KHRENNIKOV, A. Classical and quantum dynamics on s-adic trees of ideas. *Bio Systems*, v.56, p. 95-120, 2000.

KLEIJNEN, J. Clinical trials of homeopathy. *British Medical J.*, v.302, p.316-323, 1991.

KOLISKO, E.; KOLISKO, L. Agriculture of tomorrow, 2^a Ed. Acorn Press, Bournemouth, England, 1978. 321p.

KRATKY, K.W. Interactivity, feedback and chaos control. In: *Fundamental Research in Ultra High Dilutions and Homeopathy*. Kluwer Ac. Publ. The Netherlands 1998, p. 117-126.

LACERDA, P. Manual prático de farmacotecnica contemporânea em homeopatia. Editora Andrei, São Paulo-SP, 1994, 173p.

LANDAUER, R. Information is physical. *Physics Today*. American Institute of Physics, May 1991, p.23-29.

LEITE, C.E. *Nutrição e Doença*. Ibrasa Editora, São Paulo-SP, 1987, 288p.

LEHNINGER, A. L. *Short Course in Biochemistry*. Institute of Electrical & Electronics Engineer, 1973. 452 p.

LINDE, K. Are de clinical effects of homeopathy placebo effects? A meta-analysis of placebo-controlled trials. *The Lancet*, v.350, p.834-843, 1997.

LINDE, K. Impact of study on outcome in placebo-controlled trials of homeopathy, *J. Clin. Epidem*, v.52, n.7, p.631-636, 1999.

LISBOA, S.P.; CUPERTINO, M.C.; ARRUDA, V.M.; CASALI, V.W.D. Nova Visão dos Organismos Vivos e o Equilíbrio pela Homeopatia, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa-MG, 2005, 103p.

MAGALDI, W. Psicohomeopatia: símbolos e mitos na homeopatia. In: Homeopatia, princípios, doutrina, farmácia. Editora Mythos, São Paulo-SP, 1993, p.301-314.

MENESCAL, V. Evolução do conceito hahnemanniano de enfermidade. IN: Compendio de Homeopatia, Editora Robe, São Paulo-SP, 1995, 466p.

MICHAUD, J. Homeopatia Geral. Andrei Editora, São Paulo-SP, 1998, p.87-104.

MORENO, J.A . Ciência da Homeopatia, 3ª Ed., Editora Hip. Hahnemanniana. Belo Horizonte-MG, 2002, 241p.

NASSIF, M.R.G. Compendio de Homeopatia II, Robe Editora, São Paulo-SP, 1995, 466p.

POITEVIN, B. É possível avaliar a homeopatia. *Revista de Homeopatia*, 56 (1), p.3-9, 1991.

POITEVIN, B. Mecanismos de ação dos medicamentos de uso homeopático. Dados recentes e hipóteses 1º parte – mecanismos físico-químicos. *Revista de Homeopatia*, v.59, n.1, p. 25-30, 1994.

POITEVIN. Mecanismos de ação dos medicamentos de uso homeopático. Dados recentes e hipóteses. 2ª parte- mecanismos biológicos. *Revista de Homeopatia*, 59 (2), p.27-31, 1994.

PONGRATZ, W.; NOGRASEK, A.; ENDLER, C. Highly diluted agitated silver nitrate and wheat seedling development. In: *Fundamental Research in Ultra High Dilutions and Homeopathy*. Kluwer Ac. Publ. The Netherlands, 1998, p. 143-154.

PORTO, M.E.G. Alterações de propriedades biológicas e fisico-químicas da água induzidas por campos magnéticos. Campinas-SP, UNICAMP, Dissertação (Mestrado em Físico-química), 1998, 111p.

PORTO, M.E.G. Alterações de propriedades da água por processos físicos e químicos. Campinas-SP, UNICAMP, Tese (Doutorado em Físico-química), 2004, 188p.

PUSTIGLIONE, M. Homeopatia e pesquisa. *Revista de Homeopatia*. v.56, n.4, p.10-15, 1991.

REGO, R.A. Conceitos de bioenergia. *Revista de Homeopatia*, v.57, n.1, p.3-19, 1992.

REY, L. Thermoluminescence of ultra high dilutions of lithium chloride and sodium chloride. *Physica A*, v.323, p.67-74, 2003.

SAWA, S. Alternative biophysics: investing in the study of the biofield. *Journal of New Energy*, v.4, n.4, p.79-89. 2000.

SCHEMBRI, J. Conheça a homeopatia. Belo Horizonte-MG,

Rona Editora, 1992, 263p.

SCHULTE, J.; ENDLER, C. Fundamental research in ultra high dilution and homeopathy, Kluwer Ac. Publ. London, 1998, 261p.

SCHWARTZ, G.E.R.; RUSSEK, L.G.S. The plausibility of homeopathy: the systemic memory mechanism. *Integrative Medicine*, v.1, n.2, p.53-59, 1998.

SCOFIELD, A .M. Homeopathy and its potential role in agriculture. A critical review. *Biological Agriculture and Horticulture*, 1984, v.2, p.1-50.

SHELDRAKE, R. O renascimento da natureza. Cultrix Editora, São Paulo-SP, 1991, 236p.

SHEPPERD, J. Chaos theory: implications for homeopathy. *Journal American, Institute Homeopathy*, v.87, p.22-29, 1994.

SILVA,W.R.G. As ultradiluições e as estruturas virtuais quânticas. In: Seminário sobre Ciências Básicas em Homeopatia, 4º, Lages-SC, Anais, 2004, p.62-85.

STORACE, J.; LACERDA, M. Física e Homeopatia: esboço das possíveis relações. In: Homeopatia, princípios, doutrina, farmácia. Editora Mythos, São Paulo-SP, 1993, p.291-300.

SUKUL, N.C.; SUKUL, A. High dilution effects: physical and biochemical basis. Kluwer Acad. Publishers, London, 2004, 130p.

TIEFENTHALER, A. Homeopatia dos animais domésticos e de produção. São Paulo-SP, Andrei Editora, 1996, 325p.

TSONG, T.Y. The language of cells. Molecular processing of electric signals by cell membrane. IN: Bioelectro dynamics and biocommunication. Cingapura p. 131-158.

VIEIRA, C.; DE GREGORI, W. Saúde auto-conduzida. Ícone Editora, São Paulo-SP, 1990, 174p.

VITHOULKAS, G. Homeopatia: Ciência e Cura. São Paulo-SP, Cultrix Ed, 1980, 463p.

WIEGANT, F. A strategy for research into homeopathy. In: Fundamental Research in Ultra High Dilution and Homeopathy. The Netherlands, Kluwer Ac. Publishers, 1998, p.19-43.

GLOSSÁRIO

Agravação – fase nem sempre observada no tratamento homeopático em que pode haver piora dos sintomas. Ocorre devido à reação do paciente à medicação homeopática.

Antroposofia – doutrina espiritual e mística que teve sua origem na teosofia e que se baseia, principalmente, nos ensinamentos do filósofo austríaco Rudolf Steiner; estudo da natureza humana sob o aspecto da moral.

Dinamização – ato ou efeito de dinamizar; em homeopatia é a designação do processo de diluição seguido de sucussão.

Homeostase – tendência à estabilidade do meio interno do organismo.

Mol - é a quantidade de matéria de um sistema que contém tantas unidades elementares quantos forem os átomos contidos em 0,012 kg de Carbono-12. Por esta definição, qualquer quantidade de matéria que contenha $6,022 \times 10^{23}$ entidades (átomos, moléculas, etc) é um mol.

Sucussão – ato de sacudir, de agitar